



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Jakeline Longo Porto

Romances-folhetins de “bom tom” para o encanto do “belo sexo”:
reflexões sobre as narrativas produzidas por João Manuel Pereira da
Silva

São José do Rio Preto
2024

Jakeline Longo Porto

Romances-folhetins de “bom tom” para o encanto do “belo sexo”:
reflexões sobre as narrativas produzidas por João Manuel Pereira da
Silva

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração em Teoria e Crítica Literária junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Norma Wimmer

São José do Rio Preto
2024

P853r

Porto, Jakeline Longo

Romances-folhetins de "bom tom" para o encanto do "belo sexo" : reflexões sobre as narrativas produzidas por João Manuel Pereira da Silva / Jakeline Longo Porto. -- São José do Rio Preto, 2024

137 p. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Norma Wimmer

1. Narrativas Brasileiras. 2. Literatura Brasileira Séc. XIX. 3. História e Literatura. 4. Literatura e Jornalismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Jakeline Longo Porto

Romances-folhetins de “bom tom” para o encanto do “belo sexo”:
reflexões sobre as narrativas produzidas por João Manuel Pereira da
Silva

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração em Teoria e Crítica Literária junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Norma Wimmer

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Norma Wimmer
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Profa. Dra. Gisele M. Fernandes
UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Kenia M. A. Pereira
UFU – Uberlândia

Prof. Dr. Nelson Luís Ramos
UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Lúcia Granja
Unicamp – Campinas

São José do Rio Preto
8 de março de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em quem confiei meus planos com a certeza de que teria toda a capacitação, provisão e que em meu caminho apareceriam pessoas enviadas por Ele, para que essa pesquisa chegasse ao êxito.

Agradeço a minha família, especialmente a minha mãe Bernadete Longo e minha irmã Karoline Longo Porto, bem como a todos que de alguma forma contribuíram para a confecção desse trabalho, seja dando-me apoio e ou sugestões.

Agradeço a minha orientadora Norma Wimmer, por ter abraçado meu projeto de doutorado com tanto empenho e dedicação. Também agradeço pelo apoio e paciência em me orientar, pela grande contribuição que a mim foi dada, buscando meu crescimento acadêmico.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, a qual agradeço. Reitero o quanto foi indispensável tal apoio financeiro ao longo da execução desse trabalho.

Agradeço a Profa. Dra. Lúcia Granja (Unicamp), a Profa. Dra. Kenia Maria de Almeida Pereira (UFU), a Profa. Dra. Gisele Manganelli Fernandes (UNESP) e ao Prof. Dr. Nelson Luís Ramos (UNESP), por terem aceitado a participar de minha defesa de doutorado, pelas críticas construtivas e sugestões que me auxiliaram nesse trabalho.

RESUMO

Esta tese tem o objetivo de estudar narrativas de ficção publicadas nos periódicos da primeira metade do século XIX pelo escritor, historiador e político João Manuel Pereira da Silva. Após um primeiro contato com o corpus, observamos que ele se dividia em três grandes eixos temáticos: narrativas fantásticas, sociais e históricas. Essa divisão foi considerada para a execução deste trabalho. A partir disso, iniciamos uma investigação de um dos critérios de julgamento para a avaliação da qualidade da prosa da época, a moralidade. Verificamos que as narrativas fazem uso do aparato de leis em vigor na época, o *Código de Ordenações Filipino*, e também interpõem as regras religiosas da fé em voga, a da Igreja Católica. Estudando o “projeto moralista” de Pereira da Silva, constatamos que as convenções norteadoras da prosa ficcional de Silva, estavam na esteira da ideia, muito utilizada pelos periódicos do século XIX, de instruir e divertir ao mesmo tempo. Nessa época, já se tinha em mente que a literatura tem um poder corruptor e dessa maneira, poderia moldar decisões ou, ainda, emprestar ideias a quem não as tem. Assim, era de bom tom que a disseminação de conceitos fosse referente ao princípio moralista do convívio na sociedade oitocentista.

Palavras-chave: Pereira da Silva, Narrativas Brasileiras, História e Literatura, Literatura e Jornalismo.

ABSTRACT

This Ph. D. dissertation aims at studying the fictional narratives published in the newspapers of the first half of the 19th century by the writer, historian, and politician João Manuel Pereira da Silva. After an initial contact with the *corpus*, it was observed that it could be divided into three major thematic axes: fantastic, social, and historical narratives. This division was taken into account in the execution of this dissertation. Then, an investigation related to morality, one of the criteria for evaluating the quality of prose during that period, was conducted the conclusion was that the narratives make use of the technique used at the time, the "Philippine Ordination Code" and also incorporate the religious rules of the prevailing faith, that is, of the Catholic Church. By studying Pereira da Silva's "moralistic project," it was noticed that the conventions that Silva's fictional prose followed the idea, widely used by 19th-century newspapers, of instructing and entertaining at the same time. During this period, it was already understood that literature has a corrupting power and could shape decisions or even lend ideas to those who do not possess them. Therefore, it was considered proper to disseminate concepts related to the moral principles of the 19th-century society in a favorable manner.

Keywords: Pereira da Silva, Brazilian Narratives, Literature and History, Literature and Journalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Retrato de João Manuel Pereira da Silva.	08
Imagem 2: Nota de falecimento de Silva.	10
Imagem 3: Nota da missa de sétimo dia da esposa.	11
Imagem 4: Nota de falecimento da filha.	12
Imagem 5: Silva como redator do <i>Jornal dos Debates</i> .	13
Imagem 6: <i>Luiza</i> : legenda brasileira.	23
Imagem 7: <i>Luisa</i> .	23
Imagem 8: <i>As catacumbas de S. Francisco de Paula</i> .	39
Imagem 9: <i>As catacumbas de S. Francisco de Paula</i> : romance.	39
Imagem 10: <i>Um primeiro amor</i> .	53
Imagem 11: <i>Um primeiro amor no baile do Catete</i> : romance.	53
Imagem 12: <i>Uma paixão de artista</i> : romance.	62
Imagem 13: Fornarina de Rafaelo Sanzio.	65
Imagem 14: <i>Religião, amor e pátria</i> : romance histórico.	78
Imagem 15: Retrato do rei D. Miguel I, em 1830.	80

SUMÁRIO

1. Introdução	08
2. Narrativas fantásticas	20
2.1 Luiza: legenda brasileira	23
2.2 As catacumbas de S. Francisco de Paula	39
3. Narrativas de matéria social	49
3.1 Um primeiro amor	53
3.2 Uma paixão de artista	62
4. Narrativas com fundo histórico	73
4.1 Religião, amor e pátria: romance histórico	78
4.2 Crítica do periódico <i>O Despertador</i>	88
5. Considerações Finais	94
6. Referências	
7. Anexo I: Críticas	
8. Anexo II: Imagens das narrativas	

1. Introdução



Imagem 1: Retrato de João Manuel Pereira da Silva. Fonte: Senado Federal – Sisson, 1999, v. II, p. 272.

O objetivo dessa pesquisa é o de promover o estudo de alguns textos da produção ficcional de João Manuel Pereira da Silva, com o intuito de perceber as convenções que regulavam a sua prosa de ficção. Além disso, realizaremos uma apresentação do escritor com a finalidade de completar as muitas lacunas com mais informações sobre sua vida e carreira.

João Manuel Pereira da Silva nasceu na Vila de Iguaçu, Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1817. Seu pai foi Miguel Joaquim Pereira da Silva e,

sua mãe, Joaquina Rosa de Jesus e Silva. Dos irmãos de Silva, conhecemos somente dois: Luiz Joaquim Pereira da Silva (*Jornal do Commercio*, 1891, n. 164, p. 7) e José Joaquim Pereira da Silva (Idem, 1892, n. 11, p. 6).

A família habitava na Vila de Iguaçu, em casa própria, a única da Vila, pois todas as outras pagavam foro¹ do terreno por elas ocupado ou estavam sujeitas “ao contrato de arrendamento” (Idem, 1839, n. 88, p. 3).

Pereira da Silva estudou direito na França, para onde partiu em 16 de janeiro de 1834 (Idem, n. 13, p. 2). Só retornou ao Brasil, em 17 de maio de 1837 (*Jornal do Commercio*, 1837, n. 109, p. 4), a fim de dedicar-se à literatura. Tornou-se escritor, entre outros, de textos ficcionais com ambientação histórica, além de ser historiador.

Silva também era redator do *Jornal dos Debates Políticos e Literários* do Rio de Janeiro, em 1837.

Posteriormente, em 1839, fundou ao lado de Pedro de Alcântara Bellegarde e Josino do Nascimento Silva, a *Revista Nacional e Estrangeira*, que circulou até 1841.

Pereira da Silva casou-se com Maria Eliza de Sauvan Monteiro de Barros, filha do Coronel Ignácio Gabriel Monteiro de Barros, em 1844. Deste matrimônio, tivemos notícias de duas filhas, uma falecida prematuramente, em 3 de abril de 1848. Trata-se de Alda Pereira da Silva (*Jornal do Commercio*, n. 94, p. 4). A outra filha era Maria Eliza Pereira da Silva Abreu e Araújo, a Baronesa de Itajubá, título obtido pelo matrimônio com Marcos Antônio de Abreu e Araújo, o Barão de Itajubá (Vasconcellos, 1918, p. 204 - 205).

Pereira da Silva também foi político e se elegeu várias vezes, sempre vinculado ao Partido Conservador. Foi deputado geral nos anos de 1843 e 1844, 1848, 1850 a 1852, 1853 a 1856, 1867 e 1868, 1869 e 1870, 1872 a 1875, 1877, 1882 a 1884 e 1886 e 1887 (Silva, 2003, p. 13). Também, de 9 de janeiro de 1888 a 1889, ocupou uma cadeira no Senado Imperial. Logo após a Proclamação da República, Pereira da Silva deixou a vida de parlamentar e se recolheu à vida pessoal.

¹ Pessoa que têm licença para uso do imóvel que é de outra pessoa.

Após deixar a vida política, Silva consegue tornar-se membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira de número 34, entre 1897 e 1898; esta tinha como patrono Sousa Caldas. Foi sucedido pelo Barão do Rio Branco.

João Manuel Pereira da Silva faleceu em 14 de junho de 1898, em Paris.

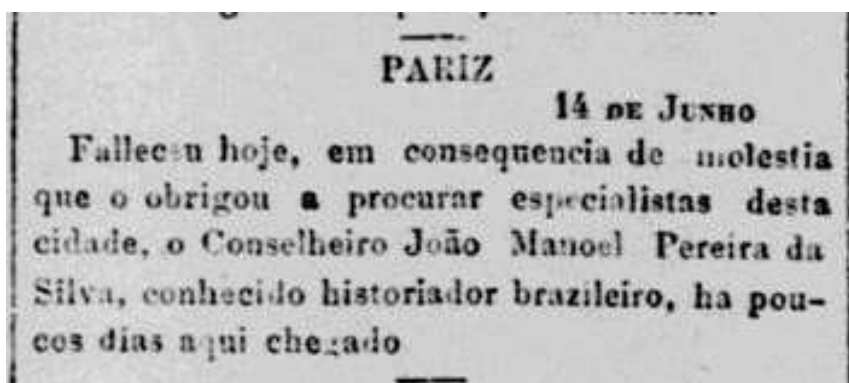


Imagem 2: Nota de falecimento de Silva. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal do Commercio*, 1898, n. 166, p. 2.

De sua morte, temos a notícia por meio de um breve relato divulgado pelo periódico *Jornal do Commercio*. Nele, encontramos alguns nomes das personalidades presentes no funeral, tanto brasileiras como francesas, bem como a causa morte, uma bronquite aguda. Transcrevemo-los aqui:

Escrevem-nos de Paris, no dia 17 de junho:

Em sua residência do Boulevard Haussman n. 121, faleceu no dia 15 do corrente, como já foi aí noticiado pelo telegrafo, o Conselheiro João Manuel Pereira da Silva, que, vindo do Brasil, chegara a esta cidade no dia 10. Sucumbio a uma bronquite aguda, na idade de 81 anos.

O seu funeral efetuou-se esta manhã, sendo os convites feitos por Mme. Pereira da Silva, sua viúva; pela Baronesa de Itajubá, sua filha; por D. Alda Monteiro de Barros, sua sogra e pelo Dr. Braz A. Monteiro de Barros, seu cunhado.

Quase toda colônia brasileira de Paris concorreu à cerimônia fúnebre, começada na igreja de St. Augustin e terminada ao cemitério do Père Lachaise.

Entre os muitos brasileiros presentes, podemos notar os Srs. Barão de Muritiba, Manuel da Silva Pontes Júnior, Dr. Manuel José Barbosa, Oscar do Amaral, Dr. Marques de Sá, Barão do Rio Branco, Henrique de Araújo e

senhora, Conde de Villeneuve, Conde de Figueiredo, Dr. Hermano Ramos e senhora. Baronesa de Carvalho Borges, Dr. Lima e Silva, Domício da Gama, Argollo Ferrão, Simão da Porciumcula [sic] e família, Dr. Prates, Barão de Albuquerque, Dr. Hilário de Gouvêa, Barão e Baronesa de Mattos Vieira, Carlos de Almeida, Visconde e Viscondessa de Santa Victória, Azevedo Macedo, Barão e Baronesa de S. Joaquim, Adolfo Klimgelhoefer, Conde e Condessa de Araguaia, Conde e Condessa de Nioac, Barão e Baronesa de Nioac e Máximo de Sousa e senhora. (*Jornal do Commercio*, 1898, n. 187, p. 2).

A esposa de Silva, Maria Eliza de Sauvan Monteiro de Barros Pereira da Silva, falece em Paris, no dia 28 de setembro de 1910.

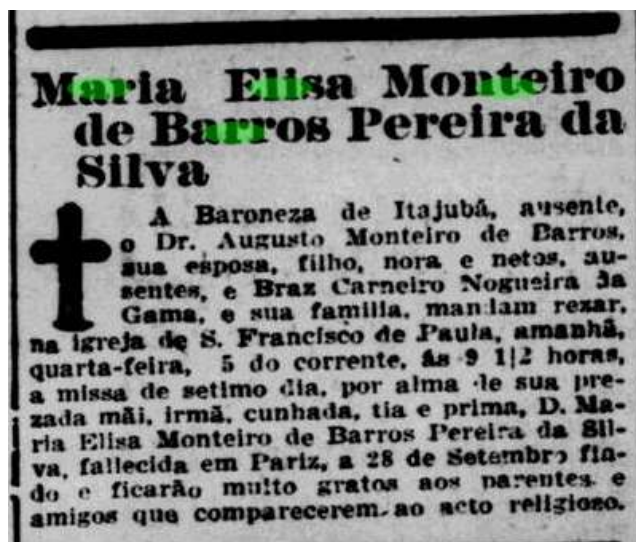


Imagem 3: Nota da missa de sétimo dia da esposa. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca - *Jornal do Commercio*, n. 278, p. 15.

Maria Eliza Pereira da Silva Abreu e Araújo, a Baronesa de Itajubá, filha de Pereira da Silva, já viúva desde 6 de novembro de 1897², falece em Paris, no dia 23 de julho de 1929.

² Notícia informada pelo periódico francês *Gaoulois* e republicada no *Jornal do Commercio* (n. 333, p. 2).



Imagem 4: Nota de falecimento da filha. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal do Commercio*, n. 175, p. 1

João Manuel Pereira da Silva publicou suas narrativas nos periódicos *Gabinete de Leitura: Serões das Famílias Brasileiras*, *Jornal para todas as classes, sexos e idades*; *Jornal dos Debates, Políticos e Literários*; *Museu Universal: Jornal das Famílias Brasileiras* e *Jornal do Commercio*.

A folha *Gabinete de Leitura: Serões das Famílias Brasileiras, Jornal para todas as classes, sexos e idades*, do Rio de Janeiro, circulou de 1837 a 1838. Era uma folha destinada à literatura, saía sempre aos domingos. Não temos conhecimento de quem eram os membros do corpo fundador ou editoria. Era impressa na Tipografia Comercial de Josino do Nascimento Silva, a mesma que imprimia a folha *O Chronista*, de Justiniano José da Rocha.

O último fascículo do *Gabinete* a que temos acesso na Biblioteca Nacional, Hemeroteca é o n. 35, mas não sabemos se a publicação foi encerrada neste número, pois nele encontramos uma narrativa com o famoso *Continuar-se-á*.

O periódico *Jornal dos Debates, Políticos e Literários*, circulava sempre às quartas feiras e aos sábados, no período de 3 de maio de 1837 até 20 de setembro de 1838. Era impresso pela Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Companhia, na mesma época em que Villeneuve imprimia o famoso *Jornal do Commercio*. A partir do dia 30 de agosto de 1837 até 28 de novembro de 1837, o periódico passa a ser impresso na Tipografia de Crémier. Já a partir de 11 de janeiro de 1838 até 16 de fevereiro de 1838, a folha passa a circular somente às quintas-feiras, impressa pela Tipografia de L. A. Burgain. A partir de 1º de março de

1838, até o fim de sua circulação, em 20 de setembro de 1838, é impressa na Tipografia do *Diário*, de N. L. Vianna.

O periódico tinha um perfil destinado às informações políticas e econômicas do Brasil, além das principais notícias do mundo europeu. A literatura aparecia sempre no corpo de texto e nem sempre em todos os fascículos.

Silva acumulava funções, pois além de colaborar como escritor e crítico teatral, também era redator do *Jornal dos Debates*.

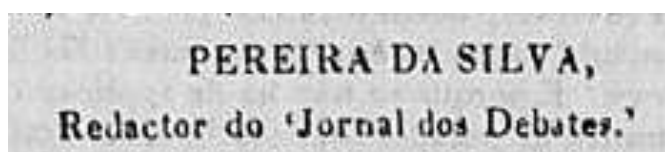


Imagem 5: Silva como redator do *Jornal dos Debates*. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *O Sete D'Abril*, 1838, n. 600, p. 3.

A folha *Museu Universal: Jornal das Famílias Brasileiras*, do Rio de Janeiro, circulou de 1 de julho de 1837 a 29 de junho de 1844. Saindo sempre aos sábados, era impressa na Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e comp., do proprietário e impressor do *Jornal do Commercio*.

Era um fascículo ao qual, juntados todos os demais publicados no ano, formava um volume de uma revista. Ao todo foram divulgados sete volumes.

O *Museu Universal* apresentava muitas ilustrações; a proposta das ilustrações já ficava clara no fascículo primeiro, “nada pouparemos para realçar o nosso Museu pela escolha, perfeição e variedade dos textos e desenhos” (1837, n. 1, p. 3).

A folha dizia em seu fascículo inaugural que tinha o objetivo de ser acessível a todos os membros da Corte do Rio de Janeiro, “(...) este deve ser o jornal de todas as classes, de todos os empregos, de todos os sexos, de todas as idades” (1837, n. 1, p. 8). Mas, vemos nos exemplares tinha o claro desejo de amparar a mulher, dentro de casa, em seus afazeres domésticos, “(...) sem nos descuidar de mimosearmos a mãe de família que, parca e incansavelmente, dirige

sua casa, com preceitos e receitas que facilitem a sua tarefa” (Idem). Também se observa que o impresso constituía uma espécie de ajuda às jovens com relação à moda e à instrução moral, conforme pode indicar na passagem a seguir:

(...) a jovem donzela, procurando figurinos de modas, leis de bom gosto e novelas, ora ternas e melancólicas, ora alegres, mas sempre morais, irá colhendo do caminho ideias gerais de muitos conhecimentos que são o ornamento do belo sexo. (Idem).

O *Museu Universal* deixou de circular em 1844 em decorrência do grande número de despesas que já não podiam ser pagas pelo baixo número de assinaturas. Assim, com muitas dívidas, os proprietários foram obrigados a interromper a publicação.

O periódico *Jornal do Commercio* tem seu primeiro fascículo em 1º de outubro de 1827, fundado por Pierre René François Plancher de La Noé e impresso em tipografia própria, Tipografia D’Emile-Seignot Plancher.

Era uma folha dedicada “aos senhores negociantes” (1827, n. 1, p. 1) e tinha como objetivo abranger o máximo possível do que tangia o comércio brasileiro, bem como os anúncios, preços, importação e exportação.

Em junho de 1832, a propriedade passa a ser de Junius Villeneuve e Réol Antoine de Mougnot. Villeneuve permaneceu à frente da empresa até 1890 (Santana Júnior, 2017, p. 58).

Neste periódico, as produções literárias aparecem em um espaço próprio, sob a rubrica “Folhetim”, que configurava o rodapé.

O *Jornal do Commercio* circulou até 28 de abril de 2016.

O presente trabalho originou-se a partir da Dissertação *Francisco de Paula Brito: um precursor da narrativa brasileira no século XIX* (2017). Durante o período em que elaborei minha dissertação, entrei em contato com a obra do escritor João Manuel Pereira da Silva por meio das referências a ele feitas por Barbosa Lima Sobrinho, na obra *O conto no Brasil: os precursores* (1960).

Sobrinho publicou algumas das narrativas de Pereira da Silva, nas quais, após uma leitura atenta, observamos um formidável material que revelaria um pouco mais da literatura do século XIX, desenhando com mais clareza o traçado da identidade das famílias e da sociedade da época oitocentista.

Para a realização deste trabalho foi necessário fazer um recorte, pois o escritor foi um homem muito atuante no universo das Letras em todo o século XIX. Pereira da Silva não só escreveu narrativas de ficção, com as quais convencionamos que trabalharíamos, mas também escreveu biografias, pequenas narrativas mais próximas do gênero crônica e atuou assiduamente como crítico literário e historiador.

Contudo, a produção que utilizamos nesse trabalho é datada no contexto da gênese da literatura brasileira e, nesse momento, não havia um claro amadurecimento dos gêneros no Brasil, naturalmente, no conjunto dos escritos de Silva, assim como de outros escritores da época, existiam algumas narrativas de caráter híbrido. Foi importante, então, definirmos o nosso entendimento de ficção.

Um exemplo claro disso, acontece com a publicação de *Jerônimo Corte Real*: crônica portuguesa do século XVI, a qual saiu no periódico *Jornal do Commercio*, nos dias 8, 9, 10 e 11 de janeiro de 1840. Posteriormente, foi publicado em livro pela Garnier, em 1865, hoje em dia, encontra-se transcrito no site *Caminhos do romance*.

A história central baseia-se na vida do poeta português Jerônimo Corte Real, a partir do momento em que viaja para uma missão na Índia e no Marrocos. Nesse contexto, acontece o cárcere do poeta em Alcácer Quibir. A história finaliza com o regresso de Corte Real para Portugal onde fica, em sua quinta, até a morte.

Toda a história de Corte Real é tecida a partir do viés que mescla realidade e ficção. Dessa maneira, o escritor deixa a imaginação fluir para o nascimento de histórias de amor, como o amor à primeira vista de Lianor de Vasconcelos com Corte Real; duelos, como entre Corte Real e Afonso de Vasconcelos, ferido para morrer; desentendimentos, como a impossibilidade do relacionamento entre Lianor e Real pela inflexibilidade de Bartolomeu de Vasconcelos, pai da jovem; assassinato, como o que Corte Real pratica contra

Afonso de Vasconcelos, crime confessado por Real ao poeta português Luiz de Camões etc. Além de guerra, muitos naufrágios e o relato de uma obra sendo escrita por Corte Real, que também era escritor e poeta.

Semelhantemente, acontece com a obra *Manuel de Moraes: crônica do século XVIII*, publicada em livro por Baptiste Louis Garnier, em 1866. Nessa obra, temos uma rápida passagem pela infância de Manuel de Moraes na Companhia de Jesus, fixando-se no momento em que Moraes tem vinte e quatro anos. A partir daí, segue um relato das viagens de Moraes, sempre escoltado por índios Guarani, para culminar na luta contra os holandeses, no contexto da Guerra de Pernambuco. Ao fim da obra, temos a prisão de Moraes e a condenação por abjuração e por apostasia no tribunal do Santo Ofício, seguido da morte por garrote.

Como pudemos observar a partir desse rápido panorama das obras *Jerônimo Corte Real: crônica portuguesa do século XVI* e *Manuel de Moraes: crônica do século XVIII*, estes textos têm como protagonistas personagens reais, cujas histórias reais são mescladas com ficção. Assim, seria uma biografia, que por conter muitos momentos ficcionalizados, torna difícil discernir realidade da ficção.

Algo muito diferente acontece com *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico, em que o plano de fundo é real, mas a personagem protagonista é ficcional. Nessa narrativa, conhecemos a história de Frederico, um jovem condenado à morte por crime político contra a coroa Portuguesa. Ele retorna de seu exílio para sua terra Natal, Lisboa, a fim de rever seu pai e sua amada, Maria. Era dia do aniversário de D. Miguel, 26 de outubro de 1828, o rapaz é encontrado e reconhecido por seu inimigo, o médico Gomes, que pretendia ser físico-mor de Portugal e também apaixonado por Maria. Frederico é preso, após uma fuga eletrizante. Ele tentou esconder-se no meio dos populares na procissão e, sendo descoberto, atirou-se no Tejo. É levado ao Palácio das Necessidades, onde, durante a noite, realizava-se a festa em comemoração ao aniversário do rei. Nesta festa, o pai de Frederico pede clemência ao filho para o rei. Porém, ele acaba preso e morto, juntamente com o filho. Maria entra em um convento onde falece em 1831. D. Miguel entra em decadência e o trono de Bragança é recuperado em 1834, por D. Pedro I.

Somente nesse contexto, é que Gomes consegue o tão almejado cargo de físico-mor de D. Miguel.

Assim, a narrativa *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico é uma ficção que contém um fundo histórico, baseado no Golpe de Estado de D. Miguel, contando um fato da história de Portugal. No primeiro plano está a história da personagem protagonista Frederico e sua desventura amorosa com Maria, dentro do universo ficção. Evidentemente, no decorrer da narrativa, as questões políticas do rapaz tornam-se latentes, permitindo que sejam transferidas do segundo plano para a vida de Frederico.

Resolvido o caráter híbrido que envolvia algumas narrativas, o conjunto de ficções de Silva, aqui apresentadas, serão: *Luiza*: legenda brasileira (1837), *Uma aventura em Veneza*: romance histórico (1837), *Um primeiro amor no baile do Catete*: romance (1837), *As catacumbas de S. Francisco de Paula*: romance (1837), *Um último adeus!* (1837), *Maria de Niterói*: romance (1838), *A vida política no Brasil*: romance (1838), *Uma paixão de artista*: romance (1838), *Amor, ciúme e vingança*: novela brasileira (1838-1839), *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico (1839) e *Religião, amor e pátria*: romance histórico (1839).

Algumas das narrativas de Pereira da Silva aparecem no espaço reservado ao folhetim e, tantas outras, vêm no corpo de texto dos periódicos. Além disso, algumas narrativas são pouco extensas e configuradas no espaço de um dia. Outras são seriadas, tendo a ação desenrolada em vários dias.

Diversas narrativas são definidas pelo escritor como “romance”. No tocante a isso, era comum que a ficção publicada na época, não importando sua extensão, apresentasse a denominação de romance. No caso, são elas: *Um primeiro amor no baile do Catete*: romance (1838), *As catacumbas de S. Francisco de Paula*: romance (1838), *Maria de Niterói*: romance (1838), *A vida política no Brasil*: romance (1838), *Uma paixão de artista*: romance (1838), *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico (1839) e *Religião, amor e pátria*: romance histórico (1839).

Há também outra narrativa que aparece sem nenhuma designação – *Um último adeus!* (1837) –; ou, ainda há, a que configura a definição de Lenda – *Luiza*:

Legenda brasileira (1837) – ou, mesmo, novela – *Amor, ciúme e vingança*: novela brasileira (1838-1839).

No início do século XIX, na tentativa de utilizar o folhetim como forma de expressão literária, percebe-se, nas primeiras narrativas vindas dos periódicos franceses uma espécie de fórmula de uso para as ficções nacionais. Nesse contexto, Marlyse Meyer, no livro *Folhetim: uma história* (1996), afirma que existiam “duas vertentes principais: a do folhetim histórico e a do folhetim “realista”, inspirado em eventos do cotidiano.” (p. 67). Meyer considera como realismo “um real recriado a partir do concreto muito amplificado pela vigorosa imaginação que o transcreve.” (Idem).

Silva já entendia a literatura da época tal e qual a descrita acima pois, no periódico *Jornal dos Debates*, publica o artigo *Os romances modernos e sua influência* (1837), que aborda a mesma questão da divisão literária, proposta por Meyer.

Para Silva, os folhetins de narrativa histórica foram os que causaram “tão grande revolução” (1837, n. 00032, p. 4) na literatura do XIX. Walter Scott, seu principal fundador, era quem havia dotado de “espírito histórico” a literatura folhetinesca, além de também ter conseguido traduzir os mais “belos sons, tão lindos episódios, que formam o encanto do *belo sexo* da Europa” (Idem). Fenimore Cooper seria o continuador do romance histórico propagado por Walter Scott.

Na esteira do folhetim “realista” citado por Meyer, Silva, no mesmo artigo, afirma que estes são “curtos e simples”, mas é o local onde “reina mais que tudo a riqueza poética” (1837, n. 32, p. 4). Nessa vertente, há apenas a “apologia do sentimento íntimo e dos sofrimentos internos” (Idem), cujo principal fundador seria Goethe.

Evidentemente que, se agruparmos as narrativas publicadas por Silva exatamente como foram concebidas no artigo, *Os romances modernos e sua influência* (1837), teríamos a ficção do escritor reunida em dois grandes grupos, de maneira parecida a divisão proposta por Meyer. Assim, as narrativas históricas compreenderiam *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico (1839), *Religião, amor e pátria*: romance histórico (1839), *Amor, ciúme e vingança*: novela

brasileira (1838-1839), *A vida política no Brasil*: romance (1838) e *Uma aventura em Veneza*: romance histórico (1837). Por fim, no grupo das narrativas realistas teríamos *Luiza*: legenda brasileira (1837), *As catacumbas de S. Francisco de Paula*: romance (1837), *Um primeiro amor no baile do Catete*: romance (1837), *Um último adeus!* (1837), *Maria de Niterói*: romance (1838) e *Uma paixão de artista*: romance (1838).

Neste trabalho, optamos por dividir a ficção de Silva em três grupos, configurando cada eixo narrativo em um capítulo. Assim, optamos por colocar em um capítulo as narrativas fantástica. São tramas que se utilizam do maravilhoso nos enredos. As narrativas são: *Luiza*: legenda brasileira (1837) e *As catacumbas de S. Francisco de Paula*: romance (1837). Salientaremos adiante as diferenças entre o fantástico e o maravilhoso. O respaldo teórico para a abordagem ao gênero Fantástico é Tzvetan Todorov, na obra *Introdução à Literatura Fantástica* (1970).

Colocamos em outro capítulo as narrativas que representam os eventos do cotidiano. As narrativas são: *Um primeiro amor no baile do Catete*: romance (1837) e *Uma paixão de artista*: romance (1838). Assim, agrupamos narrativas cujo conteúdo ilustra a sociedade da época, os costumes e as atualidades. O respaldo teórico para a abordagem ao gênero de matriz social é Roberto Schwarz, na obra *Ao vencedor as batatas* (1977).

Por fim, agrupamos no último capítulo as narrativas que contém um fundo histórico. Normalmente, trata-se de um plano de fundo, remetendo às pessoas ou a momentos importantes do passado português, é nesse contexto que a ficção se localiza e acontece. A narrativa é: *Religião, amor e pátria*: romance histórico (1839). O respaldo teórico para a abordagem ao gênero Romance Histórico é György Lukács, na obra *Teoria do Romance* (2011).

2. Narrativas fantásticas

A literatura fantástica, no século XIX, foi marcada por uma série de obras que exploraram temas sobrenaturais, elementos mágicos e imaginários, e contribuíram para a consolidação do gênero. Nesse período, houve uma rica produção literária em diferentes países, cada qual com suas particularidades e estilos.

Na Inglaterra, por exemplo, destacou-se o escritor britânico Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho* (1871). Essas obras, voltadas para o público infantojuvenil, apresentam uma narrativa repleta de elementos fantásticos, personagens excêntricos e situações surrealistas. Já na França, o escritor Charles Nodier explorou o gênero fantástico em suas obras, como *Trilby* (1822), que conta a história de uma estátua que ganha vida, e *Infernalina* (1844), uma coletânea de contos sobrenaturais. Na Alemanha, destacam-se os contos dos Irmãos Grimm, como *Branca de Neve*, *Cinderela* e *A Bela Adormecida*, até hoje clássicos da literatura infantil e com a presença de elementos fantásticos, como bruxas, fadas e encantamentos.

Além disso, ao longo do século XIX viu-se o surgimento de grandes escritores que contribuíram significativamente para a Literatura Fantástica, mesmo não tendo se dedicado exclusivamente a esse gênero. Autores, tais como, Edgar Allan Poe, com suas histórias de terror e mistério, Nathaniel Hawthorne, com seu romance *A Letra Escarlate* (1850), que possui elementos sobrenaturais e simbólicos, deixaram um legado importante para o desenvolvimento do fantástico na literatura, bem como o irlandês Bram Stoker, criador de *Drácula* (1897), cuja obra introduziu o icônico personagem do vampiro e influenciou toda a literatura posterior de horror e fantasia.

Tzvetan Todorov, na obra *Introdução à Literatura Fantástica* (1970) propõe uma abordagem teórica para analisar o gênero Fantástico. Argumentando que a Literatura Fantástica é caracterizada por uma incerteza fundamental, na qual eventos aparentemente sobrenaturais desafiam a compreensão racional e propõe

uma distinção entre o fantástico, o maravilhoso e o estranho, três categorias que compõem o espectro da literatura fantástica.

No fantástico, o leitor é confrontado com eventos que parecem transcender as leis naturais, mas que, eventualmente, podem ser explicados de maneira racional dentro do universo da obra. Essa incerteza gera uma sensação de ambiguidade e suspense.

O maravilhoso, por sua vez, envolve a manifestação de elementos sobrenaturais ou mágicos que são aceitos como parte do universo da narrativa, sem questionamento ou necessidade de explicação. Nesse caso, a presença do fantástico é incorporada à lógica interna da obra.

O estranho, por fim, é uma quebra de expectativa em relação ao familiar, em que o cotidiano é subvertido de maneira perturbadora, gerando um efeito de estranhamento.

As narrativas que abordaremos neste capítulo são consideradas fantásticas pois, são histórias que se utilizam do “questionamento do limite entre o real e irreal” (Todorov, 1970, p. 165). Além disso, as narrativas aqui analisadas, também trabalham com a “hesitação” ou a suspensão das leis da razão gerando, assim, o tom sobrenatural.

No século XIX, muitas das narrativas fantásticas eram caracterizadas pela presença de “um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico” (Idem, p. 16). Portanto, a fórmula do fantástico é “a incredulidade total como a fé absoluta” (Idem, p. 18); assim, o leitor encontra-se em posição ambígua com o que é relatado, a “vacilação do leitor é pois a primeira condição do fantástico” (Idem, p. 19).

A interpretação dos fatos narrados caberá ao leitor; é ele quem deve dar uma interpretação do que “provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente” (Idem, p. 24). Dessa forma, no término da história, “o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma uma decisão” (Idem). Essa decisão definirá se “as leis da realidade ficam intactas e permitem explicar os fenômenos descritos”

(Idem) ou, se “é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado” (Idem).

Silva apresenta em *Luiza: legenda brasileira* (1837), uma narrativa em tom sobrenatural, que não demanda uma decisão do narrador sobre os feitos da lenda local. Assim, a narrativa entra no campo da vacilação, contexto em que não temos a fé absoluta, tampouco a incredulidade total (Todorov, 1981, p. 18). Essa vacilação não dura muito tempo, fica nas mãos do leitor a decisão de o fato provir ou não da realidade. Dessa maneira, cabe ao leitor a decisão: “opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico.” (Idem, p. 24). Se as leis da natureza ficarem intactas, estamos diante de uma narrativa do gênero estranho mas, se optarmos por novas leis para explicar o fenômeno, temos uma narrativa do gênero maravilhoso.

Já em *As catacumbas de S. Francisco de Paula: romance* (1837), a trama fantástica contém acontecimentos sobrenaturais, mas, diferentemente da outra narrativa, as explicações para o conteúdo fantástico são racionais: tudo não passará de um sonho. Assim, há uma decisão no contexto da narrativa determinando a explicação do conteúdo fantástico, não sendo necessária a adoção de novas leis para explicar o fenômeno, então, estamos diante de uma narrativa do gênero estranho (Todorov, 1981, p. 24).

Dessa maneira, era comum na Literatura Fantástica escrever sobre temas que dessem a impressão ao leitor, que estivesse lendo um tema proibido, de fato, algumas dessas narrativas abordavam temas proibidos. Isso acontecia porque “o fantástico permite franquear certos limites inacessíveis” (Todorov, 1981, p. 83). Portanto, essa literatura trazia consigo a transgressão das leis da razão por meio da condição da vacilação, apresentando, assim, uma forma de “cobrar uma maior consciência do fato” (Idem, p. 90). Conclui-se então, que a função social da Literatura Fantástica é tratar “da transgressão de uma lei” (Idem, p. 86), de tal modo o elemento sobrenatural intervém na vida social causando “uma ruptura no sistema de regras preestabelecidas” (Idem, p. 86).

2. 1. Luiza: legenda brasileira

A narrativa *Luiza* foi a primeira publicação de Pereira da Silva na ficção brasileira. Ela foi publicada no periódico *Gabinete de Leitura: Serões das famílias brasileiras*, jornal para todas as classes, sexos e idades, do Rio de Janeiro, sob título *Luiza: legenda brasileira* em outubro de 1837. Posteriormente, a narrativa sai no periódico *Jornal dos Debates, políticos e literários*, de criação e edição de Silva. Aqui a narrativa aparece intitulada somente *Luisa*³, e o nome da protagonista é grafado com 's'. Trata-se, também, da narrativa inaugural do escritor no rodapé desta folha, sob a rubrica de *Apêndice*, em janeiro de 1838.



Imagem 6: *Luiza: legenda brasileira*. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 7 – 8.



Imagem 7: *Luisa*. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal dos Debates*, 1838, n. 51, p. 1 – 4.

Além disso, a narrativa foi editada na “Folhinha dos lindos contos para 1843”, da Tipografia Laemmert. Recentemente, Barbosa Lima Sobrinho organizou o livro *O conto no Brasil: os precursores* (1960), compilando algumas narrativas de

³ As narrativas utilizadas nesse trabalho encontram-se em tamanho maior no Anexo II: Imagens das narrativas.

Pereira da Silva, dentre elas *Luiza*: legenda brasileira, a versão do periódico *Gabinete de Leitura*.

Nesse trabalho, consideraremos a primeira publicação daquela que saiu no periódico *Gabinete de Leitura* e, quando julgarmos necessário, salientaremos as diferenças relevantes da publicação do periódico *Jornal dos Debates*.

A narrativa transcorre muito rapidamente sobre a história das personagens enquanto jovens e aparecem poucas personagens, sendo elas os amantes Carlos e Luiza, o antagonista Alberto e o pai da garota, Fernando. Por se tratar da primeira narrativa escrita por Pereira da Silva, observamos que o escritor faz pouco uso dos diálogos.

A narrativa inicia-se com a descrição de um bosque situado às margens do rio Iguaçu, um local ermo, solitário e melancólico, que muitos visitavam pelo fato de ser um “monumento gótico e antigo” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 7). Em meio ao bosque existia uma roseira na qual alguns julgavam haver um altar, um templo ou um túmulo.

A crítica literária Flora Sussekind ao abordar a narrativa *Luiza*, de Silva, no livro *O Brasil não é longe daqui* (1990), destaca que as escolhas feitas pelo sujeito ficcional seriam, entre outras, a de “regressar à origem, descobrir o Brasil” (p. 35) ou ainda, “a demarcação de um centro” (Idem). Dentro desse objetivo de datar a origem, a descrição do cenário torna-se imprescindível para a construção “de uma cena primitiva de descoberta” (Idem), esse local deve ser “natural, pitorescamente natural” (Idem). Assim, o que Silva tenta fazer com a ficção é “desvendar o segredo de um lugar ermo e solitário, temido por todos, às margens do Iguaçu” (Idem)

Ainda dentro dessa ideia de origem ou de descoberta de um contexto primitivo, Mariza Veloso Motta Santos e Maria Angélica Brasil Gonçalves Madeira afirmam que essa “foi a principal tarefa que os intelectuais e os artistas se auto atribuíram em nosso continente” (1999, p. 61). Dessa forma, nossos escritores entenderam ser necessário “fazer-se úteis, servir, pois acreditavam que tinham a missão de construir uma pátria por intermédio da arte, da ciência e da política” (Idem).

Pereira da Silva reforça as convicções de que o escritor deveria ser, ao mesmo tempo, “historiador, filósofo, político e artista” (Silva, *Nitheroy*, 1836, p. 239). Por esta razão, ele faz uso dos estudos para apresentar a “natureza e usos do país” (Idem, p. 238). Assim, descrever a floresta virgem para um leitor da corte carioca, que, possivelmente, não teve contato com esse tipo de vegetação, seria uma forma de representar o Brasil para o brasileiro, dialogando, portanto, com a proposta do instruir o que, segundo Candido, “(...) significa inculcar os princípios e conhecimentos aceitos” (1972 – 1973, p. 63 – 64).

Retornando à narrativa, as moradoras mais idosas do vilarejo, as primeiras habitantes do lugar, construíram em torno desse bosque uma lenda, segundo a qual, afirmam, a roseira que ali se encontrava, tinha sido, anteriormente, o túmulo de Luiza, uma linda jovem vitimada por uma paixão delirante. Os moradores do vilarejo a mostram para todos, inclusive estrangeiros, e originam “diversas lendas” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 7). Assim, o narrador esclarece-nos que visitou “com respeito este lugar, e ainda hoje a reminiscência nos acompanha como um belo sonho; é por isso que nos arriscamos a publicar a história da bela Luiza.” (Idem).

Como percebemos até aqui, pelo conteúdo e pelo subtítulo da narrativa, Silva constrói sua primeira ficção em torno de uma lenda. Esse gênero literário enquadra histórias tradicionais que são transmitidas oralmente ao longo do tempo, geralmente dentro de uma comunidade ou região específica. Elas são passadas de geração em geração e fazem parte do folclore de um determinado grupo cultural. Na narrativa de Silva, a lenda, como já foi afirmado, é uma narrativa oral da região de Iguaçu.

As lendas, geralmente, possuem elementos fantásticos, sobrenaturais ou mágicos acrescidos com elementos da vida cotidiana. Elas podem apresentar personagens mitológicos, seres fantásticos, eventos sobrenaturais ou explicações para fenômenos naturais. As lendas, muitas vezes, possuem um caráter moral ou didático, transmitindo valores, crenças e ensinamentos dentro de uma determinada cultura.

Uma característica importante das lendas é sua relação com a identidade cultural e a memória coletiva de um povo. Elas expressam visões de mundo, tradições e costumes de uma comunidade específica (Thompson, 1992, p. 17). Assim, as lendas estão associadas ao imaginário na retratação ou construção literária de mitos e crendices em lugares específicos, como rios, montanhas, florestas ou monumentos, e ajudando a construir a história e cultura popular.

A narrativa de Silva é uma lenda que foi registrada por escrito e publicada em jornais, preservando-a para as gerações futuras e mantendo viva a tradição oral. Dessa forma, na realidade, o que Silva assinala na recriação da lenda do povo brasileiro é “um rompimento abrupto com a tradição europeia” (Sussekind, 1990, p. 17), pois a literatura brasileira buscava “se formar, a partir do nada, como expressão de uma realidade local própria, descobrindo aos poucos o verdadeiro caminho” (Candido, 1980, p. 89). Sendo assim, Silva conduz sua narrativa por um caminho que criasse e retratasse as histórias do povo brasileiro, como fizera Macedo, na novela *A moreninha* (1844), na qual temos o uso do “recurso de uma lenda do passado que dá embasamento à estória presente” (Serra, 1994, p. 47), em um enredo que funciona miticamente no amor prometido desde a infância; ou ainda, no tom encantado da gruta e da ilha.

Dessa maneira, é muito relevante que a produção ficcional de Silva inicia-se com uma narrativa lendária do povo brasileiro dotando toda a obra com marcas de nacionalidade, buscando afastar-se da presença de marcas dos textos europeus. Isso dialogava sobremaneira com o promulgado por Silva no livro *Parnaso Brasileiro*, publicado em 1842. Para Silva, os escritores deveriam tratar mais das “belezas naturais brasileiras” (1998, p. 157), ao invés “da temática portuguesa” (Idem).

Silva, portanto, recria uma lenda do povo brasileiro em meio a um lugar mágico e fascinante, cheio de história e fantasia. Assim, essa atmosfera de encanto, mescla o real e a certeza, e o narrador está vendo o bosque com o imaginário e a ilusão. Dessa forma, temos de imediato que o “fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (Todorov, 1970, p. 148). Assim, a história envolve uma lenda sobrenatural quando argumenta “em vão os ventos e as

chuvas tentam abatê-la [a roseira], algum gênio sem dúvida a sustenta, algum gênio a rega com suas lágrimas” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 7), ou ainda, deixa o tom mais excelsa ao afirmar o nome da jovem Luiza parecendo “ainda ecoar por cima daquela roseira e as aves, que ali vem chorar a perda da infeliz, o aprenderam a dizer” (Idem).

Posteriormente, esse início de ficção em um tom sobrenatural, a narrativa segue normalmente com a descrição de Luiza como uma moça alva, muito clara para ser uma habitante típica dos trópicos. Ela é descrita como portadora de uma beleza ideal, “(...) longos e negros cabelos aneladamente caíam-lhe sobre as duas espaldas, que rivalizavam em alvura, dois olhos doces e celestes coroavam sua fronte (...)” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 7). Observamos, nesse ponto, que a alvura de sua pele e o azul de seus olhos, são típicos de uma imagem europeia, porém os cabelos já são cacheados e negros, trazendo para a jovem uma imagem mais brasileira.

Após a descrição da jovem, conhecemos o amor que sentia por Carlos, um homem de boa família, porém perverso. Com a chegada de D. João VI e a sua comitiva ao Brasil, Carlos pensou na oportunidade de se evadir da polícia brasileira partindo juntamente com a comitiva de Napoleão Bonaparte, em 1808.

Esse contexto histórico constituiu o início de uma série de medidas, que duraram entre 1810 e 1811. Como parte dessas medidas, houve a criação da Academia Real Militar, é sobre isso que o narrador está afirmando no trecho: “(...) muitas recrutas para o serviço militar” ou, ainda “(...) foi preso para assentar praça” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 7). Dessa maneira, sabemos da obrigação imposta por Carlos para alistar-se. Assim, seguiu para Lisboa, a fim de integrar o batalhão de defesa de Portugal.

Essa narrativa, como já afirmamos, também foi publicada no periódico *Jornal dos Debates*. Assim, abrimos aqui um breve parêntese para salientarmos algumas considerações acerca da publicação, tendo em vista que ela sofreu algumas modificações, mais especificamente, sobre a personagem Carlos e o contexto de evasão do Brasil. Nessa revisão crítica, Carlos estaria fugindo da polícia e para tanto, embarca em um navio que partia para a Índia. Além disso, o escritor

também trata um pouco mais sobre a família de Carlos, especificamente sobre o fato de o pai de Carlos ter morrido de desgosto, em decorrência das atitudes criminais e dos vícios do filho.

Como a história está contextualizada no início de 1800, com as invasões Napoleônicas no continente Europeu, as *Ordenações Filipinas* eram o conjunto de leis que governaram o Império Português, incluindo o Brasil, durante o período colonial. Elas foram compiladas e promulgadas em 1603 pelo rei Filipe II de Espanha, que também era conhecido como Filipe II de Portugal ou Filipe I de Portugal.

Esse código penal era uma revisão e atualização de outro, anterior, as Ordenações Manuelinas, leis vigentes no reino de Portugal desde o reinado de Dom Manuel I (1495-1521). A necessidade de atualização das leis foi motivada pela União Ibérica, período no qual Portugal e Espanha estavam sob a mesma coroa, com Filipe II assumindo o trono português em 1580.

As Ordenações Filipinas eram compostas por três partes principais. A parte referente ao Direito Civil era composta por leis que abordavam questões relacionadas a pessoas, família, herança, propriedade, contratos e obrigações, estando todas as leis no Livro I. Posteriormente, também havia a parte do Direito Eclesiástico, que organizava matérias relacionadas à Igreja, incluindo temas como padres, bispos, casamento, sacramentos e jurisdição eclesiástica, estavam no Livro II. Por fim, o Direito Criminal que abrangia os tipos de crimes, suas penalidades, desde penas mais brandas até castigos mais terríveis, procedimentos legais no tocante a orientação de quando seria permitido abrandamento de pena e perdão a ser consedido. Esta última parte, compunha o maior número das leis sendo distribuídas no Livro III, Livro IV e Livro V.

As *Ordenações Filipinas* tiveram vigência no Brasil colonial durante mais de três séculos, exercendo uma influência significativa na formação das instituições jurídicas do país. Mesmo após a Independência do Brasil, em 1822, algumas partes das *Ordenações Filipinas* permaneceram em vigor até serem substituídas pelo Código Criminal do Império do Brasil, em 1830.

Assim, o Livro 5 e o Título 120, trata como se deveria agir, em caso da prisão de Fidalgos e Cavaleiros ou pessoas em condições semelhantes na sociedade. O livro afirma que “A pessoa de mais baixa condição deveria ser presa em ferros, o Fidalgo ou cavaleiro seja preso sobre sua hospedagem no Castelo da Cidade” (Almeida, 1870, p. 1281) e, ainda, especifica que “se o tal preso quiser antes ficar em sua casa preso sobre sua homenagem, sem dela poder sair, até haver livramento, poderá seguir sua apelação por Procurador e ficar preso em sua casa” (Idem).

Tendo em vista a boa condição financeira do rapaz na narrativa de Silva, e o fato de ser moço de boa família, acreditamos que caso Carlos fosse pego pela polícia, no contexto da época, ele não seria “preso em ferros”, mas ficaria em um regime similar ao atual sistema de prisão domiciliar.

Do primeiro periódico para o segundo periódico, Carlos aparece com sua reputação ainda mais suja. Nesse tocante, o amor sentido pelas personagens protagonistas torna-se um crime imensurável. Luiza sofrera muito a partida de seu amado, ficando três anos sem notícias.

Passados três anos, Alberto, irmão de Carlos e um jovem muito honrado, procura Fernando e pede a mão de Luiza. Fernando consulta a filha que hesita por seis meses, mesmo mediante muitas investidas. Contudo, o aceite acontece após a notícia de falecimento de Carlos.

Como podemos observar nesse rápido panorama da história, a escolha afetiva da jovem se deu a partir de seu sentimento, sem o conhecimento de seu pai, pois ela foi tomada, perdidamente, por uma paixão fulminante. Percebemos o escritor demonstrando, na narrativa, a imaturidade da jovem ou, pelo menos, ele faz parecer certa ingenuidade na escolha do pretendente. Aqui, a narrativa coloca tantos obstáculos à felicidade e à paixão da moça, e a união, ocorrida depois do falecimento do parceiro sentimental, é encaminhada para a não realização amorosa.

No tocante a isso, Alfred Nettement, crítico ferrenho de romances folhetins, autor de *Études critiques sur le feuilleton roman*, publicada em 1847, em seu segundo volume, aborda os perigos que o romance-folhetim poderia proporcionar para as mulheres e para as famílias. Para o crítico, as mulheres eram

mais românticas e, por isso, tinham a imaginação mais exaltada; logo, a leitura de romances folhetins seria maléfica e as deixaria entediadas com a vida que tinham, tão distante das histórias lidas nos “*bas de page*”.

Para o crítico o poder corruptor da leitura estava em seduzir a mente feminina pela imaginação, pois a literatura folhetinesca era corrupta e teria na mente das mulheres uma ação infeliz. O crítico acreditava que a mulher era mais facilmente abalada e, assim, seria enganada pela intriga romântica, sendo facilmente seduzida pelos sofismas apaixonados.

O crítico tratava dos malefícios do folhetim, ao considera-lo como um veneno permissivamente introduzido no “rodapé de uma folha periódica, e introduzir-se todos os dias!” (1847, p. 462). Dessa forma, quando uma história enveredava na escolha matrimonial a partir dos sentimentos de uma moça imatura, a narrativa contrariava a moral, tão argumentada como princípio norteador de boa conduta por *Nettement*, também deixava de seguir a doutrina da Igreja, pois a moral era baseada nos princípios cristãos.

Então, para compor o pensamento da Igreja, traremos aqui a obra intitulada *Carta de guia de casados*, publicada em 1651, na edição de 2007, de Dom Francisco Manuel de Melo. O livro, baseado na moral, divide-se em três partes: ética, economia e política. Abordaremos, somente, a parte destinada à ética pois fala sobre a necessidade de dar regras para a boa convivência no casamento ou nos relacionamentos dos solteiros, favorecendo a manutenção da vigilância e da honra.

Nesse âmbito, é importante salientar que a visão de felicidade no casamento, para a Igreja, passava por meio da proporção sentimental, pois acreditava-se ser necessário o casal se amar com parcimônia, para o amor não faltar nem, tampouco, ser excessivo. Logo, o conselho de Melo era “Ame-se a mulher, mas de tal sorte que se não perca por ela seu marido” (2007).

Silva, porém, não acreditava que o casamento arranjado fosse a instituição adequada para o desfecho de sua narrativa. Dessa forma, contrariando o argumento de Melo temos, nesse texto, o amor cego como algo muito maior, incapaz de ser transposto. Nesse tocante, Silva sugere o amor incondicional a uma pessoa, uma vez sentido, é impossível de se ajustar a outra ideia de casamento.

Traremos o artigo *Moral e arte literária no século XIX*: o romance sob suspeita, publicado em 2013, na revista *Polifonia*, de autoria da professora Andréa Correa Paraiso Müller da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). No texto, temos a moral trabalhada em várias obras literárias do século XIX. Então, compreendemos que a literatura brasileira considerava uma obra de boa qualidade aquela capaz de influenciar os leitores sobre o conjunto de regras morais que estes deveriam seguir em suas vidas, como já se fazia uso na França.

No tocante a isso, as narrativas brasileiras cumpriam um triplo papel: elas eram, em primeiro lugar, um objeto para passar as horas de ócio de forma divertida; em um segundo momento, essas narrativas deveriam ser capazes de instruir as pessoas para não parecerem fúteis e frívolas; por fim, o terceiro papel do romance folhetinesco deveria ser o de moralizar, de tal forma, que as estruturas sociais fossem mantidas.

Dessa forma, a produção literária brasileira abordava temas como o casamento enquanto instituição injusta e desigual. Mesmo de maneira indireta, a literatura estava propondo uma reforma na constituição da família. Segundo Müller, “Ao proclamar a supremacia do amor em detrimento das uniões arranjadas, defendia o direito dos jovens de escolher seus cônjuges e colocava em cheque [sic] (xeque) a autoridade paterna” (Müller, 2013, p. 116). Assim, a ordem social da sociedade oitocentista estava sendo contestada pela literatura, propondo a essas mulheres uma visão de sua vida e condições sociais a partir de novos pontos de vista, operando revoltas e transformações no seio familiar e social. Para que essa ordem fosse mantida “uma obra literária que a ameaçasse [a ordem vigente] era indiscutivelmente imoral” (Idem).

Para que Silva não parecesse imoral por propor a reforma dos costumes sociais, ele faz uso da religião, visando traçar o fim de cada uma das personagens, e puni-las por seus atos criminosos.

No tocante a proposta de reforma ou, ainda, a corrupção dos costumes salientamos a obra *Lições elementares de eloquência nacional*, publicado em 1856, de autoria de Francisco Freire de Carvalho. Era um curso de literatura, escrita e oratória para jovens, utilizado para o ensino escolar.

Francisco Freire de Carvalho era cônego arquiépiscopal da Província da Estremadura, em Portugal. Atuou como professor de oratória, poética e literatura clássica no Liceu Nacional, na Sociedade de Instrução Primária e no Conservatório Real de Arte Dramática, todos situados em Lisboa, além de ser educador na Sociedade de Instrução Elementar do Rio de Janeiro.

Para Carvalho, o assunto da corrupção dos costumes deveria ser mais abordado nos escritos. Deveria se “(...) tomar mais a peito o contrariar, e debelar, já pintando a negrura de vícios, já amenizando as asperezas da virtude com todas as flores da eloquência sagrada” (Carvalho, 1856, p. 220 - 221).

A fim de amenizar a corrupção dos costumes e floreá-la com toque da retórica sagrada, Silva, inicialmente, constrói o enlace, por conveniência, de Luiza. Dessa forma, conhecemos que Luiza casa-se na Igreja de N. S. da Piedade do Iguaçu⁴, em 1816. A Igreja foi fundada em 1699 e, hoje em dia, só existem as ruínas da torre sineira.

Após o casamento, um grande banquete foi oferecido, era evidente que todos estavam felizes, salvo Luiza. Em meio à festa, um moleque de recados diz a Luiza que um forasteiro quer lhe falar. A jovem pede licença ao marido e sai, não voltando mais. Seu pai nota sua ausência e a procura. Pouco tempo depois, a moça é procurada também por seu marido. A jovem é encontrada morta no rio Iguaçu, no início da noite.

O fim da ficção é interessante, pois não temos nenhuma decisão do narrador sobre os efeitos da lenda local. Desse modo, ele deixa a narrativa no campo da vacilação, para, então, transferir ao leitor o poder de decisão sobre os fatos poderem ou não ser explicados. Dessa maneira, o narrador implanta a dúvida, salientando a fala de algumas moradoras mais antigas sobre o forasteiro ser Carlos, vindo para cobrar o amor prometido. Desesperada, a moça tinha se atirado no rio: faltara a Carlos e não amava Alberto.

⁴ O vilarejo de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçu foi fundado em 1719 e não existe mais, hoje em dia, as ruínas da pequena vila, fazem parte do atual município de Nova Iguaçu, o maior da Baixada Fluminense. O pequeno vilarejo, juntamente com Nossa Senhora da Piedade do Inhomorim; São João Batista do Meriti; Santo Antônio da Jacutinga; Nossa Senhora da Conceição do Marapicu e Nossa Senhora do Pilar do Iguaçu, faziam parte de um centro regional e funcionavam como cidades-dormitório para os cafeicultores que escoavam suas produções ao porto do Rio de Janeiro. Disponível em <https://serambientalingua.wordpress.com/vila-de-iguassu/> acessado em 22 de maio de 2020. Elaboração textual de Soraya Vantil.

Silva dá um tom moderno para narrativa ao abordar os novos conceitos da medicina, que começavam a ser afirmados e estudados nos manuais do século XIX. Dessa maneira, Luiza teria morrido devido a uma paixão sem controle, mostrando que Silva acreditava que tinha como missão trazer conhecimento para a população e que a narrativa, por meio da janela oferecida pelo periódico, veículo de fácil propagação de conteúdo do século XIX, seria o melhor mecanismo de se transmitir o saber que o leitor não teria facilmente.

Ainda no tocante à medicina do século XIX, trazemos a dissertação de Saulo Veiga Oliveira. Apesar de, nesse trabalho, o autor abordar o estado de saúde dos escravos no interior de São Paulo e as narrativas de Silva estarem contextualizadas entre brancos na Corte carioca, há dados que seria possível elucidar aqui por terem sido divulgados com certa ênfase na época. É o caso desse tipo de amor sentido por Luiza, entendido como “paixão sem controle” (2007, p. 45). Assim, esses sentimentos “perturbariam os indivíduos e poderiam originar distúrbios que levariam a várias formas de loucura e, eventualmente, ao suicídio” (Idem).

Silva aborda esse amor louco e desenfreado pelo objeto amado que mobiliza todo o seu espírito em prol do amor como uma condição que possibilitaria o desenvolvimento da loucura e, posteriormente, o suicídio. Esse é também um dos temas de algumas obras e conferências de Michel Foucault. No livro *História da Loucura na Idade Clássica* (1961), Foucault analisa as concepções históricas e sociais da loucura ao longo do tempo. Embora o foco principal do livro seja a loucura, ele discute a relação entre a loucura e o suicídio, explorando o modo como a sociedade lidou com essas questões em diferentes períodos históricos.

Segundo Foucault, a paixão mexe com os sentimentos de quem ama, causando uma variação muito grande no humor da pessoa. Essa oscilação no humor era vista como algo extremamente prejudicial, devia-se ao fato de haver a predisposição de uns sentimentos atraírem outros sentimentos. Dessa maneira, um sentimento de tristeza poderia desenvolver os sentimentos de cólera, ira e melancolia (Foucault, 2010, p. 250). Completamente desequilibrada, Luiza, da narrativa de Pereira da Silva, comete o suicídio.

Essa narrativa de Silva, publicada no periódico *Gabinete de Leitura*, dialoga com a linha editorial da folha, apontada no primeiro exemplar. Ela se predispunha a ser um local de instrução do povo, que não poderia pagar o preço muito elevado do livro ou da publicação em volume. Assim, por meio da publicação de diversos artigos, o periódico abordava temas que diziam respeito à sociedade oitocentista. Pensando dessa maneira, quando vemos na narrativa de Silva um relacionamento amoroso com um contraventor, para, em seguida, tangenciar sobre o amor excessivo que caminha para a loucura, identificamos o quanto o escritor estava atento aos acontecimentos do seu tempo. Afinal, não podemos nos esquecer de que a narrativa de Silva, *Luiza: legenda brasileira* (1837), vem à luz depois do fenômeno da obra *Werther* (1774). O romance de Goethe foi um marco na literatura e teve grande repercussão, tornando-se um símbolo do movimento literário conhecido como *Sturm und Drang*.

Werther aborda temas como amor não correspondido, paixão desenfreada, desespero, isolamento e o conflito entre a vontade individual e as convenções sociais. A obra foi um grande sucesso à época de sua publicação, mas também gerou controvérsias devido à sua influência na cultura da época, sendo associada a um aumento de suicídios entre os jovens.

Segundo Pereira da Silva, em artigo redigido ao periódico *Jornal dos Debates*, a obra de Goethe fazia a “apologia ao suicídio” (*Jornal dos Debates*, 1837, n. 30, p. 1); nosso escritor considera o suicídio um “crime moral e religioso” (p. 1). Para ele, *Werther*, “é o apelo à mocidade para se engolfar nos prazeres *platônicos* do amor” (p. 1), para, enfim, perder “a alma, perder também o corpo e desamparar *espiritualmente* este mundo *materialista*” (p. 1). Nesse mesmo artigo, ele demonstra seu conhecimento sobre a sociedade da época e desenvolve um panorama histórico, as razões que precipitavam o jovem ao suicídio.

A humanidade, vendo a seus pés o abismo, esperava o momento em que nele seria precipitada. Uma inquietação geral tinha se apoderado dos espíritos graves e habituados à reflexão. Uma melancolia profunda, uma espécie de amor ao suicídio e aos estragos, predominava nos ânimos. A literatura, viva imagem da sociedade, simples e austera, quando os homens

se ocupam com questões religiosas e morais, ou com graves interesses, turbulenta e apaixonada no seio de uma sociedade revolucionária, frívola em um estado social corrupto, se cobria então com cores sombrias e misantropias. (Silva, *Jornal dos Debates*, 1837, n. 30, p. 1).

A figura da pessoa melancólica e sua busca por uma forma de autenticidade e / ou expressão emocional influenciaram gerações de escritores e artistas, tornando-se um arquétipo literário recorrente. Por extensão, o suicídio é uma temática muito presente nas narrativas de Silva, em que o objetivo era o de retratar ou, ainda, o de demonstrar as inquietações vividas pela sociedade de sua época e, além disso, utilizá-la para reforçar questões morais e religiosas, como uma estratégia de aquietar os espíritos revolucionários e corruptores.

Silva também trabalha a temática do suicídio em duas outras narrativas de sua autoria que não utilizamos neste trabalho. Uma delas é a ficção *Maria* (1837) publicada no periódico *Gabinete de Leitura*. Nela conhecemos a história da jovem homônima afastada de seu amado, Eugênio, que partiu para Paris, estudar medicina. Sucessivamente, sem nenhuma explicação, conhecemos que a jovem sofrera um ataque furtivo de Camilo, um rapaz apaixonado por ela, e, por não ser correspondido, deseja macular a honra da jovem. Um mês após o ocorrido, tomamos conhecimento de que Maria teria matado Camilo, sob a alegação de vingança, por ter lhe “imprimido uma nódoa eterna” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 18, p. 6). Depois, toma um copo de água com veneno e falece.

A outra narrativa de Silva abordando a temática do suicídio, curiosamente, também envolve uma mulher: *Amor, ciúme e vingança* (1838-1839), publicada no periódico *Museu Universal* e continha oito subdivisões. Nela conhecemos a história de dois jovens que se amam, Maria e Adolfo, mas que são obrigados a se afastar em decorrência do matrimônio contraído pela jovem, visando saldar uma dívida de seu pai, Adalberto, com um negociante de escravos. Um ano depois, os jovens amantes voltam a se encontrar, após Adolfo realizar o livramento a um assalto que Frederico sofrera. Maria e Adolfo se reencontram e podem se declarar amorosamente, cometendo, assim, o crime do adultério. Dessa forma, por se sentir culpada pelo mau passo que dera, afinal, ela era “uma senhora de educação que trai

os laços conjugais” (*Museu Universal*, 1838, n. 00001, p. 146), decide suicidar-se. Ao fim do capítulo sétimo confessa: “eu estou envenenada” (Idem). Já Adolfo, após esse fato, mesmo estando gravemente doente e quase ter enlouquecido, admite “tinha querido assassinar” (Idem), mas não o fez, pois “vinha-lhe uma boa ideia, lembrava-se de que o suicídio era um crime moral, religioso e social” (Idem).

Nessas duas narrativas Silva trabalha com a temática do suicídio; são ficções de matriz social, as duas mulheres homônimas são devastadas, uma pelo abuso e a outra pelo adultério, respectivamente, praticando o suicídio. Portanto, antes do suicídio são mulheres que feriram a moral social e, com o suicídio ferem a Igreja, portanto, elas são criminosas. Com Luiza aconteceu de modo diferente, ela não é uma criminosa, foi vitimada por uma paixão delirante e era uma jovem cândida e inocente. A temática chocaria a população, porque não esbarra em nenhum tipo de crime ou vício da virtude, assim, seria publicação complicada. Dessa maneira, o fantástico aparece nessa narrativa como um mecanismo para abordar uma temática que não esbarra na transgressão das leis religiosas, mas, antes, demonstrando a preocupação com saúde mental. Assim, o elemento sobrenatural interfere na vida social, cuja finalidade é de orientar e de explicar as leis da vida humana, ou ainda, criar uma teoria para os problemas centrais da realidade, causando “uma ruptura no sistema de regras preestabelecidas” (Todorov, 1981, p. 86).

Da mesma maneira, percebemos a preocupação com a temática do suicídio no periódico *Gabinete de Leitura*, mantém uma linha editorial no trabalho de publicações literárias. No mesmo dia que foi publicada a narrativa *Luiza*, de Silva, nas páginas iniciais da folha *Gabinete de Leitura*, aparece a narrativa *O sedutor*, assinada por Washington Irving (1783 – 1859), escritor do início do século XIX. Ao lado de James Fenimore Cooper, tornou-se um dos primeiros escritores estadunidenses reconhecidos na Europa.

A narrativa de Irving passa-se às margens do rio Necker, na Alemanha. Ágatha Engelmann tinha dezesseis anos e era única filha de Franz, um rico moleiro. Ela é seduzida por um estudante, Gottfried. Mediante a promessa de casamento, a jovem se entrega ao amor do rapaz e tem um filho com ele. Após a morte do pai de Ágata, a jovem recebe uma carta em que Gottfried comunica seu casamento com a

senhora d'Heinthal e a guarda do filho, a fim de poupar as despesas a jovem, além de oferecer o conselho de relacionar-se amorosamente com Karl. Desesperada com a notícia, Ágata cai em febre, delirante. Durante a noite, ela se atira nas águas do rio Necker, abraçada com seu filho. Os cadáveres são encontrados no dia seguinte.

Tanto Ágata, de Irving, como Luiza, de Silva, são jovens abandonadas por seu amado. Como são jovens imaturas e vivem em sociedades nas quais a postura da mulher deve ser mais séria, prudente e cautelosa, as jovens acreditam somente em uma saída: o suicídio.

A narrativa *Luiza: legenda brasileira* finaliza retornando ao contexto de início, a origem do bosque em torno do local de sepultamento da jovem, bem como o nascimento da roseira dando começo à lenda. Retomamos, aqui, a ideia de se fazer uma Literatura Brasileira a partir da construção da natureza exuberante do Brasil. Daí a lenda estar construída a partir de um olhar atento ao passado dos populares, revelando os costumes, as tradições e, sobretudo, buscando exaltar a natureza. O narrador continua, portanto, com um olhar atento à valorização da herança cultural, divagando sobre a lenda.

A fim de reafirmar o tom sobrenatural e ligá-lo à natureza exuberante do local, o escritor informa que, após a meia noite, “costumam aparecer quatro almas do outro mundo naquele sombrio e misterioso bosque, ouvem-se gemidos e ais, e por isso ninguém se atreve a passar a essas horas por aquele sítio” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 8).

É perceptível que o narrador não se posiciona mediante o sobrenatural, mas mantém a atmosfera de vacilação, “a primeira condição do fantástico” (Todorov, 1981, p. 19), quando coloca na boca dos antigos moradores a lenda sem comprovar qualquer tipo de veracidade e, tão pouco, afirmar o mistério do bosque.

Quando a história chega ao fim, fica a critério do leitor qualquer tipo de conclusão, tendo em vista que isso não fora feito por nenhum personagem e nem pelo narrador. O leitor fará a interpretação do tom sobrenatural da lenda optando por manter as leis da realidade intactas e permitir que os fenômenos sejam explicados. Assim, podemos compreender as almas vistas como ilusões provocadas pelas sombras do bosque, falseando aos nossos olhos e os gemidos poderiam ser de

animais. Ou ainda, se o leitor optar por “admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado” (Idem, p. 24), nesse caso, afirma-se que as almas vagam no bosque como se estivessem presas nesse lugar, confirmando, assim, a existência do sobrenatural.

2.2. As catacumbas de S. Francisco de Paula

Essa é a quarta publicação do *Gabinete de Leitura* aparecendo no final da terceira coluna da quarta página. No *Jornal dos Debates*, é a sexta narrativa publicada pelo escritor, sob a rubrica *Apêndice*, no final da primeira coluna da terceira página. Apesar de ter sido publicada em dois periódicos, a história é semelhante em ambos, apenas com uma pequena modificação na última linha da folha *Jornal dos Debates*.



Imagem 8: *As Catacumbas de S. Francisco de Paula*. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Gabinete de Leitura*, n. 14, p. 4 – 6.



Imagem 9: *As Catacumbas de S. Francisco de Paula: romance*. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal dos Debates*, n. 68, p. 3 – 4.

Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, na qual o narrador é um jovem recém chegado da Europa, e vai ao cemitério de São Francisco de Paula visitar e chora no túmulo de seus pais falecidos.

A Igreja São Francisco de Paula fica localizada no centro histórico do Rio de Janeiro, próxima do Real Gabinete Português de Leitura. Foi construída entre 1759 e 1801 (Cabral; Peixoto, 1884, p. 267). O cemitério São Francisco de Paula ou,

simplesmente, Cemitério do Catumbi, nome atribuído por estar localizado no bairro de mesmo nome, foi construído depois da lei de proibição de enterros em igrejas, Portaria Imperial de 14 de fevereiro de 1850. A proibição se deu depois que um surto de febre amarela causou medo “de que a proximidade dos vivos para com as sepulturas e seus cadáveres em putrefação ocasionaria doenças e se transformaria em grande perigo em contextos epidêmicos” (Rodrigues, n.8, 2014, p. 259).

A narrativa leva-nos aos jazigos existentes no subsolo da igreja. O jovem, que está cumprindo com o seu dever de filho agradecido, vem acompanhado de um guia, um escravo, João. Chama a atenção ver o escravo João chorar no túmulo de uma jovem, cujo epitáfio contém a inscrição, “Aqui jaz Matilde da Anunciação, morta na idade de 18 anos; rogai pelo descanso de sua alma” (*Jornal dos Debates*, 1838, n 68, p. 3).

O jovem, então, conta-nos a história de Matilde, que o escravo havia contado a ele no cemitério. Dessa forma, a narrativa passa para a terceira pessoa. Matilde era filha de um negociante, Alberto da Anunciação, conhecido como um homem muito honrado. Deixou o seu negócio por motivo de saúde para habitar no bairro das Laranjeiras onde tinha uma chácara, próximo às águas férreas.

Compreendemos que o narrador está falando do bairro Cosme Velho, que fica ao fundo do bairro das Laranjeiras. Águas férreas era a forma antiga de se referir ao bairro, que tinha esse nome em decorrência dos percursos dos bondes da região, além de ter como referência as fontes de águas férreas. O nome do bairro seguiu sendo Águas Férreas até o início do século XX (Freire, *Diário do Rio*, 2016). Sabemos, hoje, que todas as fontes de águas férreas do Rio de Janeiro secaram, mas a única em que o monumento ainda existe, é a que está situada na rua Riachuelo, antiga Mata-Cavalos.

Matilde era uma jovem muito amada por seu pai e tinha “um físico divino, tinha uma alma cândida, inocente e virtuosa” (*Jornal dos Debates*, 1838, n 68, p. 3).

Alberto era vizinho de um desembargador, seu amigo íntimo. Esse homem tinha um filho, “moço de gosto e instrução” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n 14, p. 5), Eustáquio, de 23 anos, que havia viajado muito pela Europa e “sorvido até a última gota na taça das delícias e prazeres mundanos” (Idem), afeiçoara-se à leitura

de Byron e Goethe, além de ser muito melancólico. Sua melancolia, segundo a narrativa, corroborada “pela influência da literatura do nosso século, fazia que ele só gostasse de recostar-se sobre túmulos, de zombar das infelicidades humanas e até seguindo-as com um sorriso sardônico e infernal” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n 14, p. 5).

Tanto Lord Byron quanto Goethe são conhecidos por suas conexões com o tema da melancolia em suas obras literárias. Byron, um poeta inglês do século XIX, é frequentemente associado ao Romantismo e ao movimento literário conhecido como "Byronismo". Em suas obras, como *Childe Harold's Pilgrimage* (1812) e *Manfred* (1817), Byron retrata personagens atormentados e melancólicos que buscam a redenção ou o alívio para suas dores e angústias. Seus poemas são permeados por um senso de isolamento, descontentamento com a sociedade e uma profunda reflexão sobre a existência humana.

Tanto Byron quanto Goethe, como já dissemos anteriormente, exploraram a melancolia como um estado de espírito caracterizado por tristeza profunda, reflexão intensa, desespero e busca por significado. Suas obras refletem as inquietações e os questionamentos da época em relação à natureza humana, à existência e à relação do indivíduo com a sociedade. A melancolia nessas obras literárias é uma expressão do desejo de transcendência, da busca por um entendimento mais profundo da vida e da natureza humana bem como uma reação à sociedade e às limitações impostas por ela.

Na narrativa, os amigos decidem unir as famílias, por meio do enlace de Matilde e Eustáquio. Após quarenta dias de um feliz casamento, a melancolia de Eustáquio não o abandona, fazendo-o deixar sua esposa e ficar em meio às árvores, na tentativa de fugir dos olhos de qualquer pessoa. O estado de Eustáquio desesperava e atormentava Matilde.

Silva descreve as noites brasileiras nessa ficção como “invejadas pelos Europeus” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 14, p. 5), exatamente pelo fato de que “a lua prateava a terra e rodeada de brilhantes estrelas, que como anjinhos, parecem saltar e brincar em torno dela, esgotava todos os seus raios, espargindo-os desleixadamente” (Idem). Também identificamos a temática nacionalista quando o

autor acentua o ‘aroma’ do Brasil “uma folha somente não balançava nas árvores... o ar, ainda que perfumado pelos aromas, que exalava a terra, não se movia por nenhuma viração...” (Idem). Silva dialoga na prosa de ficção com a imagem sublime do país apontado pelos estrangeiros em vários diários de viagem ao longo do século XIX, como uma terra de belas paisagens, um paraíso terrestre. O objetivo do escritor é tratar mais das “belezas naturais brasileiras” (Silva, 1998, p. 157). Assim, é recorrente, em toda a ficção, a construção da natureza exuberante, descrevendo cenas ou elementos da cena de maneira destoante à ideia de natureza europeia.

Matilde busca entender o que acontece com o marido; então, faz a seguinte descoberta: ele amara perdidamente uma prima, de nome Amélia. Eustáquio era correspondido amorosamente por Amélia, porém seu relacionamento não teve êxito, tendo em vista que o pai de Amélia, em decorrência de relações comerciais, obrigou a filha a se casar com um homem que ela não amava.

Revela-se, então, que não houve tempo de o rapaz expor ao pai sua intenção em fazer a corte à moça. A família sequer supunha esse amor tórrido, não havia qualquer obrigação cívica, pois não houve o “consentimento de cada uma das sobreditas pessoas” (Almeida, 1870, p. 1172).

Eustáquio venerava Amélia e se lembrava dela tocando ao piano um trecho da personagem Norma de uma pequena ária, a Sacerdotisa dos Gauleses. Vejamos a citação:

Ainda me lembra quando seus dedos giravam tão graciosamente por cima das teclas do piano! ... Quando se exalavam os sons melancólicos da Norma de Bellini, que ela tocava, somente por acoeder [sic] ao meu pedido! ... Oh! E quando sua voz se elevava harmoniosamente, ecoando a celebre cavatina da Sacerdotisa dos Gaulos! [sic] (Idem).

No tocante à “sacerdotisa dos Gaulos”, traremos uma menção ao periódico *Correio das Modas*, do dia 23 de julho de 1840, em trecho da ‘Crônica dos bailes e concertos da Sociedade Filarmônica – 20 de julho’. Neste texto, faz-se uma referência à ópera apresentada à população. Nele, lemos: “A segunda parte do

concerto conteve, além de outras músicas, o dueto da *Norma*, dessa bela sacerdotisa dos Gaulos [sic], casta, pura, e nobre inspiração desse Deus da música, que se chamava Bellini” (n. 7, p. 5).

A crônica trata da representação da ópera trágica em dois atos de Vincenzo Bellini, na qual Giuditta Pasta representou Norma, uma sacerdotisa que vive um triângulo amoroso entre Adalgisa e o pró-cônsul Pollione⁵. Talvez, Silva tenha se inspirado na ópera de Bellini para criar o seu “triângulo amoroso” Matilde, casada com Eustáquio, que ama sua prima, Amélia.

O amor sendo impossível, Eustáquio, inicialmente, pensa em suicídio. A obra de Philippe Pinel informa que os excessos passionais contribuem para uma forma de alienação mental e recorrente de suicídio. Destacamos que os desejos e sentimentos amorosos contrariados podem gerar um profundo desgosto e levar ao abuso de vícios, contribuindo em demasia com a melancolia (Pinel, 1801, p. 166). Esse caminho foi o percorrido por Eustáquio na narrativa de Silva.

Sigmund Freud, o renomado psicanalista austríaco, escreveu um ensaio intitulado *Luto e Melancolia*, publicado pela primeira vez em 1917. Neste trabalho, Freud investiga as diferenças entre o processo de luto normal e a condição psicopatológica conhecida como melancolia (hoje conhecida como depressão).

No ensaio, Freud descreve o luto como uma reação saudável diante da perda de uma pessoa amada ou de algo significativo em nossas vidas. Ele destaca que, durante o luto, o indivíduo vivencia uma série de emoções e sintomas, como tristeza, desespero, falta de interesse pelas atividades cotidianas e uma sensação de vazio.

Segundo Freud, a relação entre o luto e a melancolia envolvem um sentimento de perda, mas enquanto no luto a resposta é adaptativa e temporária, na melancolia é uma condição mais duradoura e patológica. Na melancolia, a pessoa volta-se contra si mesma, direcionando a raiva e a hostilidade internamente. Na narrativa de Silva, o protagonista canaliza essa raiva e a hostilidade a partir de uma

⁵ Disponível em http://www.cantarelopera.com/opere/libretti/V.Bellini_-_Norma.pdf, acessado em 24 de julho de 2020.

destruição de si mesmo. Assim, a experimentação de todos os prazeres acaba por torná-lo descrente e vazio.

Júlia Kristeva, teórica e psicanalista búlgara-francesa, também abordou a temática da melancolia em sua obra. Ela oferece uma perspectiva única e complementar à de Sigmund Freud sobre esse estado psicológico. No livro *Pulsões de Luto* (1980), Kristeva explora a relação entre o luto, a melancolia e a abjeção. Para Kristeva, a melancolia é uma forma de luto que não se conclui, um estado de dor e sofrimento prolongado. Exatamente como Eustáquio da narrativa de Silva se encontrava, em um estado contínuo de sofrimento causado pela melancolia.

Segundo a teórica, a melancolia é caracterizada por uma profunda perda de identidade e por uma sensação de vazio existencial. Ela descreve a melancolia como um "luto narcísico", em que o indivíduo não apenas lamenta a perda de um objeto, mas também vivencia a perda de si mesmo.

O rapaz logo tira a ideia do suicídio da cabeça ao imaginar seu pai sempre infeliz. Decide, então, ser frade. Contudo, o pai o convence a ir para a Europa. No velho continente, o jovem conhece as cidades de Londres, Paris, Roma e Viena, também viaja pela Alemanha e os Países Baixos.

Na impossibilidade de esquecer Amélia, Eustáquio decide entregar-se aos mais diversos prazeres, deixando-se conduzir por todas as forças e discussões que dominavam as sociedades europeias, como o San Simonismo, a República e o Papismo: “tudo aceito, tudo sorvo” (*Jornal dos Debates*, 1838, n 68, p. 4). Ao final de um ano, já havia conhecido boa parte da Europa, experimentado todos os prazeres e se torna descrente de tudo, “Nada mais achei em mim, exceto um seco e árido e desesperado ceticismo” (*Jornal dos Debates*, 1838, n 68, p. 4).

A decepção amorosa de Eustáquio foi substituída pelos prazeres que encontrara na sociedade e, posteriormente, com a incompletude e a insatisfação em relação ao mundo, transformando-se em uma pessoa deprimida e vazia.

Nas *Ordenações Filipinas*, no Livro 5, Título 1, temos a definição de hereges e apóstatas, aqueles que inteiramente abandonam a fé cristã. Assim, quando Eustáquio passa a ser uma pessoa seca, árida e cética, a personagem

torna-se descrente; então, renega a fé ou torna-se ateu, o que era um crime para a Igreja.

Nesse contexto, Eustáquio regressa ao Rio de Janeiro. Após o casamento, o jovem tenta transferir o amor sentido por Amélia para Matilde, mas foi em vão, pois ele estava vazio, não tinha mais lembranças do sentimento.

Alfred Nettement, a respeito do casamento, é categórico em reafirmar os valores cristãos; vejamos a citação:

Deus, ao criar o homem e a mulher, quis que a sua união fosse a mais íntima e a mais santa das uniões; que ele ordene que eles deixem tudo um para o outro; que a companhia deles é tão agradável para ele, que a única bênção que ele não retirou após a primeira queda foi aquela que deu no casamento; que o leito nupcial deve permanecer sempre puro e sem mácula; que a mulher deve ter gentileza e graça, e ser o ornamento da vida doméstica; que seu jugo deve ser um jugo de amor. (Nettement, 1847, p. 446).

Na impossibilidade de amar Matilde como a jovem deveria ser amada, Eustáquio oferece a possibilidade de separação. Mas, para isso, Matilde deveria ficar no convento e a sugestão é o convento da Ajuda, “o rendez-vous do divórcio” (*Jornal dos Debates*, 1838, n 68, p. 4).

Nessa narrativa o escritor trata da possibilidade de oferecer o divórcio a um casal pela impossibilidade de serem felizes no relacionamento, ficção não compatível com a realidade. Tendo em vista que a realidade a superioridade masculina em detrimento da mulher sempre prevaleceu. Assim, a mulher era subjugada e não tinha o direito de decidir sobre sua vida.

Os arquivos paroquiais dos séculos 18 e 19 estão repletos de relatos de senhoras que apanhavam com varas cravejadas de espinhos, que eram obrigadas a dormir ao relento, que ficavam proibidas de comer por vários dias e até que eram amarradas ao pé da cama enquanto o marido, no mesmo aposento, deitava-se com a amante. As esposas eram tão brutalizadas que os bispos, em certos casos, atendiam-lhes as súplicas e

concediam a separação de corpos. (Westin & Sasse, *Jornal do Senado*, 2013).

O homem, quando tem condições financeiras, após um relacionamento mal resolvido, vai para a Europa. Depois do esquecimento e da recuperação da saúde mental, ele retorna para retomar sua vida, em todos os âmbitos. Já a mulher, mesmo que tivesse condições financeiras para viajar o mundo, se seu relacionamento não funcionasse, ela nada poderia fazer. A única esperança, para uma vida digna era o convento.

Também o crítico Eugène Poitou, divaga sobre a má influência que o romance folhetim poderia exercer nas pessoas, quando essas obras não fazem o bom uso da moralidade, corrompendo-as. Poitou entende que a literatura teria passado a “reformatar o Estado e mudar bases da sociedade, começaram naturalmente por se libertarem dos deveres da família, impacientes para alcançar em sua esfera o progresso que sonharam para o mundo” (Idem, p. 359). Além disso, enxerga o jovem como “o apóstolo de todas as idéias revolucionárias, de todos os sistemas renovadores, de todas as utopias da época” (Poitou, 1858, p. 358).

Exatamente por isso, as narrativas de Silva são escritas para mostrar aos jovens o exemplo a ser seguido, sem a intenção de reformatar a sociedade, mas para a manutenção da ordem patriarcal. Então, a solução para o problema do casamento infeliz e o divórcio, era o falecimento da personagem mais vulnerável, no caso, Matilde.

Após a longa conversa entre Matilde e Eustáquio, eles voltam para casa e, no dia seguinte, Matilde fica gravemente enferma por 10 dias, pálida e febril. Assim, com o estado de saúde completamente debilitado, Matilde tem um sonho, no momento funesto, para dar o tom sobrenatural à narrativa que já divagava por elementos infaustos, como o cemitério. O sonho horrível era que Matilde se via morta, enterrada e, em seu jazigo, havia “um homem, que se riu e zombava do seu cadáver; que esse homem se metamorfoseava em serpente, furava a terra, que a cobria e a mordida toda” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 14, p. 6). Seguindo o sonho,

vêm o beijo funesto e o enterro da jovem. Eustáquio segue o “corpo às catacumbas e chorou um dia inteiro” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 14, p. 6).

Como pudemos observar, a narrativa tem um desfecho com algo de sobrenatural, como se o plano espiritual interferisse no plano natural por meio de um sonho premonitório. Assim, o fantástico contém acontecimentos que estão no universo do sobrenatural, mas tem “uma explicação racional” (Todorov, 1981, p. 25): era tudo um sonho. Mesmo podendo ser explicado pelas leis da razão, o sonho de Matilde permanece extraordinário e inquietante. Dessa maneira, ele causa “uma reação semelhante a que o texto fantástico nos voltou familiar” (Idem, p. 26).

Assim, vemos que o sonho de Matilde divaga muito mais sobre os sentimentos da jovem sobre Eustáquio. O sonho da moça “relaciona-se unicamente com os sentimentos das pessoas e não com um acontecimento material que desafia a razão” (Idem, p. 27). Ao contrário do que acontece na narrativa anterior, em “Luiza: legenda brasileira” o desfecho misterioso no bosque se caracteriza “pela existência de feitos sobrenaturais, sem implicar a reação que provocam nos personagens” (Idem). Lembramos que não há comprovação acerca da facticidade sobre as coisas acontecidas ou sentidas no bosque.

Além disso, como a ficção *Luiza: legenda brasileira* (1837) temos em *As catacumbas de S. Francisco de Paula* (1837) a recriação de uma estrutura ficcional que resvala na tradição oral, ou ainda, nos costumes populares de histórias, uma lenda urbana. Novamente aqui, temos Silva conduzindo sua narrativa por um caminho que o levasse a recriar e retratar as histórias do povo brasileiro, salientando a busca por uma escrita que tivesse “um rompimento abrupto com a tradição europeia” (Sussekind, 1990, p. 17).

Por fim, a narrativa *As catacumbas de S. Francisco de Paula*: romance foi publicada no periódico *Jornal dos Debates*, com um pequeno acréscimo no final com a frase, “e depois de novo entregou-se aos prazeres” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 68, p. 4).

Como podemos observar, Eustáquio passa por uma segunda perda, a morte da esposa Matilde. Freud argumenta o luto e a melancolia envolvem um sentimento de perda, mas o luto é temporário, já a melancolia é mais duradoura e

patológica. Se, anteriormente, o jovem melancólico não conseguia ser feliz com sua esposa, por ter canalizado a raiva e a hostilidade, gerada pela melancolia, para a destruição de si mesmo, tornando-se descrente e vazio, agora, após a segunda perda e sem qualquer forma de melhora no quadro clínico, a melancolia, como Kristeva aborda em sua obra, não se conclui, transformando a vida do rapaz em um estado de dor e sofrimento prolongado.

Dessa maneira, quanto ao pequeno acréscimo no final da narrativa *As catacumbas de S. Francisco de Paula*: romance, publicada no periódico *Jornal dos Debates*, “e depois de novo entregou-se aos prazeres” (*Jornal dos Debates*, 1838, n 68, p. 4), caracteriza a profunda perda de identidade e uma sensação de vazio existencial, mencionado por Kristeva, no tocante à melancolia como um “luto narcísico”. Eustáquio não só é um indivíduo que lamenta a perda de um objeto, mas também vivencia a perda de si mesmo.

3. Narrativas de matéria social

O século XIX também foi um período de grandes mudanças políticas e sociais que transformaram a nossa maneira de ver e de fazer literatura no Brasil. O início dessas modificações aconteceu em 1808, durante o período do reinado de Dom João VI, com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil. A mudança da Corte foi motivada pela invasão das tropas francesas de Napoleão Bonaparte a Portugal, o que ameaçava a segurança da família real e do Governo Português.

Em novembro de 1807, diante do avanço das tropas francesas e da iminente captura de Lisboa, a família real portuguesa, liderada por Dom João VI, decidiu transferir-se para o Brasil, que na época era a maior colônia portuguesa e possuía uma estrutura governamental mais estável. A Comitativa Real saiu do solo Português no dia 29 de novembro de 1807, com cerca de 15 mil pessoas, e chegou em março de 1808, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Foi um evento histórico importante para o Brasil, pois, pela primeira vez, uma colônia se tornava a sede do Império Português.

A transferência da Corte para o Rio de Janeiro proporcionou grandes transformações urbanas e sociais, cuja finalidade era acomodar melhor a Corte e sua comitiva. Com isso o Rio de Janeiro passou por impactos significativos que impulsionaram o desenvolvimento da cidade. Além disso, a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, decretada por Dom João VI em 1808, permitiu o livre comércio entre o Brasil e outras nações, rompendo o monopólio comercial que Portugal mantinha sobre a colônia. Essa medida impulsionou a economia brasileira e estimulou a vinda de imigrantes e investimentos estrangeiros.

A permanência da Corte no Brasil durou cerca de treze anos, até 1821, quando Dom João VI retornou a Portugal, deixando seu filho Dom Pedro I como regente no Brasil, atendendo às pressões políticas e aos movimentos de Independência que surgiram no Brasil nesse período. As mudanças realizadas durante a permanência da família real portuguesa no Brasil trouxeram importantes transformações para o país e despertaram um sentimento de nacionalismo e autonomia entre os brasileiros. Esse foi um dos principais acontecimentos que

levaram à Independência, em 7 de setembro de 1822, marcando a separação política entre o Brasil e Portugal.

Durante o período que antecede a Independência, surgiram conflitos políticos entre as elites brasileiras e portuguesas. A Corte portuguesa tentou impor medidas que limitavam a autonomia do Brasil e recolonizavam o país. Em resposta a essas medidas, o príncipe regente Dom Pedro I proclamou a famosa frase "Independência ou Morte!" e declarou a Independência do Brasil, em 1822.

No entanto, o processo de Independência não foi imediatamente reconhecido por Portugal. Houve conflitos e lutas armadas entre forças brasileiras e portuguesas ao longo dos anos seguintes. Em 1825, foi assinado o Tratado de Paz e Aliança entre Brasil e Portugal, que finalmente reconheceu a Independência brasileira. Após a Independência, Dom Pedro I foi coroado como o primeiro Imperador do Brasil e o país adotou uma forma de Governo Monárquica. O Império do Brasil durou até 1889, quando foi proclamada a República.

A Independência do Brasil trouxe mudanças significativas para o país, como a consolidação de sua autonomia política, a formação de um Governo próprio e a afirmação de uma Identidade Nacional.

As narrativas de João Manuel Pereira da Silva foram publicadas depois de 1837, pouco tempo depois da Independência e, ainda tínhamos uma economia bastante agrária, com muitos latifúndios e mão de obra escrava. Nesse contexto, a sociedade era, basicamente, dividida entre: os detentores do dinheiro e do poder, como os donos de latifúndios e os demais pertencentes à elite; o escravo e o homem livre (Schwarz, 1977, p. 16).

Dessa maneira, as narrativas que abordaremos nesse capítulo emergiram e moldaram a sociedade, refletindo as transformações políticas, econômicas e sociais que ocorreram durante o século XIX. O nacionalismo é presente nas narrativas de Silva de várias maneiras, alimenta um senso crescente de identidade nacional e busca por autodeterminação. Assim podemos apontar essa busca por autodeterminação em certas dimensões sociais como: referências a lugares do efervescer social, as modas, os usos, as manifestações de atitudes de classe e uma sociedade que busca a expressão de vida a partir de um conceito de vida burguesa.

Além disso, um dos assuntos em que repousa o nosso estudo é o arrivismo, manifestado por meio da representação de um costume vigente na época, que é o casamento por dinheiro ou arranjado. O arrivismo, como conceito, refere-se à ambição desmedida e ao desejo de ascensão social rápida e sem escrúpulos. Na literatura do século XIX, esse tema foi explorado em diferentes obras, refletindo as tensões e transformações sociais da época. Frequentemente é retratado por uma personagem que buscava subir na hierarquia social, muitas vezes às custas de outros e através de meios questionáveis. Uma das obras mais importantes sobre esse tema é *Madame Bovary* (1856) de Gustave Flaubert. Neste romance, Flaubert retrata a história de Emma Bovary, uma mulher insatisfeita com sua vida entediante e que busca fugir da mediocridade e da vida provinciana por meio de amantes e extravagâncias. Sua busca pelo luxo e status social a leva a uma espiral de dívidas e decepções.

Em Silva, não temos todo o aspecto da transação do matrimônio, algo que só seria representado em *Senhora* (1875), de José de Alencar. Em seu romance, Alencar expõe as convenções sociais da época, mostrando como o dinheiro pode ser usado como uma forma de controle e poder, muitas vezes substituindo o amor e a felicidade genuína. Na narrativa de Silva, temos o tratamento envolvendo o comportamento dos personagens em busca de dinheiro. Muitas vezes, essa busca não corresponde apenas à atitude de uma pessoa, mas a todo o comportamento de uma família. Além disso, Silva demonstra a relação romântica do amor como uma forma de preocupação social, tanto feminina como masculina. Contudo, a crítica social se mantém a mesma em ambas as ficções, ainda que mais simplória na narrativa de Silva. Assim, tanto a narrativa de Silva como a de Alencar abordam como o dinheiro pode corromper as relações pessoais e como a busca desenfreada por status social pode levar à infelicidade e à falta de valores morais.

As narrativas abordadas nesse capítulo são *Um primeiro amor* (1837), que nos conta a história de amor de Carolina, uma jovem rica que mora em Botafogo, e de um advogado recém formado, Emílio. O rapaz, muito ambicioso, buscava um casamento que o fizesse migrar para uma classe social mais abastada. Então, aceita o casamento com a rica viúva de um desembargador.

A outra narrativa é *Uma paixão de artista*: romance (1837). Nela conhecemos a história de Egídio, um jovem de boa família que decide ser pintor e era apaixonado por uma jovem linda e rica. Fortunata é dada em casamento a um rapaz que atendia às expectativas da família, deixando Egídio devastado e com desejo de praticar o suicídio.

3. 1. Um primeiro amor

Um primeiro amor constitui a terceira narrativa publicada por Silva no *Gabinete de Leitura*, em novembro de 1837. Posteriormente, foi publicada no periódico *Jornal dos Debates*, já sob o título *Um primeiro amor no baile do Catete*: romance, em maio de 1838. Após isso, a narrativa aparece compilada na obra de Barbosa Lima Sobrinho, no livro *O conto no Brasil: os precursores* (1960).



Imagem 10: *Um primeiro amor*. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Gabinete de Leitura*, n. 13, p. 5, 6.



Imagem 11: *Um primeiro amor no baile do Catete*: romance. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal dos Debates*, 1838, n. 65, p. 2, 3.

Trata-se de um recorte do momento em que Carolina, uma moça de boa família e habitante do bairro de Botafogo, se apaixona por Emílio, advogado recém formado que mora em um modesto apartamento na antiga Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março, centro do Rio de Janeiro. Eles se encontraram pela primeira vez no Baile do Catete, dançaram, conversaram e trocaram muitos olhares.

A casa de baile da Sociedade de Recreação do Catete iniciou suas atividades em 17 de maio de 1834 (*Diário do Rio de Janeiro*, 1834, n. 0500010, p.

1), e o bairro do Catete seria reconhecido, logo após, como “o bairro da tafularia, do casquilhismo, do bom-tom, da elegância, do espírito, da aristocracia – o *faubourg Saint-Germain* do Rio de Janeiro” (Pinho, 1946, p. 99). Posteriormente à criação desta casa de baile, surgiram muitas outras agremiações recreativas com bailes e apresentações especiais e musicais, tais como: Assembleia Estrangeira, Sociedade Praia-Grandense, Club Fluminense, Cassino Fluminense, etc. Todos esses locais eram “de grande estima da população e frequentados pelos estrangeiros ilustres, a elite fluminense e, por vezes, a família imperial” (Zamith, 2011, p. 91).

O baile do Catete acontecia no Palácio do Catete que ficava no bairro de nome homônimo, limitando-se com o bairro das Laranjeiras e o bairro do Flamengo. Na tese de doutorado de Lino de Almeida Cardoso encontramos uma breve citação sobre o que era o baile do Catete. A Sociedade de Recreação do Catete era uma reunião “promovida por uma sociedade privada, que, assim como a Filarmônica, só admitia a entrada de sócios e convidados” (2006, p. 446). Apesar disso, Cardoso revela que o baile era frequentado por todos os tipos de pessoas, independentemente de suas condições financeiras (Idem, p. 447).

No artigo redigido na revista “Correio das modas” em 1839, intitulado “Concerto em a [sic] casa do Baile no Catete”, vemos que a casa contava com seis grandes lustres e, em termos de atrações, recebeu para uma apresentação especial da orquestra, quatrocentas pessoas de ambos os sexos. O espetáculo agradou muitíssimo e acabou próximo da meia noite. Sobre os trajes sabemos que as mulheres vestiam-se “com elegância e bom gosto”.

Na narrativa de Silva não temos a descrição do local, mas, na tentativa de ilustrar os costumes e os usos, a ficção traz o comportamento das pessoas no baile. É o caso das personagens Carolina e Emílio: por meio deles sabemos como as pessoas usavam os bailes para algum tipo de namorico. Assim, normalmente, primeiro uma “contradança pedida e aceita” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 5), dava “motivos a que se encetasse a conversação” (Idem), que sempre vinha “de quando em quando os dois semblantes coravam” (Idem).

Também sabemos que no baile havia “certos olhos escutadores [sic]”, eram pessoas que lá iam para escutar ou ver algo bom; que era necessário ter

cuidado para não “notarem as escapulidelas e depois falarem e intrigarem” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6). Dessa maneira, era melhor procurar “o instante, em que todos se achavam ocupados” (Idem) para dançar com o par de interesse afetivo. Normalmente, o ideal era esperar algumas músicas, pois as pessoas estavam mais ocupadas então, diminuía a observação.

Pereira da Silva, como Alencar no romance *Senhora* (1875), se aproveita das “evidências do consenso, localista e muitas vezes burlesco, tais como a tradição, o hábito, o afeto em toda a sua irregularidade” (Schwarz, 1977, p. 34). Logo, o interessante para o escritor não está em descrever o ambiente, mas usos, costumes e comportamento dos populares dentro de um ambiente localista e burlesco, na tentativa de salientar o hábito ou, mesmo, o afeto.

Silva descreve Carolina, no baile, como uma moça acostumada a frequentar a elite carioca. A moça se comportava como uma das mais formosas damas do recinto. Contudo, Carolina ainda não era uma típica brasileira pois, “tinha uma tez fina e delicada, ornada de uma cor rósea; seus cabelos, (...) loiros” (Idem). Assim, verificamos que ela tinha uma aparência estrangeira, afinal seus “olhos tinham alguma coisa de oriental” (Idem).

Não podemos deixar de notar que Carolina “eclipsava com sua beleza a formosura das outras donzelas” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 4), que tinha “vivacidade e velocidade” (Idem) e era “a mais amável e jovial companheira” (Idem). Ao fim da narrativa, perde seu brilho; “a existência de Carolina parecia ligada a existência da luz” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6), até que toda a sua luz se apaga e “viu-se às escuras” (Idem). Então, temos a transformação de Carolina em uma carola no Convento de Santa Tereza, com a vida dedicada aos jeuns e às preces.

De maneira análoga, imediatamente somos conduzidos à história da personagem Emília, em *Diva* (1864), de José de Alencar; como uma das transformações mais exuberantes da prosa de ficção: passa de uma “menina feia e desgraciada” (Alencar, p. 6), por motivos de saúde, para uma “altivez de rainha” (Idem) e com um “diadema cintilando na cabeça de um anjo” (Idem).

Emílio, por sua vez, “apesar de ser homem também não era feio” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 5) e, ainda que fosse feio, “se vestia muito bem, tinha uma casaca parda muito bem feita, obra de um homem de gênio” (Idem). Assim, podemos ver nesse trecho o quanto as pessoas iam ao baile vestindo-se com garbo e elegância. Além disso, o rapaz também se revelava de “bastante espírito” (Idem), mas ainda que não tivesse, não haveria problema, pois “era bacharel formado pela academia de S. Paulo” (Idem). Essas qualidades elencadas na descrição de Emílio compõem um protótipo ideal para a figura masculina no século XIX, característica necessária “para ser procurado e amado nas sociedades” (Idem). Contudo, Emílio ainda tinha um adicional para que fosse extremamente atraente “ele tinha dos usos europeus, lhe dava um certo ar de importância e de ciência, que encantava” (Idem, p. 5).

A mesma similaridade à descrição da personagem Emílio da narrativa de Silva, identificamos na descrição da personagem Felício, na primeira narrativa de Francisco de Paula Brito publicada no *Jornal do Commercio*, *Revelação póstuma* (1839).

Francisco de Paula Brito é até hoje conhecido como o “primeiro empresário negro” (Ramos Jr., Daecto, Martins Filho, 2010, p. 16) no Brasil. Além disso foi um importante “editor moderno no Rio de Janeiro oitocentista” (Godoi, 2014, p. 19) e escritor. Na literatura, Brito escreveu três narrativas: *Revelação Póstuma* (1839), *A mãe-irmã*: história contemporânea (1839) e *O enjeitado* (1839).

A narrativa *Revelação Póstuma* (1839) é a única em primeira pessoa, sob forma de uma carta pessoal. A missiva destinada a uma amiga após a morte da narradora protagonista revela em seu conteúdo fatos do casamento com Felício e a vida após o matrimônio.

Felício, da narrativa de Paula Brito, vem caracterizado como alguém que gostava de estar “vestido sempre no último gosto, verdadeiro *petit-maitre*, com grandes alfinetes de brilhantes, boas memórias, excelente cadeia de ouro, e lindo relógio (...)” (Paula Brito, n. 57, p. 1). Essa similaridade na forma de caracterização não se dá por acaso, pois tanto Felício de Brito quanto Emílio de Silva são

“arrivistas, que pretendem frequentar e ser aceitos nos salões da sociedade da época” (Porto, 2017, p. 19).

Mais tarde, no romance *Senhora* (1875), de José de Alencar, conhecemos Fernando Seixas, um rapaz de quase trinta anos, aparência nobre e sedutora, que se assemelha muito a Emílio. Seixas também gostava de se vestir muito bem, suas casacas eram de corte elegante e denunciavam “o chique da casa do Raunier, que já era naquele tempo o alfaiate da moda” (Alencar, 1875, p. 13). Além disso, conhecemos que o restante do traje “saía daquela mesma tesoura em voga” (Idem) e que compunha com um “finíssimo chapéu claqué do melhor fabricante de Paris; luvas de jouvin cor de palha; e um par de botinas como o Campas só fazia para os seus fregueses prediletos” (Idem). Percebemos, dessa maneira, na figura de Fernando Seixas, uma aparência europeia, dialogando com o mesmo ar de importância de Emílio, visando assimilar-se aos europeus, como uma maneira de encantar a todos. O diálogo na aparência e importância a ser transmitida pelos jovens, Emílio, de Silva e Seixas, de Alencar, não se dá por um acaso: ambos são figuras representativas de sua época, um reflexo da sociedade na qual configuram como arrivistas e estão “no limiar da competição burguesa” (Candido, 2000, p. 205). Isto veremos mais à frente, na narrativa de Silva, porque ambos aprenderam que existem duas maneiras de conseguir melhorar suas condições financeiras, de maneira honesta: uma pela herança e outra pelo casamento.

Ao que tudo indica, assim como Alencar, Silva também usa como referência os personagens criados pelo escritor francês Honoré de Balzac em sua série de romances intitulada *A Comédia Humana*, escritos entre 1829 e 1850. Os personagens balzaquianos são tipicamente retratados em situações que revelam suas aspirações, fraquezas, vícios e ambições. Balzac procurava capturar a diversidade e a variedade da sociedade, retratando diferentes classes sociais, profissões e personalidades.

Uma delas podemos ver em *Ilusões Perdidas* (1837); Eugène de Rastignac é um jovem estudante do interior que chega a Paris com o objetivo de se integrar à alta sociedade. Ele é ambicioso e disposto a fazer qualquer coisa para subir na escala social, mesmo que isso signifique sacrificar seus princípios morais.

Ao longo da narrativa, Rastignac se envolve em intrigas e relacionamentos complexos, buscando oportunidades para subir na hierarquia social parisiense. Ele se aproxima de personagens influentes e manipuladores, como Vautrin, que o encoraja a adotar uma postura implacável em sua busca por poder e status.

Rastignac é retratado como um personagem que navega entre a moralidade e a ambição desmedida. Ele é um exemplo típico de arrivista, disposto a sacrificar relacionamentos e princípios éticos em busca de sua ascensão social. Sua trajetória ao longo da obra revela as complexidades e dilemas associados a esse tipo de busca desenfreada por sucesso e prestígio.

Voltando à obra de Silva, no que tange à jovem Carolina, conhecemos que ela estava amando pela primeira vez. Assim, o narrador nos relata que a imaginação da jovem “lhe pressagiava um brilhante futuro, unida àquele que primeiro se apoderou de sua alma” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 5). Carolina estava criando muitas expectativas com relação a esse sentimento pois, em casa, já se imaginava casando e “via juiz municipal, logo depois deputado geral, juiz de direito, desembargador, ministro, etc.” (Idem).

Emílio também pensava em Carolina. Contudo, seu pensamento “elevava já nas asas” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6) e o “amor aumentou-se lhe” (Idem) quando descobriu que a jovem pertencia a “uma boa e preponderante família” (Idem). Assim, permitiu ser tomado pela ambição, pois desejava migrar para uma classe social mais abastada. Após demonstrada a ambição da personagem arrivista Emílio, o narrador dá seu aviso: “Eis a consequência de um aperto de mãos em um baile do Catete” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6).

Mais uma vez, Silva usa em sua ficção um episódio por meio do qual tenta ilustrar, mais precisamente, a sociedade da época e a revela na personagem Emílio, advogado recém formado e que aceitava pequenas causas, uma característica da época, frequentava os bailes visando possibilidades de trabalho. Assim, o rapaz usava “as razões do foro aos bailes, onde é mais fácil convencer os ouvintes” (Idem). Além disso, também aproveitava para fazer “a corte a muitas donzelas, a todas protestava seu amor e todas se fiavam, coitadinhas, nas suas promessas, nos seus juramentos e nos seus suspiros” (Idem). Um tipo como Emílio

deveria ser muito receado pelos pais e pelas jovens, pois era um arrivista que buscava uma condição social melhor por meio do casamento, e para isso, usa os sentimentos de várias donzelas. Assim, ele se consolida como um antagonista que deveria ser visto com atenção redobrada por seu caráter e por seus falsos sentimentos.

Os bailes se seguiram por meses; no início, Carolina e Emílio conversavam com muita vergonha, depois já não tinham mais vergonha e nem medo de quem gostaria de fazer intriga. A essa altura a moça amava tanto o advogado que negou o pedido de casamento de um deputado muito rico de Minas Gerais. Tinha ele 46 anos e também era do tipo que apoiava a qualquer um e não demonstrava ter princípios, antes agia em nome dos interesses.

Emílio, por ser um arrivista, não tem a mesma atitude que a inocente Carolina; antes, mediante a possibilidade de um casamento com “um partido vantajoso, ele imediatamente aceitou, antevendo realizados por este meio os planos de ambição, que a tanto tempo ele formava” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6). Então, em segredo e muito rápido, casou-se com Leocádia, viúva de um desembargador.

Ao expor a ambição de Emílio, o escritor reforça um costume do XIX, o rapaz busca um casamento de acordo com as condições financeiras desejadas. Assim, ele consegue se dar muito bem ao fim da narrativa, atingindo seu objetivo de ascender socialmente.

Dessa maneira, como em *Senhora* (1875), na obra de Silva temos a mesma reflexão de tratar o casamento por “seu aspecto mercantil” (Schwarz, 1977, p. 39). Tendo em vista que, similarmente a Fernando Seixas, a confecção da personagem Emílio é determinante “a engrenagem do dinheiro e do interesse “racional”” (Idem, p. 41). Afinal, em “Um primeiro amor” de Pereira da Silva, assim como em *Senhora* de Alencar, “a reflexão toma o alento e a maneira à esfera mundana, do dinheiro, da carreira, dando-lhe por conseguinte a primazia da composição” (Idem, p. 34).

Além disso, podemos observar que Emílio não se comprometeu com os pais de Carolina ao lhe fazer a corte. Na verdade, os pais nem sequer supunham a

existência desse amor tórrido da filha. Portanto, não havia nenhuma obrigação, cívica, já que nenhum homem precisava se casar se não tivesse o “consentimento de cada uma das sobreditas pessoas” (Almeida, 1870, p. 1172).

Mesmo que acontecesse de Emílio ter tido o consentimento dos pais de Carolina para lhe fazer a corte, não haveria problema algum abandoná-la, tendo em vista que a jovem foi trocada pela viúva de um desembargador; portanto com mais posses que a família de Carolina. Dessa forma, o rapaz era amparado pela lei, segundo a qual “se for pessoa, que notoriamente seja conhecido, que ela casou melhor com ele, (...) poderá casar, não incorrerá ele, nem as testemunhas na dita pena” (Almeida, 1870, p. 1172).

Retornando à narrativa, Carolina soube do casamento de Emílio depois de oito dias. A jovem sofreu muito; foi só neste momento que seu pai soube do “lamentável estado de sua filha” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6).

Podemos salientar que a escolha afetiva de Carolina se deu a partir de seu sentimento, sem o conhecimento de seus pais ou parentes, para então, o escritor demonstrar toda a imaturidade ou, pelo menos, evidenciar que havia uma certa ingenuidade na jovem, e isso não lhe permitiria prever o arrivismo do pretendente. A narrativa é escrita para que a união seja aquela escolhida pela jovem, já aquela sugerida pelo pai, não fosse realizada, pois não está pautada na realização amorosa. Esse tipo de temática é bastante recorrente na ficção de Silva.

Eugène Poitou é contundente em afirmar que deve haver dentro da casa “não digo austeridade dos velhos tempos, mas o senso de dever mais sério, o espírito mais sério e os hábitos mais honestos da família” (Poitou, 1858, p. 355). Dessa forma, no seio familiar de Carolina, os “hábitos mais honestos” no que diz respeito à figura paterna encontravam deteriorados.

Já o crítico Alfred Nettement aconselha os pais de família a preservar a “(...) inocência da jovem o máximo que puder, porque essas ternas e delicadas organizações não descem impunemente aos lugares baixos onde respiramos miasmas deletérios e mórbidos” (Nettement, 1847, p. 469).

Carolina passou uma noite sem dormir, chorando muito, lembrando o amado e pensando no que faria a partir daquele dia. O narrador coloca em primeiro

plano o sofrimento de Carolina. A narrativa evidencia esse momento de maneira bem dramatizada, gastando, assim, longas linhas do periódico. Nesse contexto de dor e sofrimento, o narrador traz à tona os pensamentos da jovem, a fim de trabalhar em sua “veracidade”. “Enganou-me o bárbaro ... o perverso! E que farei agora meu Deus! Impossível me é risca-lo do coração, d’este malfadado coração, que tantas vezes por ele bateu ...” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6).

Ainda nesse âmbito, Carolina passou a noite em claro chorando seu amor perdido e, quando já era pouco mais da meia-noite, a jovem lembra-se do momento em que dançavam, “é o instante da sexta contradança no Catete, eu dançava sempre com ele, e nesse momento eu me extasiava, eu me perdia toda, ouvindo a bela voz do ingrato!” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6).

Assim, conhecemos que Carolina teve sua existência profundamente marcada, afinal ela nunca se esquecera de seu primeiro amor e sofria ao lembrar dele. Ela passa seus últimos dois anos de vida no convento de Santa Tereza, onde falece, vítima de seus sofrimentos. E por horas olhava pela janela para o lado de Botafogo, no Largo do Valdetaro, onde era realizado o Baile dos Estrangeiros, um dos muitos bailes que frequentara e onde encontrara seu primeiro amor.

Na tarde em que Carolina faleceu, conhecemos que Emílio teve todos os seus desejos realizados por meio da união, mesmo que “se sacrificasse a paz e tranquilidade doméstica” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 13, p. 6), também “muito ganharia pelas relações, que lhe sobreviriam” (Idem). Assim, Emílio “ricamente vestido subia as escadas de uma potestade da época” (Idem), seria de um desses contatos que a relação rendeu, a fim de “levar-lhe um requerimento” (Idem).

A narrativa *Um primeiro amor* segue sem qualquer modificação, mantendo-se igual em ambas as publicações, tanto na do *Gabinete de Leitura* em 1837 como na do *Jornal dos Debates* em 1838.

3. 2. Uma paixão de artista

Uma paixão de artista é a última publicação apresentada por Silva no periódico *Jornal dos Debates*, em 26 de julho de 1838, dois meses antes de serem encerradas as edições da folha. Esta narrativa também foi compilada em livro, publicado pela editora de Baptiste Louis Garnier, em 1862, intitulado *As variedades políticas e literárias*.



Imagem 12: *Uma paixão de artista*: romance. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 2 – 4.

Na tentativa de ilustrar o conteúdo, mais precisamente, a sociedade da época, são caracterizados os costumes, os usos e a atualidade. Trata-se de outra ficção que se passa no Baile do Catete. Porém, aqui, o narrador passa mais tempo abordando a atmosfera do local. Então, conhecemos que a atividade se dava em uma “sala grande” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 2) e uma “multidão imensa abalroava-se por toda parte” (Idem). Além disso, o “som da música, o sussurro desigual dos passos” (Idem) faziam o “espetáculo encantador” (Idem).

Nosso narrador protagonista cujo nome não conhecemos, conta que dançou com uma jovem muito bonita, loira e de olhos azuis, a fluminense Fortunata. Todos comentavam sobre a beleza da moça e sobre a sorte de nosso narrador em tê-la em seus braços por toda a noite. No baile, o narrador percebe que Fortunata suspira ao ver Egídio, um jovem bem criado, de família honrada. Mas, por seguir a vocação de artista, não é bem visto pelas famílias e pela sociedade; então, torna-se pobre. Nosso narrador passa a seguir Egídio pelo baile e simpatiza com ele.

O narrador, inesperadamente, suspende a narrativa e faz uma breve reflexão iniciada por uma pergunta: “Sabeis vós o que é um artista?” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 2). A interessante reflexão aborda o desprestígio do artista no Brasil, onde é “tão mal apreciado”, mas verdadeiro merecedor da “imortalidade”. Para Silva, o artista é “dotado de uma centelha divina, revela em todas as suas produções uma justa admiração por tudo quanto é belo, por tudo o que é grande” (Idem). Aproxima, assim, o dom dessa figura como algo dado por Deus ou, ainda, considerando que “foi no berço privilegiado com o dom do gênio” (Idem). Traz a imagem de que na vida do artista tudo é “entusiasmo, seus sonhos são de amor, suas esperanças são de glória” (Idem).

Após isso, Silva cita Rafael de Urbino, o pintor italiano Rafaello Sanzio; Michelangelo (Miguel Angelo) pintor e escultor italiano Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni; Corregio, pintor italiano Antonio Allegri; e, por fim, cita David, um pintor francês, oficial da Corte Napoleônica, Jacques-Louis David.

A ideia de que o artista é dotado de um saber divino desaparece na publicação em livro. O texto focaliza a falta de reconhecimento da classe dos artistas. Assim, questiona qual “valor tem entre nós por ora esta classe de gente! É compreendida e apreciada, como merece?” (Silva, 1862, p. 172). Silva afirma que no Brasil ainda é cedo para se falar em reconhecimento, “porque não nos chegou ainda o culto das artes” (Idem).

Essa temática, falta de prestígio da classe artística, já era algo abordado por Silva. Em artigo da *Revista Nitheroy*, há considerações relevantes acerca da necessidade de atribuir maior importância ao artista no Brasil. O escritor acreditava que nosso país precisava se libertar dos “preconceitos que Portugal legou-lhe no seu descobrimento sobre os poetas, acreditando-os homens inúteis na sociedade e ignorando sua missão e influencia” (Silva, *Nitheroy*, 1836, n. 2, p. 239). O caminho para uma maior valorização passa por uma maior apreciação da arte pois, os artistas “merecem todo o nosso respeito e atenção” (Idem).

Quando Silva traz a temática da falta de prestígio da classe artística sugerindo que se dissipem os preconceitos e valorizem mais a arte, dando todo o respeito necessário, considerando o tardio início das artes no Brasil como motivação

para a ignorância do povo para com a classe, temos um escritor que reconhece estar participando do processo de formação da literatura brasileira “a partir do nada, como expressão de uma realidade local própria, descobrindo aos poucos o verdadeiro caminho” (Candido, 1980, p. 89).

Da mesma maneira, como reconhecimento de construção da literatura, mas por outros meios, temos a narrativa *O enjeitado* (1839), de Francisco de Paula Brito, publicada em dois dias, 28 e 29 de maio de 1839, no rodapé do *Jornal do Commercio*. Brito aborda a temática do relacionamento amoroso impossível entre primos. A impossibilidade do relacionamento acontece pelo fato de as personagens configurarem estratos sociais diferentes, além das más condições psicológicas de ambos. Interessa-nos nessa narrativa que o escritor também faz uso do espaço para chamar a atenção para a classe artística, isso acontece nos cinco parágrafos iniciais que se assemelham a um prólogo. Nesse introito discutem-se a atividade do escritor brasileiro.

Tanto Paula Brito como Pereira da Silva partem da visão histórica de que a ficção brasileira deveria considerar “que a história brasileira só começou em território nacional em 1500, que essa “história” é a história dos fatos relevantes das sociedades havidas no território” (Kothe, 2000, p. 19 – 20). Paula Brito assinala claramente essa visão no introito da narrativa *O enjeitado* (1839); já Silva compactua da mesma visão nas narrativas históricas, “não havia história antes porque não era “gente” quem antes aí estava” (Idem). Dessa maneira, quando Silva retrata um passado heroico, esse passado é o Português.

Como já assinalamos, o pensamento de que a história brasileira inicia-se após a invasão territorial portuguesa em 1500 é reavaliada por Silva no livro *Parnaso Brasileiro* (1842). A partir desse livro, Silva acredita em uma literatura que abordasse o passado indígena brasileiro com suas “belezas naturais do Brasil, com sua grandeza e majestade, com suas flechas e cocares” (1998, p. 158).

Contudo, observamos que Paula Brito usa esse introito, uma espécie de prólogo, para também falar do processo de invenção de sua narrativa, assinalando “que temos a natureza, dialogando com Victor Hugo, Walter Scott e, mesmo, Chateaubriand” (Porto, 2017, p. 70), mas que a narrativa brasileira, “só se poderia

mesmo dedicar-se aos problemas da sociedade brasileira, dos quais seriam mestres, mais tarde, José de Alencar e Machado de Assis” (Idem). Também Silva, que aborda em suas narrativas as histórias do povo brasileiro do seu tempo, buscando dedicar seus textos a diversas histórias do presente.

Após a reflexão acerca da classe artística, o narrador vai à casa de Egídio visitá-lo. Na casa do pintor, busca saber sobre cada quadro, até que encontra o de Fortunata, diante do qual o narrador faz seu novo amigo confessar seu amor. Na publicação em livro, há uma comparação entre a obra do desconhecido pintor Egídio e a admirável Fornarina, de Rafaello Sanzio.

A obra de arte aludida neste trecho, é o retrato de uma jovem que Vasari, no seu livro *Vidas*, afirma tratar-se de uma amante do pintor, “Margherita Luti, conhecida como Fornarina, filha de um padeiro em Trastevere” (Imbroisi & Martins, 2021). Contudo, não há registros formais e cabais para essa confirmação.



Imagem 6: Fornarina de Rafaelo Sanzio. Fonte: Martins, 2020.

O amor de Egídio era platônico, nunca havia se declarado para Fortunata. Afinal de contas, ele era um jovem que já não tinha pai e nem mãe; sua família era constituída pelas irmãs, que não podiam ajudá-lo. Dessa forma, era economicamente desfavorecido, “pobre, vivia portanto com uma estrita economia, mas guardava certa soma, que despendia com o seu asseio, para aparecer nos

bailes” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 3). Portanto, sabia que não seria aceito pela família da jovem.

O amor que o rapaz dedica à moça é semelhante ao de um vassalo a sua amada, tornando-a divina. Além disso é aos pés do quadro de Fortunata, que ele pintará, que dedicará seu amor adorando-a como uma santa. Nesse contexto, o narrador leva Fortunata ao Baile dos Estrangeiros a fim de conseguir dela uma rosa, que é entregue a Egídio e torna-se mais um objeto de adoração. As irmãs de Egídio estavam muito preocupadas com suas atitudes, pois “parecia desconhecido, inteiramente mudado, já não as procurava, não as visitava, quase que não lhes falava” (Idem). Assim, vivia recluso e não era mais aquele jovem alegre de antes.

Passado algum tempo, Fortunata se casaria com um jovem de família muito rica, e que “os futuros esposos muito bem se combinavam nos seus sentimentos, nos seus desejos e nas suas esperanças” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 3). Enfim, tratava-se da “união mais perfeita” (Idem). Sabendo disso, o narrador corre para a casa de seu amigo contar-lhe e Egídio sente muito, caindo no choro. O narrador pede resignação ao rapaz. Alguns dias depois, Egídio acorda em estado febril, com febre perniciosa e, assim, permanece por vários dias. Um dia, sentindo-se melhor, Egídio sai em busca de notícias de sua amada e o narrador diz-lhe que o casamento de Fortunata será no dia seguinte. Egídio recebe a notícia com sossego e resignação.

No dia do casamento de Fortunata, Egídio passeia, em companhia do narrador. Então, decidem “ver quem sabe se pela última vez esse brilhante bairro do Catete, essas árvores frondosas das Laranjeiras, a praia elegante do Botafogo e o céu majestoso de minha pátria” (*Jornal do Debates*, 1838, n. 77, p. 3). Enquanto Egídio passeava pelas Laranjeiras, parecia calmo, recuperado do período de febre e alegre. Ele avista a casa de Fortunata; havia muitas carruagens dos convidados do casamento.

Durante este último passeio, na praia de Botafogo, o narrador em uma conversa com o pintor faz uma colocação que exalta a terra brasileira. Afirma que “é belo este país” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 3), tecendo uma comparação ao exterior, ao questionar o amigo: “recorda-te (...) do golfo de Baía [sic], dos ricos

arredores de Nápoles, há acaso lá tanto brilhantismo tanta magnificência?” (Idem). Podemos ver a representação da natureza brasileira, de forma extasiada e deslumbrada, a “auto-referência europeia, como parâmetro de civilização.” (Veloso & Madeira, 1999, p. 65). Silva mostra o Brasil sob a perspectiva do estrangeiro, carregando, assim, uma ideia de contemplação extrema que emoldurou seus textos.

Egídio, por sua vez, inicia uma fala funesta sobre suicídio, dando ares mórbidos àquele cenário paradisíaco da enseada de Botafogo. O pintor acredita no homem como capaz de decidir sobre o seu direito de viver ou não, assim o ser humano pode “livrar-se da carga que lhe pesa sobre os ombros” (*Jornal do Debates*, 1838, n. 77, p. 4). Egídio chamava isso de “ato de valentia” (Idem), pois considera a vida um “sofrimento” (Idem) ou uma “dor continua” (Idem). Já o narrador pontua sua discordância da personagem Egídio, pois pensa no suicídio como um crime e ninguém tem o direito de tirar a própria vida.

Então, menciona Chatterton, poeta britânico, que cometera suicídio aos 17 anos; Corregio, Catão, que seria Marcus Porcius Cato, político e escritor romano que viveu entre 234 a 149 A.C.; e, por fim, Bruto, Marcus Lunius Brutus, político sobrinho/filho e assassino de Julio Caesar.

Na publicação em livro, o narrador nos relata que Egídio começou “a recitar o monólogo de Hamlet, ao respeito da vida e da morte” (Silva, 1862, vol. 1, p. 176). Mas não volta a mencionar Bruto.

O narrador, sempre no encalço do pintor, volta para casa. Neste local, Egídio dorme longamente, acorda e percorre “adrede algumas páginas, principalmente as últimas” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 4) dos livros: *O sofrimento do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe; *Júlia ou A nova Heloisa* (1761), de Jean-Jacques Rousseau; *René* (1802), originalmente em *Génie du christianisme*, obra em quatro partes que continha também a novela *Atala*, de François-René de Chateaubriand; *Lélia* (1833), de George Sand, pseudônimo de Aurore Dupin, a baronesa de Dudevant; e *As últimas cartas de Jacopo Ortis* (1802), de Ugo Foscolo.

Observamos que Silva discorre sobre o poder que a literatura poderia exercer na vida humana como uma estratégia para revelar o caráter sociológico da

análise abordada nesse estudo, cuja finalidade é permitir situar historicamente a narrativa como uma expressão da sociedade oitocentista, por meio do elemento social. Assim, esse artifício nos revela as inquietações vividas pela mente humana, para, por meio do reforço das questões morais e religiosas, aquietar os espíritos revolucionários e corruptores.

Silva relata na narrativa de cunho social *Maria* (1837), também publicada no periódico *Gabinete de Leitura*, a prática da leitura com o objetivo de passar as horas de ócio, principalmente, no final da tarde, após o jantar. Maria demonstra o hábito de ler romances consagrados para se descontraí. Assim, ela se dedica à leitura de livros e faz um paralelo da história da obra clássica com a sua história de vida, tais como: *Paulo e Virgínia* (1788), de Bernardin de Saint-Pierre, e *Romeu e Julieta* (1597), de William Shakespeare. Em ambos os escritores Silva abre parênteses, como se estivesse apresentando ao público, pela primeira vez, os escritores e as obras. Sobre o romance *Paulo e Virgínia*, Silva escreve que trata de um escrito “fruto de uma imaginação muito criadora de utopias e de extravagancias” (*Gabinete de Leitura*, 1837, n. 18, p. 6) e que Saint-Pierre era um “amigo íntimo de Napoleão, e passou seus dias em uma continua metamorfose de prazeres, dores, climas e ideias” (Idem). Já sobre *Romeu e Julieta*, ele fala de um “hino ao inexplicável sentimento do amor, que eleva a alma humana a uma natureza imaterial” (Idem), além de ser “uma melancólica elegia sobre a sua fragilidade, sobre a breve duração” (Idem). Finaliza elogiando a obra de Shakespeare e colocando-a como suprema.

Em contraponto à literatura que é caracterizada como boa para as horas de ócio, temos a ficção fantástica *As catacumbas de S. Francisco de Paula*, que por ter sido abordada no capítulo anterior, não nos delongaremos. Nela a literatura é um mecanismo de alterações na sociedade e na vida humana, permitindo que essas alterações reformassem os propósitos morais e as bases ideológicas. Assim, leituras eram capazes de influenciar o comportamento dos leitores. Dessa maneira, “eram considerados tão perigosos os textos que apresentavam exemplos vistos como reprováveis” (Müller, 2013, p. 103). Na verdade, acreditava-se que os leitores

podiam se corromper ao entrar em contato com essas leituras, seriam levados “a imitar esses exemplos ou a aceitar a conduta das personagens” (Idem).

Voltando para a narrativa *Uma paixão de artista*, Silva tenta construir na personagem Egídio, alguém tragado pela literatura para naufragar em suas paixões. A personagem foi escrita para comprovar os efeitos que a literatura poderia causar em alguém com a saúde psicológica abalada e, dessa maneira, comprovar seus propósitos morais.

Egídio havia perdido o amor da sua vida e estava com a saúde física muito debilitada. Nesse estado, divaga sobre sua teoria do suicídio, julgando que o homem tem o “direito e deve livrar-se da carga que lhe pesa sobre os ombros” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 4). Ele considera isso um “ato de valentia” (Idem), mais ainda, acredita que o homem praticante de tal ato estivesse fazendo algum de ruim, antes, fazia “um bem a si” (Idem) e “um serviço a Deus” (Idem). Silva sugere a Egídio entregar-se à literatura de seu tempo, com seu estado de saúde mais enfraquecido, a fim de mostrar como alguém poderia seguir os exemplos dos livros, comprovando as bases ideológicas de Silva, dadas no artigo a respeito da obra de Goethe.

Em contraponto a isso, acreditamos que Silva escreveu o narrador dessa ficção, com dupla tarefa: a de nos contar a história e a de refletir como se fosse a consciência moral, reforçando as bases ideológicas, em que o escritor acreditava e propagava nos artigos nos quais tecia considerações sobre as obras de outros. Essa função é muito claramente definida no livro publicado pela Garnier, em 1862. Enquanto no folhetim o narrador só estremece a cada palavra de Egídio, no livro, o narrador salienta: “Notai minha difícil posição. Estava-se desarranjando aquele cérebro e eu só com ele, e sem ter a mão recurso algum” (Silva, 1862, p. 176). Além disso, no livro, o narrador tenta, de alguma maneira, reverter o quadro psicológico de Egídio, assim: “Imenso trabalho tive para acomoda-lo e conseguir que voltasse para a casa, a fim de procurar lenitivo a agitação febril, que o estava minando” (Idem, p. 177).

Quando Egídio decide ler *Werther*, Silva coloca novamente a figura do narrador, para ter a atitude moral do amigo zeloso. Dessa maneira, o narrador opõe-

se à leitura por saber o “quanto mal produzia a composição entusiástica e fogosa de Goethe, particularmente em cabeças ainda juvenis ou enfraquecidas pelo sofrimento, como estava a de Egídio” (Idem). Então, observamos que o narrador tece juízos a respeito da obra de Goethe e o estado do amigo, salientando o poder corruptor da literatura. Além disso, ele toma para si a “responsabilidade da recusa” (Idem) e de sossegá-lo, permanecendo próximo de Egídio, no leito.

Observamos que Silva não leva ao extremo a questão da interferência da literatura sobre o comportamento dos leitores. Acredito que isso se deve pela possibilidade de seu texto ser considerado perigoso, levando o leitor a imitar o exemplo da obra. Por mais que compreendamos o suicídio como uma possibilidade de resposta para as paixões, Silva não lança mão dessa alternativa no texto. Então, o suicídio não acontece. Silva encontra uma saída para o impasse da personagem. Ele falece em virtude do quadro clínico de saúde, que se agravava. Dessa maneira, não há reforma dos propósitos morais, tampouco nas bases ideológicas. Silva, mesmo sugerindo as leituras dos livros por Egídio, leva a ficção para “(...) a observância do *decoro* e do *útil*, mais claro o orador deve sempre falar o que é *útil* e o que é *decoroso* ou *decente* (...)” (Carvalho, 1856, p. 41). Assim, Silva não apresenta aqui o suicídio, nem mesmo “como uma das necessidades cruéis a que o homem, às vezes, é reduzido em nossa sociedade” (Poitou, 1858, p. 82 – 83), tendo em vista que este é um crime moral.

No leito de morte, Egídio, divaga sobre o amor que sentia, “o amor foi minha perdição... morro sem deixar meu nome, ignorado, desconhecido” (*Jornal dos Debates*, 1838, n. 77, p. 4). Além disso, fala do casamento de sua amada, “Fortunata hoje entregou-se a outro homem, eu não posso mais existir no mundo” (Idem). Com todas as flores do romantismo exacerbado, o artista aborda o amor platônico: “não lhe contes o que viste, nem lhe descubras o meu nome, não lhe diga nada a meu respeito. Que ela não saiba que houve no universo uma criatura, que se alimentava com seu hálito” (Idem). Por fim, falece dizendo o nome de Fortunata, “Adeus amigo... Fortunata!... Fortunata!...” (Idem).

Como pudemos observar, no folhetim temos uma personagem entregue ao amor por sua musa inspiradora, que não conseguia sobreviver sem o objeto

amado. Dessa forma, temos uma personagem que subordina “(...) a alma à lei dos sentidos: adoradores da matéria, eles prostram o espírito diante dele, eles humilham a vontade sob a autoridade do instinto” (Poitou, 1858, p. 91).

Silva constroi uma personagem folhetinesca em quem não o vemos “escravo do destino, mas é escravo de suas paixões, seus instintos, sua organização física e moral” (Idem, p. 93). Esse era um tipo de comportamento não adequado ao universo masculino, já que o “(...) amor cego fique para as damas; e para as mulheres o amor com vista. Ou cure os olhos que tem, ou os peçam emprestado ao entendimento desses que lhe sobejam” (Melo, 2007, p. 13).

O escritor divaga muito sobre o amor exacerbado do pintor por sua musa inspiradora, como se fosse algo que lhe prejudicará a mente e, posteriormente, o corpo. Dessa maneira, demonstra como essas paixões podem ser perigosas. O objetivo de Silva é proporcionar uma maneira de instruir o povo por meio de uma ficção que se posicione como “uma colmeia de saboroso mel e não uma taça de deletério veneno” (Pinheiro, *O Guanabara*, 1838, p. 19), pois o povo era de “cândida simplicidade” (Idem), buscava uma forma de obter um atrativo de mais fácil compreensão. Porém, nunca o escritor gostaria de ser daqueles “que plantam a descrença n’alma, fazendo murchar uma por uma as flores da esperança, ou então tomando-se ainda mais culpável santifica o vício emprestando-lhe as cores da virtude!” (Idem).

Dessa forma, a narrativa de Silva buscava uma identificação junto ao público leitor, que se desviava das leituras mais sérias e um tanto quanto formais. Estas, por meio do vigor, moralizavam a vida das pessoas. Silva, pelo entretenimento proporcionado por sua narrativa, buscava “tirar o ouvinte do estado de ingorância” (Carvalho, 1856, p. 43), e, também, “ensina-lo pela via da *instrução*, convencendo-o; para arrancar da paixão que o domina é excitar-lhe outra paixão em contrário, a qual lhe mova o coração” (Idem).

Isso acontece porque a ficção “desperta em nós um mecanismo de identificação” (Candido, 1972 – 1973, p. 76). Assim, sentimos o exalar das “paixões que trazemos presas e não ousamos manifestar; em consequência, a vigilância intelectual cede e nos torna criticamente pouco rigorosos” (Idem). É com a mente

menos rígida que o folhetim usa do entretenimento para que, com a vigilância intelectual baixa, devanemos em nossas paixões, assim nos identificamos com as histórias e as personagens que exaltam nossos amores.

4. Narrativas com fundo histórico

O romance histórico é um gênero literário que combina elementos de ficção e eventos históricos reais. Esse gênero foi explorado ao longo da história, por escritores que registraram acontecimentos ditos reais e a seus escritos acrescentaram elementos ficcionais. No entanto, foi no século XIX que o romance histórico ganhou popularidade significativa. Autores como Walter Scott, na Escócia, e Alexandre Dumas, na França, foram pioneiros nesse gênero. Scott escreveu obras como *Ivanhoé* (1820) e *Rob Roy* (1817), que se passavam na Idade Média e exploravam eventos históricos com personagens fictícios. Dumas seguiu o exemplo de Walter Scott, revirando histórias e segredos do passado para produzir o folhetim histórico. Silva, um profundo admirador do trabalho de Scott, também segue na mesma seara.

O romance histórico floresceu durante o século XIX e início do século XX, com autores como Victor Hugo, Léon Tolstói, Gustave Flaubert e muitos outros, criando obras memoráveis nesse gênero. Esses romances frequentemente retratavam eventos importantes, como a Revolução Francesa, a Guerra Civil nos Estados Unidos e as Guerras Napoleônicas, inserindo personagens fictícios em contextos históricos.

Silva considera a Revolução Francesa como um dos eventos mais importantes para a consolidação do romance histórico. Segundo ele, “graças à revolução francesa, que despejando ondas de sangue, tantos benefícios entretanto trouxe ao mundo e a civilização” (Silva, *Jornal dos Debates*, 1837, n. 32, p. 4). Então, o despertar do sentimento nacional foi uma consequência importante, não só em toda a Europa, mas também para o sentido de História Nacional Brasileira.

O romance histórico ganhou destaque e ficou popular com os leitores brasileiros no século XIX. Da mesma maneira como em outros países, o gênero combina elementos de ficção com eventos tomados à história oficial e transportando os leitores para períodos marcantes da história brasileira. As convulsões políticas e sociais que abalaram a década de 1800 e 1810 na Europa arrastariam o Brasil para um desenvolvimento social, econômico, político e histórico. As revoltas nacionais

contra as conquistas napoleônicas foram determinantes para o desenvolvimento do sentimento patriótico em vários países europeus. Os resquícios que chegaram ao Brasil nesse contexto fizeram o país desenvolver a noção de organização enquanto uma nação livre e independente, culminando na Independência brasileira, em 1822.

Um dos primeiros exemplos de romance histórico no Brasil remonta ao século XIX, com *O Guarani* (1857), de José de Alencar. Este é ambientado durante o período colonial e retrata o encontro entre um índio brasileiro e uma jovem portuguesa, abordando questões como a miscigenação e o choque cultural.

A fórmula do romance histórico era, basicamente, situar a história em um período específico do passado, muitas vezes repleto de eventos e acontecimentos históricos dados como reais. Embora o romance histórico possa ter personagens fictícios como protagonistas e é o que acontece nas narrativas de Silva, geralmente, as personagens são inseridas em eventos e cenários históricos reais. Isso cria um contraste interessante entre a ficção e a realidade, permitindo que os leitores vivenciem a história por meio das experiências desses personagens fictícios.

O romance histórico é baseado em fatos históricos reais mas, os autores têm liberdade para criar personagens, diálogos e eventos fictícios para impulsionar a trama e preencher as lacunas. Essa combinação de fatos e ficção permite que Silva construa suas narrativas históricas.

Mesmo ambientado em um período específico, o romance histórico geralmente aborda temas universais, como amor, amizade, traição, coragem e superação. Esses temas atemporais são desenvolvidos nas relações entre os personagens das narrativas de Silva.

No pensamento do filósofo marxista húngaro György Lukács na obra *Teoria do Romance*, publicada originalmente em 1916, temos uma análise do romance histórico como uma forma literária que busca compreender e representar a totalidade da vida social. Ele julga o romance histórico capaz de capturar a complexidade da realidade histórica e social, ao mesmo tempo em que revela as contradições e conflitos presentes nessas estruturas sociais.

Para Lukács, o romance histórico desempenha um papel importante na representação do desenvolvimento histórico e social, destacando as mudanças nas

relações sociais, nas estruturas de classe e nas lutas políticas ao longo do tempo. Ele vê o romance histórico como uma forma que permite ao leitor vivenciar o passado e compreender a relação dialética entre o indivíduo e o contexto histórico no qual ele está inserido.

Segundo Lukács, o romance histórico é capaz de revelar as contradições sociais, as injustiças e as tensões presentes em determinado período histórico. Ele argumenta que o romance histórico oferece uma visão crítica da sociedade e permite uma reflexão sobre a condição humana, além de fornecer uma compreensão mais profunda do presente por meio da análise do passado.

Em Silva, as narrativas históricas produzidas nos periódicos do século XIX, revelam, por meio de um passado histórico próximo, as contradições sociais e tensões políticas que o Brasil vivia. Essas contradições se manifestam no trabalho do escritor com o sentimento nacional apropriado pelas grandes massas; esse desperta o patriotismo no povo e é da essência da revolução burguesa, sempre, transpassado pelo amor à Portugal. Silva realmente acreditava que o romance histórico “tão grande revolução fez na literatura e que exaltou tanto as pessoas dotadas de vaporosas imaginações” (Silva, *Jornal dos Debates*, 1837, n. 32, p. 4), além de também ser o espaço mais apropriado para se falar em temas mais elevados, como por exemplo o nacionalismo.

Como já afirmamos, o sentimento patriótico difundido por Silva deu-se a partir do “destaque às descrições da natureza, particularizando os cenários, incorporar composições populares ou relatar eventos do passado” (Abreu, 2014, p. 42). Em todas as narrativas de Pereira da Silva é possível ver esses procedimentos, porém em menor proporção do que em relação às narrativas de fundo histórico.

Posteriormente, o pensamento sobre o nacionalismo seria reformulado, no artigo “Introdução histórica e biográfica sobre a Literatura Brasileira”, editado no primeiro volume do livro *Parnaso Brasileiro* (1842). Neste momento, o escritor acredita que as obras devem exaltar as tendências nacionalistas a partir da referência às “bezas naturais do Brasil, com sua grandeza e majestade, com suas flechas e cocares” (1998, p. 157). Assim, a concepção indígena está ligada à ideia de nacional. O objetivo de Silva é desvincular a história brasileira do passado

histórico europeu ou português; dessa maneira, as tribos indígenas e suas batalhas devem ser usadas como temática para um relato do passado histórico brasileiro.

A narrativa que analisaremos nesse capítulo é *Religião, amor e pátria*: romance histórico (1839), escrita logo após a narrativa *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico (1839). Dessa maneira, podemos observar que a fórmula folhetinesca apreendida para a narrativa *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico foi, posteriormente, utilizada, de maneira muito mais desenvolvida, em *Religião, amor e pátria*: romance histórico.

A narrativa *Religião, amor e pátria*: romance histórico se passa em um contexto político-social reconhecível a todos os brasileiros e lusitanos, em um passado português recente: o golpe de Estado executado por D. Miguel sobre sua sobrinha e herdeira do trono, D. Maria.

A opção pelo momento histórico de um passado mais próximo e facilmente reconhecível pelos populares deve-se, provavelmente, ao engajamento de D. Pedro I na retomada do trono em favor de sua filha D. Maria. Como já afirmamos, esse momento se refere às revoltas políticas e sociais que atingiram a Europa, chegariam ao Brasil promovendo o desenvolvimento social, econômico, político, histórico, despertando o sentimento patriótico e acendendo a noção de organização enquanto uma nação livre e independente.

A personagem principal da trama é um popular; à medida em que este se move no plano narrativo, ganha força. Ao longo do seu percurso narrativo, descobrimos uma personalidade forte, valorosa de um caráter íntegro de um português que não apoia o Golpe de Estado de D. Miguel. No início da trama folhetinesca, por causa da valorização do triângulo amoroso impossível, o contexto histórico não tem força.

A narrativa seria publicada em livro mais tarde, em 1862. Contudo, ao contrário do que aconteceu com *O aniversário de D. Miguel, em 1828*: romance histórico, nessa história há alterações na evolução para o livro. O triângulo amoroso foi modificado. Certamente Silva cedeu às críticas que o periódico *O Despertador* teceu, quando a narrativa foi impressa no *Jornal do Commercio*, do francês Villeneuve.

Na trama folhetinesca o triângulo amoroso entre Eugenio, Isabel e Antonio Gonçalves tem seu embate final, optando-se pela vitória do amor entre Eugenio e Isabel, traçando a morte de Antonio Gonçalves. Já no livro muda-se o destino das personagens. Há a vitória da pátria na tomada do trono de Portugal de D. Miguel I pelo príncipe de Bragança, restituindo-o para D. Maria da Glória. Dessa maneira, o problema apontado pela crítica sobre o relacionamento das personagens Eugenio e Isabel foi sanado com a reformulação da narrativa.

4. 1. Religião, amor e pátria: romance histórico.

A narrativa *Religião, amor e pátria: romance histórico* foi publicada no periódico *Jornal do Commercio*, de forma seriada, por vários dias no rodapé na rubrica de “Folhetim”. Além disso, essa narrativa também sai no *Semanário Arquivo Popular de Lisboa*, em 1839.



Imagem 14: *Religião, amor e pátria: romance histórico*. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal do Commercio*, 1839, n. 59, p. 1 e 2.

Essa é a segunda narrativa com uma transição dos termos no título denotando a superação de um por outro, a saber, a primeira trata-se de *Amor, ciúme e vingança: romance histórico*, que foi publicada no *Museu Universal*, em 1839.

Assim, em *Religião, amor e pátria*: romance histórico, a religião é superada pelo amor no momento em que a personagem Eugênio abandona o noviciado para se dedicar à paixão de Isabel (Soares, 2016, p. 254). Isso demonstra “uma trajetória de engrandecimento ético do personagem cujo final se encontra na afirmação do sublime princípio da “pátria”” (Idem).

O romance folhetim era caracterizado por histórias serializadas publicadas em jornais ou revistas; em alguns casos, essas histórias poderiam se passar em épocas passadas e fazer uso de elementos históricos. No romance histórico de Silva, publicado no espaço destinado ao romance folhetim, a primeira parte passa-se em Coimbra, Portugal, nos remotos anos de 1827, e contém oito subdivisões. A segunda parte ocorre no Rio de Janeiro, Brasil, e contém duas subdivisões. Por fim, a terceira parte acontece na cidade do Porto, Portugal, no tempo mais próximo de 1832, e tem cinco subdivisões.

Dessa maneira, a primeira parte da narrativa remonta ao período conhecido como a Guerra Civil Portuguesa, ocorrido entre 1828 e 1834 e teve como principal causa a disputa sucessória entre D. Miguel, filho mais novo do rei D. João VI, e D. Pedro IV, filho mais velho do rei.

Após a morte de D. João VI em 1826, seu filho mais velho, D. Pedro, que já era o imperador do Brasil, ascendeu ao trono português como D. Pedro IV. No entanto, D. Pedro tinha planos de abdicar do trono português em favor de sua filha, D. Maria da Glória, com o objetivo de unir Portugal e Brasil em uma união pessoal. D. Miguel, insatisfeito com a perspectiva de ser excluído da sucessão, liderou uma revolta militar e acabou por tomar o poder em Portugal em abril de 1828. Ele dissolveu as Cortes (o parlamento português) e começou a governar de forma autocrática.



Imagem 7: Retrato do rei D. Miguel I, em 1830, de Máximo Paulino dos Reis.

D. Miguel tinha tendências absolutistas e reacionárias, e seu governo foi marcado pela supressão das liberdades civis e políticas, assim como pela perseguição a grupos liberais e constitucionalistas. Ele reverteu várias reformas progressistas implementadas durante o período conhecido como "Vintismo", quando Portugal adotou uma Constituição liberal em 1822. A ascensão de D. Miguel ao poder gerou uma forte resistência por parte dos liberais e constitucionalistas, que se uniram em torno de D. Pedro IV. Em resposta ao golpe de D. Miguel, D. Pedro abdicou do trono brasileiro em favor de seu filho, D. Pedro II, e retornou a Portugal para liderar a resistência contra seu irmão.

No romance histórico de Silva temos a inclusão de figuras históricas reais como personagens secundários. Assim, no contexto da Guerra Civil Portuguesa, temos exército e o rei D. Miguel sendo derrotados pelas forças liberais lideradas por D. Pedro IV. No final, em 1834, após o exílio forçado de D. Miguel, D. Maria da Glória, filha de D. Pedro IV, foi proclamada rainha de Portugal e reinou como D. Maria II. Essa construção das personagens secundárias como figuras históricas reais permite que a história fictícia se misture com eventos e personalidades históricas, criando uma trama que combina ficção e fatos reais.

O romance folhetim era conhecido por suas tramas repletas de reviravoltas, suspense e mistério. Na história de Silva, não é diferente, afinal temos de início um rapaz triste seguindo o noviciado, separado de seu grande amor. Quando ele demonstra aceitar seu destino resignado, a narrativa muda por completo, ele nega os votos, tornando a profissão de fé um escândalo. Tudo parece perdido, novamente, o escritor escreve uma reviravolta na narrativa, empenhando-a de vaporosas imaginações. Assim, encaminha a personagem para ser um valoroso defensor do estandarte de Portugal.

Além disso, a ambientação da narrativa se dá em um contexto histórico, assim, o plano de fundo ganha relevo mais ao fim da história, permitindo o escritor explorar intrigas políticas, conspirações históricas ou mistérios baseados em eventos reais do passado. Como o caso de Antonio Gonçalves, ao fim da narrativa, é acusado de conspiração.

A narrativa inicia com a chegada do Natal e a realização da missa do galo no Mosteiro de Santa Cruz, obra edificada pelo monarca Affonso Henriques, em Coimbra, Portugal. Eugenio é um jovem noviço, que chegou ao Mosteiro, tendo uma magoa no coração e pensava no amor. Por ter sido enviado até aquele lugar contra sua vontade, amaldiçoava o toque dos sinos. Nesse momento, há uma interessante reflexão do narrador sobre os motivos para aqueles jovens procurarem o Mosteiro; ele argumenta a possibilidade de terem sido “violentados por seus pais e famílias, para vivos se enterrarem naquele mosteiro!” (Idem).

O mestre dos noviços, percebendo a tristeza de Eugenio, supõe não havia vocação para o serviço pastoral, por isso, busca ser confiante para contar suas mágoas. Nesse contexto, Eugenio confessa a obrigação dada pelos pais de seguir a batina, mas não ter o dom por amar uma jovem. O mestre o aconselha a deixar o voto e seguir sua vida, porém já era tarde, os votos aconteceriam no dia seguinte.

No dia dos votos, com toda a população presente no Monastério de Santa Cruz, no dia 6 de julho de 1827, os sinos soavam “desde as primeiras horas do dia que dobravam a defuntos” (*Jornal do Commercio*, 1839, n. 59, p. 2). Além disso, o “eco fúnebre e sonoro repercutia ao longe pelas campinas que rodeiam a cidade”

(Idem). Na verdade, eles avisavam a todos os moradores “para assistirem ao espetáculo da profissão de um noviço” (Idem).

Sucessivamente, o narrador segue com a comparação entre o dobre fúnebre, que avisava de um funeral, e o mesmo soar para uma profissão de fé, similarmente ao passado da histórica grega, a um sacrifício humano. No tempo grego, “para aplacar os deuses ávidos de sangue, se conduzia ante os altares os mais formosos jovens” (Idem) para serem sacrificados. Já no cristianismo, que o narrador não deixa de enfatizar como uma “religião pura e santa” (Idem), não há uma morte por meio de sacrifício da vida humana, mas antes “murcham todas as folhas de suas árvores, todos os seus prazeres, todas as suas ditas. Em vez de arrancar-nos a existência, arrancam-nos ao mundo” (Idem). Ao fim do folhetim deste dia, fica a pergunta do narrador, “e o que é a vida sem mundo?” (Idem).

O narrador descreve a cerimônia e compara o noviço a “uma vítima da antiguidade, levada para o terrível sacrifício, em honra aos deuses ou um criminoso que marcha para o cadafalso” (*Jornal do Commercio*, 1839, n. 60, p. 1). Durante a profissão, Eugenio parecia sossegado. Então, o narrador faz uma comparação das emoções do noviço a um “terrível e enganador sossego do vulcão, que em breve despejará lavas de fogo!” (Idem). No momento de aceitar os votos, Eugenio “no acesso do delírio, deixou escapar de seu peito, que com força batia, um sonoro e terrível não às perguntas do sacerdote...” (Idem). Finalizando o escândalo da profissão de fé do noviço, o rapaz cai ao chão, desmaiado.

Já no dia anterior ao escândalo da profissão de fé de Eugenio, o jovem passeava por essa Quinta, profundamente triste pois sua família o renegara e o amaldiçoara, pelo fato de, depois de um ano de noviciado, negar os votos, em nome do amor por uma jovem. Então conhecemos Eugenio teria sido separado de sua amada, Isabel, pelos pais de ambos e um parente de Isabel que nutria por ela sentimentos. A união dos jovens tornara-se ainda mais impossível, tendo em vista sua posição atual de sem bens e sem profissão, entregue à própria sorte. Contudo, Isabel sem ouvir aos pais, foi ao encontro de seu amado, para achá-lo e dedicar-lhe juras de amor, encontrando-o na Fonte dos Amores. Ali permaneceu com seu amado até o início da noite, em meio a muitas declarações de amor. Por mais que

as famílias tentaram afastar os apaixonados, percebemos que a força do amor era superior à religião.

Então, por se tratar de uma trama publicada no espaço do romance folhetim, em capítulos sequenciais, o escritor mantém a capacidade de criação do clímax e de tensão em momentos importantes, utilizando a fragilidade do momento que o casal de namorados vivia para o fim dessa sequência. Dessa maneira, os leitores teriam de esperar até o próximo número para saber se os dois ficariam juntos.

Mas eles não conseguiriam permanecer juntos pois, no periódico do dia 14 de março de 1839, aprendemos que Portugal estava em guerra civil. Assim, Antônio Gonçalves, parente que amava Isabel, tinha relações políticas com o partido absolutista. Já Eugenio não queria participar da guerra, queria viver do seu amor por Isabel, porém não houve como fugir dele, tivera que filiar-se a um partido, então optou pelo constitucionalista, partido dos infantes. Era um partido formado por jovens de classe baixa que buscavam livrar-se da tirania a preço de seu sangue. Dessa forma, assim como o amor vencerá a religião, agora a pátria venceria o amor.

O narrador também enfatiza a barbárie que acontecia entre os partidos, com muitos jovens morrendo⁶, assim como o assassinato do Marques de Loulé e o envenenamento de D. João VI. O partido dos infantes perde a guerra, assim, faz-se urgente fugir, pois Eugenio poderia ser morto acusado de crime político. O país escolhido para abrigar-se era o Brasil.

O rapaz visita alguns lugares de Portugal para uma despedida de sua terra. Para aquele momento, o rapaz escolhe começar por uma pequena planície, chamada Penedo da Saudade. Neste plano elevado ele contempla sua terra e sua vida, a partir de um antes da rendição, da guerra e do amor, para seguir a um novo mundo como refúgio. Posteriormente, o jovem vai ao subterrâneo do Colégio Sapiência, ao túmulo do monarca Afonso Henriques (o túmulo seria destruído em 1832, por D. Miguel). Nesse lugar Eugenio chora o passo em falso que Portugal estava dando com a vitória de D. Miguel e a destituição do poder de D. Maria II.

⁶ Trecho com hinos dos dois partidos, interessante notar que o hino Miguelista contém trecho do hino patriótico da nação Portuguesa, dedicado a D. João VI ainda enquanto regente. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_Patri%C3%B3tico, acessado em 5 de janeiro de 2018.

Assim, observamos que a personagem fez o caminho de descida, em direção às rés do chão, as raízes. Dessa maneira, é no plano inferior que temos Silva construindo a posição atual de Eugenio: um perseguido pela coroa.

Após a despedida, Eugenio embarca na nau Figueira com destino ao Rio de Janeiro e ele “está só, como um herói romântico deve estar” (Candido, 1964, p. 7). Além disso, observamos que a mudança de planos continua. Eugenio volta a configurar no plano elevado, ele sobe diversas vezes no Morro do Castelo⁷. Silva faz a fusão de planos, ou somar “ao mundo visto de cima um mundo visto de baixo” (Idem, p.6). Essa mescla acontece quando o escritor coloca a personagem que é um perseguido por D. Miguel para alistar-se nas tropas brasileiras, a fim de defender o estandarte de Portugal, juntamente com o herdeiro do trono de Bragança.

A próxima tiragem do folhetim foi publicada no sábado, dia 16 de março de 1839, edição de número 63, contextualizada no ano de 1832. Inicia-se com a chegada de Eugenio ao Porto com a expedição de D. Pedro I, a entrada das tropas e a conquista da cidade do Porto.

Na publicação seriada, Silva faz com que o casal, Eugenio e Isabel se reencontrem no Hospital dos oficiais, ele enquanto combatente ferido, ela como enfermeira. Dessa maneira, eles se realizam amorosamente, porém, a decisão da jovem não foi bem aceita por Antônio Gonçalves, que entra de forma furtiva no quarto de Isabel. Sob a alcunha da vingança, que “recebeu do Romantismo alguns toques especiais” (Candido, 1964, p. 15), Antônio Gonçalves “pretendia abusar de suas forças contra uma fraca mulher...” (*Jornal do Commercio*, 1839, n. 63, p. 2). As narrativas históricas de Silva, de alguma maneira, resvalam na ideia de vingança como um dos temas, permitindo, assim, “um amplo sistema de incidentes, a ficção seriada, como gênero, exige a multiplicação de incidentes” (Candido, 1964, p. 15).

O artifício da vingança é um recurso utilizado por Silva em outras narrativas, podendo ser descrito de forma indireta, sem os ares de premeditação ou raiva e ódio, mas sob desejo reprimido por tempo, como acontece em *Amor, ciúme e vingança*: romance histórico, publicada no *Museu Universal*, 1839. Nessa narrativa a

⁷ O Morro do Castelo foi destruído em 1922 para facilitar a circulação de vento da baía para o continente, suas terras foram utilizadas para aterrar outras regiões. Resta hoje somente a ladeira da Misericórdia que ficava no início do morro.

vingança acontece de maneira insinuada, nas entrelinhas, tendo em vista que a jovem Maria foi obrigada a se casar com um negociante de escravos, Frederico. O matrimônio de Maria com Frederico foi a paga da dívida contraída pelo pai da jovem. A vingança com ares de amor absoluto com muitas implicações acontece quando Maria, já casada, encontra Adolfo e ambos podem se declarar amorosamente, cometendo, assim, o adultério. O resultado desse delito é que os jovens não podem continuar juntos, ao invés disso, o sentimento de culpa dos amantes, pelo mau passo que deram, é grande, ocasionando severos resultados, como o suicídio.

Até mesmo na primeira narrativa seriada de Silva, que não utilizamos na análise desse trabalho, *O aniversário de D. Miguel em 1828*, a vingança aparece marcando para sempre as vidas do triângulo amoroso. Nessa narrativa, a temática da vingança aparece realizada de forma plena, com todas as necessidades cumpridas, pois nela há “parceiros, informantes, executores” (Candido, 1964, p. 17).

Retornando à narrativa *Religião, amor e pátria*, “Eugenio se precipita dentro da câmara” (*Jornal do Commercio*, 1839, n. 63, p. 2) e entra em luta corporal com Antônio Gonçalves para impedi-lo de fazer qualquer mal a Isabel. Porém, Antônio tinha no “bolso uma pistola e a dispara” (*Idem*), Isabel põe-se na frente levando o tiro para salvar seu amor. Assim, a vingança ganha consequências cruéis, dizimando a vida da pobre moça que tudo fizera por seu amado.

Esse amor louco e desenfreado pelo objeto amado que mobiliza todo o seu espírito em prol do que se ama, já era visto, desde o século XVIII, como uma condição que possibilitaria o desenvolvimento da loucura, pois a paixão mexe com os sentimentos de quem ama. Essa oscilação era vista como algo extremamente prejudicial, principalmente, quando abundavam sentimentos de cólera, ira, tristeza, melancolia. Durante todo o contexto clássico “paixão e loucura foram mantidas próximas uma da outra” (Foucault, 2010, p. 228).

Essa temática da paixão louca é algo muito comum nas narrativas de Silva como, já salientamos nos capítulos anteriores: na narrativa fantástica, *Luiza: legenda brasileira* e nas narrativas de matéria social *Um primeiro amor no baile do Catete* e *Uma paixão de artista: romance*.

Observamos que a literatura da época dos anos 1830 em diante tinha como temática a paixão que se realizava a qualquer custo. Por isso, na literatura, a realização amorosa era a “finalidade da união matrimonial” (Müller, 2013, p. 114). As narrativas de Silva seguem essa tendência; assim vemos a exaltação do amor. Porém, esse amor não era o suficiente para justificar um ataque à moral que seguia os princípios religiosos.

Como pudemos observar narrativa histórica *Religião, amor e pátria* publicada no folhetim do *Jornal do Commercio*, Silva, assim como Scott, tem a mesma grandeza de trazer, ao primeiro plano, personagens facilmente encontráveis entre as camadas populares. Na narrativa de Silva, temos uma personagem portuguesa típica, mas, no decorrer do folhetim, mostra-se um jovem apaixonado e de grande valentia, que se deixa levar pelo calor do sangue próprio da idade. Destoando, assim, das personagens principais dos romances de Walter Scott, que são de “valente mediania do que no do ápice sinóptico” (Lukács, 2011, p. 53).

Em geral, as personagens scottianas são “um gentleman inglês mediano, mais ou menos medíocre” (Idem, 2011, p. 49), até possuem uma inteligência, mas “não excepcional” (Idem). Além disso, nunca têm uma “honestidade que beira o sacrifício” (Idem). O herói de Silva é exatamente contrário aos heróis de Scott, ainda que, no início da trama, a personagem de Silva seja um rapaz arrastado pelas circunstâncias sentimentais e estas o impedem de viver seu amor, esbarrando a temática do folhetim em um triângulo amoroso; na medida em que a trama avança, Eugenio ganha espaço, valores e se entrega de maneira devocional ao patriotismo, pela recuperação do Estado Português. E nesse último âmbito, Eugenio claramente se afasta das personagens de Scott, pois “jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa” (Idem). Eugenio, ao longo do folhetim, é arrastado por três grandes paixões arrebatadoras, “o da “religião” e do “amor” (Eugenio abandona o noviciado para se dedicar à paixão de Isabel)” (Soares, 2016, p. 254), para, no fim, a maior de todas as paixões a “afirmação do sublime princípio da “pátria”” (Idem).

No mesmo sentido, encaminha-se a personagem feminina do folhetim de Silva, Isabel. Como ocorre em Scott podemos ver a idealização do amor, afinal

temos um casal que se ama e é afastado pelo contexto histórico. No folhetim de Silva, o amor triunfa, e mesmo que por pouco tempo, o casal consegue se reencontrar. Já no livro isso não acontece, pois as personagens são afastadas para sempre, rompendo com a idealização, o sentimentalismo e o drama, para o triunfo da pátria. Ao fim, o que vence é a heroicização das atitudes, tanto a masculina – o valoroso capitão que não poupou sua vida em defesa do estandarte de Portugal – quanto da jovem donzela, que entende seu lugar no mundo e aceita sua missão sem rancor.

Dessa maneira, a construção da personagem feminina no folhetim de Silva dá-se de maneira diferente das personagens de Walter Scott, já que “representam o mesmo tipo de mulher inglesa filistidamente correta e normal” (Lukács, 2011, p. 51). Isabel, no folhetim, aproveita-se das brechas para conseguir viver seu amor. Uma dessas brechas é quando Isabel demonstra não ser uma mocinha obediente, pois desobedece seus pais e vai ao encontro de seu amado, após o escândalo da profissão desse, para dedicar-lhe juras de amor na Fonte dos Amores. Além disso, Isabel e Eugenio já haviam conseguido se realizar amorosamente. Ao fim da trama, ela segue o caminho ao lado de Eugenio, ao invés de isolar-se em um convento pelo resto da vida.

No livro, Isabel torna-se uma típica portuguesa correta e normal assemelhando-se e muito às heroínas de Scott, em que “não há espaço para as interessantes e complicadas tragédias e comédias do amor e do matrimônio” (Idem, p. 51).

4. 2. Crítica do periódico *O Despertador*

As narrativas de ficção de João Manuel Pereira da Silva têm uma pequena fortuna crítica. Especificamente, as narrativas ambientadas no Brasil não têm nenhuma menção crítica no contexto de vida do escritor. Já as narrativas situadas em Portugal têm uma pequena fortuna crítica que está nos periódicos do século XIX. Silva permaneceu como um escritor esquecido até meados de 2010, quando começaram a surgir estudos sobre sua obra. Assim, utilizamos no decorrer desse trabalho os apontamentos feitos por Márcia Abreu (2014) e Marcus Vinicius Nogueira Soares (2016) sobre a obra de Silva.

A narrativa *Religião, amor e pátria*, publicada de forma seriada no periódico *Jornal do Commercio*, recebeu uma crítica negativa no periódico *O Despertador*, *Diário Comercial*, *Politico*, *Científico*, e *Literário*, de direção do português José Marcelino da Rocha Cabral e de redação de José da Gama e Castro. Segundo o periódico, o folhetim de Silva parecia ter sido “escrito pela mão do diabo”⁸, (*O Despertador*, 1839, n. 287, p. 2). A revolta do crítico não se dava somente com a narrativa de Silva, mas já fazia tempo que se sentia bastante incomodado com os folhetins do *Jornal do Commercio*. Nas palavras de Gama e Castro, essas ficções, que abordavam muitas questões “de assassinatos e de suplícios” (Idem), além de estarem repletos de “heresias geográficas” (Idem), também, já estavam “saturados de sem vergonha” (Idem).

Com relação à narrativa *Religião, amor e pátria*: romance histórico de Silva, as críticas tecidas estão na esfera do triângulo amoroso, vivido por Eugenio, Isabel e Antônio Gonçalves. A revolta é justificada pelo fato de a narrativa de Silva ter saído, “como por acidente” (Idem), em ocasião da quaresma. Dessa maneira, o periódico é categórico em afirmar que, tanto o *Jornal do Commercio*, como Silva, estavam insultando “a moral pública” (Idem), com “*história de ressurreições d’amores*, e de frades que namoram damas” (Idem). Assim, a folha e o escritor estavam agindo de maneira desaforada e atacando a “única coisa sagrada, que *ainda não tinha acometido em frente* a fé de nossos pais, a religião do país,

⁸ Crítica no Anexo I: Críticas.

escudada pela Constituição do Império e defendida pelas disposições mais terminantes do código criminal” (Idem).

Não podemos nos esquecer de que a narrativa *Religião, amor e pátria*: romance histórico saiu no dia 12 de março de 1839. Nas 1ª e 2ª páginas do periódico foram estampados os três primeiros capítulos da primeira parte do folheto, cuja ação se passa em Coimbra. A personagem protagonista da trama, Eugenio, era um jovem que ocasionou um escândalo em sua profissão de fé, por não ter o dom para o sacerdócio e, então, desmaiou no momento da afirmação do voto. Sabemos que o narrador justifica os atos da personagem, afinal Eugenio estava em tal condição por força da família, antes de tudo, amava incondicionalmente Isabel de quem foi obrigado a se afastar pelo fato de as famílias não concordarem com o relacionamento dos jovens.

A crítica segue abordando um artigo de ideologia Calvinista, que havia sido transcrito no periódico *Diário do Rio* de 8 de janeiro de 1839. Esse mesmo artigo foi publicado no periódico *Jornal do Commercio*, no dia 13 de março de 1839, dia em que saíram mais dois capítulos da narrativa *Religião, amor e pátria*: romance histórico de Silva. Assim, “insultando a opinião pública” (Idem) e “sufocando a voz da consciência religiosa, se é que a tem” (Idem), nessa religião se afirma que “pés a Constituição de Estado” (Idem), reproduzem o artigo “*porque o pediram*” (Idem), “porque lhe pagaram por cada linha quatro vinténs” (Idem) e não “de caso pensado” (Idem).

O artigo de ideologia Calvinista publicado no número 60 do *Jornal do Commercio*, intitulado *Sobre a Leitura das escrituras sagradas*, foi retirado do periódico *El Espanol*. Basicamente exorta os cristãos a ler a Bíblia, conheçam as palavras bíblicas de doçura e de mansidão e, por meio dessa leitura, conseguiria encontrar o caminho da salvação. O segredo seria buscar a Deus de todo o coração. Além disso, o artigo julga os Governos livres e despóticos por estarem muito preocupados com apoios de paz, liberdade e deixam a população mais ignorante, ao invés de buscar a mais perfeita virtude que está na leitura e estudo da Bíblia. Além de salientar a Igreja Católica como uma instituição mais em conivência com o

Governo Civil “do que ao espírito próprio do Evangelho” (*Jornal do Commercio*, 1839, n. 60, p. 3).

Esse trecho sobre a atitude dos Governos livres e despóticos, era algo de muita preocupação tanto ao diretor José Marcelino da Rocha Cabral, quanto ao redator José da Gama e Castro, pois ambos tinham ideais miguelistas. O agravante se dá com Gama e Castro, físico-mor de D. Miguel em ocasião de reconquista do Governo de Portugal, por D. Pedro I para a filha D. Maria da Glória. Não podemos nos esquecer de que a Guerra Civil Portuguesa, aconteceu entre 1828 a 1834 e teve como principal causa a disputa sucessória entre D. Miguel I, filho mais novo do rei D. João VI, e D. Pedro IV, filho mais velho do rei, D. Miguel.

Anteriormente a essa crítica, em 23 de janeiro de 1839, o periódico *O Despertador, Diário Comercial, Político, Científico, e Literário*, de direção de Rocha Cabral e de redação de Gama e Castro, havia tecido uma crítica para a narrativa *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico de João Manuel Pereira da Silva. Nessa ficção, havia outro triângulo amoroso composto por: Frederico, um jovem condenado à morte por crime político contra a coroa Portuguesa; Maria e o médico Gomes, o homem que pretendia ser físico-mor de Portugal e que também amava Maria. O médico Gomes persegue Frederico com objetivo duplo, o primeiro era conseguir o título de físico-mor de Portugal e o segundo tirar o rival sentimental do caminho.

A narrativa, *O aniversário de D. Miguel em 1828*: romance histórico, sofreu várias críticas do periódico *O Despertador*, ao longo dos fascículos publicados no periódico *Jornal do Commercio*, mas, no dia 23 de janeiro, o periódico *O Despertador* levanta a hipótese de a narrativa ser uma indireta ao redator da folha José da Gama e Castro. De fato, Castro não se encontrava em Portugal e não era físico-mor na data de 1828, momento do desenrolar da trama de Silva. Mas fica latente que a rivalidade das folhas, *O Despertador* e *Jornal do Commercio*, eram antigas. Além disso, observamos que João Manuel Pereira da Silva atuou na sua narrativa fazendo com que, o periódico *O Despertador*, acreditasse ter desaparecido “toda a dúvida de que a calúnia e o aleive se dirigem ao colaborador desta folha Dr. José da Gama e Castro” (n. 243, p. 1).

A ficção *Religião, amor e pátria*: romance histórico saiu em livro intitulado *As variedades políticas e literárias*, pela editora de Baptiste Louis Garnier, em 1862. Nessa publicação, a ficção contém doze capítulos, que, em geral, seguem a mesma estrutura da publicação no periódico *Jornal do Commercio*, com exceção da última parte, a qual se situa na cidade do Porto. Nessa parte, há uma revisão da ficção, ficando com final diferente da publicação na rubrica *Folhetim*.

Então, no capítulo X, as tropas lideradas por D. Pedro I avançam até chegar à cidade do Porto. Toda a tomada de poder, as batalhas e a destruição das cidades é narrada. Chama a atenção que Eugenio não encontra sua amada. Silva afasta as personagens, dessa maneira, Isabel passa a servir na enfermaria de Coimbra e Eugenio segue o caminho juntamente com o exército de D. Pedro I na cidade do Porto. Essa é a primeira medida tomada para melhorar a recepção da ficção.

A partir daí, no capítulo XI, tem toda a narração da guerra, até a chegada nas margens do rio Douro. Neste local, um homem avança acompanhado, à distância, por outros três homens, de maneira furtiva, em direção ao acampamento das tropas de D. Pedro I. Os homens organizaram um ataque ao Duque de Bragança, que foi salvo por Eugenio, no momento exato, ele efetuou “um tiro, cuja bala atravessou certa o peito do primeiro assaltante e o atirou redondamente por terra” (Silva, 1862, p. 227 – 228).

O último capítulo, XII, narra a batalha que iniciou-se em 10 de outubro de 1832, nas margens do rio Douro e durou três dias. Este capítulo escrito com todo o zelo de uma pena patriótica, exalta a bravura do exército do Duque de Bragança e a conquista honrosa e heroica de Portugal. Ao fim do capítulo, conhecemos que Eugenio faleceu como um “valente capitão, que salvara o estandarte e o forte, na ocasião do principal ataque” (Idem, p. 233).

Como podemos observar, a narrativa saiu em livro com o final da trama modificado. Assim, a história do triângulo amoroso entre Eugenio, Isabel e Antônio Gonçalves não existe mais. Dessa maneira, não há mais a paixão louca que culmina no assassinato da jovem Maria para defender Eugenio do ataque de Antônio Gonçalves. A última aparição, efetiva, de Isabel na ficção em livro da Garnier é no

capítulo VI, em que temos a jura de amor eterno, “Sabes que si cessares de amar-me, cessarei de viver” (Silva, 1862, p. 206). Após isso, conhecemos, no capítulo X, quando a jovem estava ajudando os enfermos em Coimbra, longe de Eugenio. Eles não voltam a se encontrar.

Dessa maneira, Silva, ao apagar o triângulo amoroso e enfatizar o conflito armado, constrói, no livro, uma “apresentação ampla e multifacetada do ser” (Lukács, 2011, p. 56), algo que só pode vir à superfície da tessitura narrativa “mediante a figuração da vida cotidiana do povo” (Idem). A balança da narrativa que no final da trama, no folhetim do *Jornal do Commercio*, pendia de maneira excessiva para o ficcional e sentimental. No livro, a oscilação da balança pende para o discurso histórico, carregado de bravura e heroísmo. Assim, a análise da configuração política no livro, busca mostrar todos os ecos do movimento que D. Pedro I fez em favor da reconciliação do trono de Portugal. O triunfo histórico vem carregado do orgulho político de uma nação, há pouco tempo subserviente aos domínios de Portugal. Portanto, na tentativa de afastar-se da imagem de povo explorado para escrever a história política como defensores da pátria exploradora.

Essa nova versão da ficção *Religião, amor e pátria*: romance histórico, ao que tudo indica, foi muito bem vista por Joaquim Norberto de Souza Silva, no artigo para a *Revista Popular*. Para Souza Silva, João Manuel Pereira da Silva era um escritor que se distinguia “pela vivacidade da imaginação” (Silva, *Revista Popular*, 1862, n. 16, p. 307) ou, ainda “pelo colorido do estilo” (Idem), além de ter “sublimes qualidades” (Idem). Segundo Souza Silva, a narrativa revista na publicação da Garnier era “muito melhor no seu desenvolvimento” (Idem).

Também observamos que, na publicação de 1862, fica muito melhor enfatizada a transição dos termos do título: religião, amor e pátria. Assim, na primeira parte, contextualizada em Coimbra, temos a religião enfatizada com Eugenio seguindo o noviciado. Contudo, a religião seria vencida pelo amor narrado na segunda parte, em que a trama navega em altos mares para a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Por fim, na terceira parte temos a vitória da pátria. Assim, finalizando com o amor à pátria, fica mais bem enfatizada a trajetória de engrandecimento ético do personagem, já salientada por Marcus Vinicius Soares

(2016, p. 254), segundo o qual a última parte do título tripartido é a afirmação do maior tipo de amor.

Dessa maneira, observamos que o romance histórico de Silva, na publicação da Garnier, deixa em maior evidência a reflexão do escritor com as preocupações e as questões sociais da sociedade contemporânea. A trama de *Religião, amor e pátria*: romance histórico reflete sobre a utilização do passado como um espelho para abordar questões políticas, culturais ou sociais do presente. Então, o que sobressai é uma profunda preocupação do escritor com o amor à pátria.

Essa nova visão da obra *Religião, amor e pátria*: romance histórico, proposta pelo livro da Garnier, em 1862, é bastante apropriada para um escritor que era muito conhecido como um apaixonado pela pátria, sendo essa uma de suas principais virtudes, quase que “como um instinto, que se arreiga com os anos e cria raízes profundas” (Silva, *Revista Popular*, 1862, n. 16, p. 307).

5. Considerações Finais

Primeiramente, é importante salientar a abordagem literária de Silva ao conceber a sua prosa de ficção em duas vertentes: narrativas históricas e narrativas realistas, da mesma maneira que o escritor observava na Literatura do decênio de 1830, salientada no artigo *Os romances modernos e sua influência* (1838), publicado no periódico *Jornal dos Debates*.

O escritor, enquanto crítico literário atento às nuances de sua época, trabalha nas narrativas, muitas publicadas no espaço destino ao romance folhetim, temas relacionados à sociedade oitocentista, que seriam amplamente discutidos ao longo da Literatura Brasileira do século XIX, como nos romances de Macedo e Alencar, assim fica evidente a escrita atenta ao seu tempo, afim de consolidar seu lugar na gênese da prosa de ficção brasileira.

O fantástico, na literatura de Silva, desempenha um papel significativo para a formação da Identidade Cultural Brasileira. O escritor trabalha com histórias transmitidas de geração em geração, retratando um pouco da população e cultura da região de Iguaçu, local onde Silva nasceu e passou a infância. Assim, a preservação da história remonta a eventos que contêm elementos simbólicos de reflexão acerca dos valores, das crenças e das tradições, além de contribuir em demasia para a manutenção da identidade de um grupo sociocultural. A promoção da Identidade Cultural na literatura fantástica de Silva observa-se um papel de construção da autoimagem do povo da região de Iguaçu e na distinção de sua cultura, além de fortalecer o senso de comunidade e pertencimento, unindo as pessoas por meio de um objeto em comum: as narrativas compartilhadas.

Já as narrativas realistas ou de histórias que se esforçam para retratar eventos, personagens e situações de uma maneira mais verossímil e fiel à realidade, por ter como objetivo criar uma representação precisa do mundo, trabalham com aspectos do cotidiano e nas complexidades das experiências humanas. Concentram-se em um curto período da vida das personagens abordando aspectos do dia a dia, bem como os relacionamentos familiares, o trabalho, as amizades, a vida marital e outras. As personagens, embora simples, apontam relevo, de maneira

que sobressaem suas características, suas motivações e suas falhas, enfatizando os dilemas e explorando temas refletindo as questões latentes na sociedade oitocentista no foco central da história.

No que tange à representação e exploração da Identidade Cultural, as narrativas realistas de Silva são ambientadas na Corte carioca. Elas retratam a vida cotidiana e suas relações em sociedade, dando-nos a oportunidade de observar a representação e preservação de elementos culturais únicos, como: tradições, língua, comida, vestuário e práticas culturais.

Além disso, observamos as temáticas abordadas nas narrativas realistas de Silva resvalam-se em um aspecto problemático da Identidade Cultural da Corte carioca oitocentista: a moralidade. Então, a religião sob alcunha da moralidade, permeava as obras de ficção de Silva como a única verdade à qual se devia submeter. Dessa maneira, com o objetivo de provocar reflexões sobre a evolução e a necessidade de mudanças na Identidade Cultural, a ficção se atribuía o papel de corrigir ou admoestar seus fiéis leitores em relação aos maus caminhos que poderiam estar trilhando. Assim, orientava a escrita a fim de ser aceita como adequada, indo além de oferecer um passatempo honesto.

Observamos a retratação da sociedade do século XIX por meio da exposição de costumes, como referências a bailes que refletem o efervescer social, características da emergente burguesia. Um aspecto singular na maioria das narrativas de Silva são questões sobre o relacionamento amoroso, seja com um rapaz contraventor ou com um moço melancólico. As condutas e atitudes de classe relacionadas ao amor e ao casamento sempre caminham em direção à obsessão, à loucura ou ao suicídio. Silva demonstra em suas narrativas o relevo social, como expressão da sociedade oitocentista, ao abordar essas questões. Assim, o amor obsessivo, o desejo de ascensão social, a literatura com um papel moralizador, o suicídio latente na alma jovem e a representação de casamentos por dinheiro, eram assuntos urgentes, havendo a necessidade expressar a conexão do escrito com a linha editorial dos periódicos.

Não podemos nos esquecer, que Pereira da Silva foi um político eleito em quase todas as eleições de 1840 a 1888, pelo partido Conservador, aliado as bases

Imperiais, e que, além disso, era um Conselheiro titular do Império, dessa maneira, ele estava muito próximo a D. Pedro II. Portanto, quando observamos nas narrativas a moralidade, a virtude religiosa e o decoro como estratégias de corrigir e admoestar os leitores a partir de uma verdade que deveria ser vista como a única plausível, sabemos que estamos diante de uma literatura que abordava a voz oficial do Império.

Faremos uma ressalva no que tange às personagens femininas, pois observamos que são elas a força motriz por trás das narrativas. Afinal, são mulheres retratadas como sujeitas ao sistema patriarcal e raramente têm a possibilidade de serem senhoras de si. Mesmo havendo uma pequena brecha, são arrasadas, tornam-se vítimas das circunstâncias e não conseguem sair do contexto de propriedade de um homem. Assim, a moralidade surge como estratégia para deixar os escritos de Silva como de “bom tom”, por meio da exposição dos vícios em contraposição à virtude e os conceitos religiosos, dessa maneira as narrativas tornam-se edificantes e são capazes de encantar o “belo sexo”.

Por fim, as narrativas históricas de Silva desempenham um papel fundamental na construção e na compreensão da Identidade Cultural, quando contextualizam as experiências passadas e transformações sociais que moldaram a cultura de nossa sociedade, temos uma preservação da memória coletiva e da história cultural. Oferecendo modelos de comportamento e liderança às pessoas poderiam admirar e seguir. Além de destacar as influências culturais vindas de outras comunidades e as adaptações únicas ocorridas ao longo do tempo. Descrevendo eventos-chave do processo da formação de nossa sociedade ao qual ajudam a criar um senso de pertencimento à nação.

Nessas narrativas históricas, as personagens fictícias ocupando o primeiro plano são jovens apaixonados separados por meio do contexto político. O ideário nacionalista é construído em cada página de forma sucinta, sem muitos detalhes de cena e cenário, mas a missão do protagonista é sempre nobre: salvar a pátria das mãos do tirano.

Além disso, podemos perceber o bom uso das técnicas folhetinescas, mesmo no espaço limitado destinado à narrativa e também pela falta de tempo desde a chegada do folhetim ao país, ainda sim, o escritor demonstra uma facilidade

em deixar o leitor curioso ao final de cada capítulo, além de confirmar uma ótima utilização do recurso da vingança, o que proporcionou mais dinamismo à narrativa publicada no periódico, priorizando o enredo romântico.

6. Referências

1. Imagens:

SISSON, Sébastien Auguste. Retrato de João Manuel Pereira da Silva. IN: *Galeria dos brasileiros ilustres*. Brasília: Senado Federal, 1999, v. II, p. 272 Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1027/209292_vII.pdf?sequence=8&isAllowed=y, acessado em 18 de janeiro de 2022.

Jornal do Commercio. Nota de falecimento de Silva. Rubrica de Telegramas, 1898, n. 166, p. 2. Biblioteca Nacional – Hemeroteca. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/28697, acessado em 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio. Nota de Falecimento da esposa, 1910, n. 278, p. 15. Biblioteca Nacional – Hemeroteca. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_10/2418, acessado e 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio. Nota de falecimento da filha. Rubrica de Telegramas, 1929, n. 175, p. 1. Biblioteca Nacional – Hemeroteca. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_11/36320, acessado em 10 de janeiro de 2023.

O Sete D'Abril. Silva como redator do *Jornal dos Debates*. Rubrica de Correspondência, 1838, n. 600, p. 3. Biblioteca Nacional – Hemeroteca. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709476/2554>, acessado em 10 de janeiro de 2023.

SILVA, João Manuel Pereira da. Luiza: legenda brasileira. In: *Gabinete de Leitura*. 15 de outubro de 1837, n 10, p. 7 – 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702919/79>, acessado em: 27 de setembro de 2017.

Luisa. In: *Jornal dos Debates*: políticos e literários de 1838. Publicado no dia 18 de janeiro de 1838, ano 2, n. 51, Rubrica de Apêndice, p. 1, 2, 3 e 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=204&Pesq=>, acessado em: 24 de março de 2017.

As catacumbas de S. Francisco de Paula. In: *Gabinete de Leitura*. 12 de novembro de 1837, n 14, p. 4 – 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702919/110>, acessado em: 27 de setembro de 2017.

As catacumbas de S. Francisco de Paula: romance. In: *Jornal dos Debates*: políticos e literários de 1838. 25 de maio de 1838. Ano 19, n. 68, p. 3 e 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=273&Pesq=>, acessado em: 24 de março de 2017.

Um primeiro amor. In: *Gabinete de Leitura*. 5 de novembro de 1837, n 13, p. 5 – 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=261&Pesq=>, acessado em 27 de setembro de 2017.

Um primeiro amor no baile do Catete. In: *Jornal dos Debates*: político e literários de 1838. 3 de maio de 1838. Ano 16, n. 65, p. 2 e 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=261&Pesq=>, acessado em: 24 de março de 2017.

Uma paixão de artista: romance. In: *Jornal dos Debates*, 26 de julho de 1838, n. 77, p. 2 - 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=261&Pesq=>, acessado em: 31 de agosto de 2017.

Religião, amor e pátria. In: *Jornal do Commercio*, 12 de março de 1839, ano XIV, n. 59, p. 1 e 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=261&Pesq=>, acessado em: 31 de agosto de 2017.

MARTINS, Simone. La Fornarina de Rafaelo Sanzio. Palácio Barberini, Roma. Blog: *História das artes*, 2020. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/la-fornarina-rafael-sanzio/>, acessado em 27 de agosto de 2021.

REIS, Máximo Paulino dos. *Retrato do rei D. Miguel I*, 1830, Wikipedia, disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Retrato_do_Rei_D._Miguel_I_\(1830\)_-_M%C3%A1ximo_Paulino_dos_Reis.png](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Retrato_do_Rei_D._Miguel_I_(1830)_-_M%C3%A1ximo_Paulino_dos_Reis.png), acessado em 13 de julho de 2023.

2. Narrativas de João Manuel Pereira da Silva:

SILVA, João Manuel Pereira da. Luiza: legenda brasileira. In: *Gabinete de Leitura*. 15 de outubro de 1837, n 10, p. 7 – 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=261&Pesq=>, acessado em: 27 de setembro de 2017.

Luisa. In: *Jornal dos Debates*: políticos e literários de 1838. Publicado no dia 18 de janeiro de 1838, ano 2, n. 51, Rubrica de Apêndice, p. 1, 2, 3 e 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=204&Pesq=>, acessado em: 24 de março de 2017.

Um primeiro amor. In: *Gabinete de Leitura*. 5 de novembro de 1837, n 13, p. 5 – 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=261&Pesq=>, acessado em 27 de setembro de 2017.

Um primeiro amor no baile do Catete. In: *Jornal dos Debates*: político e literários de 1838. 3 de maio de 1838. Ano 16, n. 65, p. 2 e 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=261&Pesq=>, acessado em: 24 de março de 2017.

As catacumbas de S. Francisco de Paula. In: *Gabinete de Leitura*. 12 de novembro de 1837, n. 14, p. 4 – 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702919/110>, acessado em: 27 de setembro de 2017.

As catacumbas de S. Francisco de Paula. In: *Jornal dos Debates*: políticos e literários de 1838. 25 de maio de 1838. Ano 19, n. 68, p. 3 e 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=273&Pesq=>, acessado em: 24 de março de 2017

Maria. In: *Gabinete de Leitura*. 10 de dezembro de 1837, n. 18, p. 5 – 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702919/141>, acessado em: 27 de setembro de 2017.

Maria de Niterói. In: *Jornal dos Debates*: políticos e literários de 1838. 19 de abril de 1838. Ano 14, n. 63, p. 3 e 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&PagFis=253&Pesq=>, acessado em: 24 de março de 2017.

Uma paixão de artista: romance. In: *Jornal dos Debates*, 26 de julho de 1838, n. 77, p. 2 - 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702439/310>, acessado em: 31 de agosto de 2017.

Amor, ciúme e vingança: novela brasileira. In: *Museu Universal, jornal das famílias brasileiras*. 1838 – 1839, vol. II, p. 140, 141, 142, 143, 144, 145 e 146. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=339369&pasta=ano%20183&pesq=amor,%20ciume%20e%20vingan%C3%A7a>, acessado em: 24 de março de 2017.

O aniversário de D. Miguel em 1828. In: *Jornal do Commercio*, 16, 21 e 22 de janeiro de 1839, ano XIV, n. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/10879, acessado em: 24 de março de 2017.

Religião, amor e pátria. In: *Jornal do Commercio*, 12 de março de 1839, ano XIV, n. 59, p. 1 e 2; n. 60, p. 1; n. 61, p. 1; n. 62, p. 1 e 2; n. 63, p. 1 e 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/11063, acessado em: 31 de agosto de 2017.

Jerônimo Corte Real: crônica portuguesa do século XVI. In: *Jornal do Commercio*, 8, 9, 10 e 11 de janeiro de 1840, ano XV, n. 6, 7, 8 e 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/21, acessado em: 31 de agosto de 2017.

3. Fontes primárias:

- *Correio das Modas, Jornal Critico e Literário: das modas, bailes, teatros, etc.*

Crônica dos bailes e concertos da Sociedade Filarmônica – 20 de julho. In: *Correio das Modas*, 1840, n. 7, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/717274/310>, acessado em 24 de julho de 2020.

Concerto em a [sic] casa do Baile no Catete. In: *Correio das Modas*, 1839, n. 3, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/717274/21>, acessado em 06 de junho de 2022.

- *Diário do Rio de Janeiro*

Diário do Rio de Janeiro, 1834, n. 0500010, p. 1. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/15819, acessado em 22 de julho de 2020.

FREIRE, Quintino Gomes. História do bairro Cosme Velho. In: *Diário do Rio*, 2016. Disponível em <https://diariodorio.com/historia-do-bairro-cosme-velho/>, acessado em 31 de julho de 2020.

- *Gabinete de Leitura: Serões das famílias brasileiras, Jornal para todas as classes, sexos e idades.*

Gabinete de Leitura: Serões das famílias brasileiras, Jornal para todas as classes, sexos e idades. Rio de Janeiro, n. 1, 1837, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/702919/1>, acessado em: 04 de agosto de 2023.

Gabinete de Leitura: Serões das famílias brasileiras, Jornal para todas as classes, sexos e idades. Rio de Janeiro, n. 35, 1838, p. 3-5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702919/273>, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

IRVING, Washington. O sedutor. In: *Gabinete de Leitura*, 1837, n. 10, p. 1, 2 e 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/702919/73>, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

- *Jornal do Commercio.*

Jornal do Commercio, 1827, n. 1, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_01/1, acessado em: 10 de janeiro de 2023.
Jornal do Commercio, Rubrica Rio de Janeiro: Repartição da polícia, 1834, n. 13, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/4890, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio, Rubrica de Anúncios: entradas do dia 17, 1837, n. 109, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/8914, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio, Rubrica de Correspondências: negócios de Iguaçu, 1839, n. 88, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/11181, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

PAULA BRITO, Francisco de. *Revelação póstuma*. In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: nove de março de 1839, ano XIV, n. 57, p. 1 e 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/11055, acessado em 10 de julho de 2023.

O enjeitado. In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: de 28 de maio de 1839, ano XIV, n. 198, p. 1 e 2; 29 de maio de 1839, ano XIV, n. 120, p. 1, 2 e 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/11307, acessado em 10 de julho de 2023.

Sobre a Leitura das escrituras sagradas. In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: de 13 de março de 1839, n. 60, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/11069, acessado em 07 de agosto de 2023.

Jornal do Commercio, Rubrica de Anúncios, 1848, n. 94, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/12251, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio, 1891, n. 164, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/4351, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio, Rubrica de Anúncios, 1892, n. 11, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/6284, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio, 1897, n. 333, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/26739, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

Jornal do Commercio, 1898, n. 187, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/28901, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

- *Jornal dos Debates*: político e literários

SILVA, João Manuel Pereira da. *Literatura Alemã*. In: *Jornal dos Debates*: político e literários, Rio de Janeiro: 16 de setembro de 1837, n. 30, p. 1 – 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/702439/119>, acessado em: 14 de março de 2023.

Os romances modernos e sua influência. In: *Jornal dos Debates*: político e literários, Rio de Janeiro: 23 de setembro de 1837, n. 32, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702439/130>, acessado em: 13 de julho de 2017.

- *Museu Universal: Jornal das famílias brasileiras*.

Prospecto Specimen. In: *Museu Universal*, 1837, n. 1, p. 1 – 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/339369/3>, acessado em: 10 de janeiro de 2023.

- *Nitheroy: Revista Brasiliense – Ciências, Letras e Artes*.

SILVA, João Manuel Pereira da. Estudos sobre a literatura. In: *Nitheroy: Revista Brasiliense – Ciências, Letras e Artes*. Paris: França, 1836, tomo primeiro, n. 2, p. 214 – 243. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700045/398>, acessado em 29 de julho de 2017.

- *O Despertador: Diário Comercial, Político, Científico e Literário*, Rio de Janeiro, 1839.

O Jornal do Commercio. In: *O Despertador*, 1839, n. 287, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706701x/1171>, acessado em 10 de janeiro de 2023.

Revistas dos jornais: Jornal do Commercio. In: *O Despertador*, 1839, n. 243, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706701x/991>, acessado em 07 de agosto de 2023.

- O Guanabara: Revista mensal artística científica e literária

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Vicentina romance do Sr. Dr. J. M. de Macedo*. Rio de Janeiro: O Guanabara: Revista mensal artística científica e literária. Tipografia Guanabarenses de L. A. de Menezes, n. 1, 1838, p. 17 - 20. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700630/898>, acessado em: 29 de maio de 2019.

- *Revista Popular: Jornal Ilustrado*.

SILVA, Joaquim Norberto Sousa. Bibliografia: Obras Nacionais. In: *Revista Popular*, 1862, n. 16, p. 301 – 305. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/181773/6231>, acessado em 10 de janeiro de 2023.

4. Livros, artigos e teses:

ABREU, Márcia. Problemas de história literária e interpretação de romances. *Revista Todas as Letras X – Revista de Língua e Literatura – Seção Dossiê*. São Paulo, v. 16, n. 2, nov. 2014, p. 39 - 52. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7364/5035>. Acesso em 8 de abril de 2020.

ALENCAR, José de. *Senhora*. 1875. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/senhora.pdf, acessado em 25 de maio de 2023.

Diva. 1864. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/diva.pdf, acessado em 08 de maio de 2023.

ALMEIDA, Candido Mendes de. *Ordenações e leis do Reino de Portugal*. Rio de Janeiro, 1870. Biblioteca digital do Senado brasileiro. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242733>, acessado em: 01 de janeiro de 2024.

BALZAC, Honoré. QUINTANA, Mário. *Ilusões Perdidas* (Illusions perdues). Porto Alegre: O globo, 1959.

Un début dans la vie: madame Firmiani – le message – la messe de l'athée. Paris: Calmann Lévy, 1891.

BYRON, George Gordon, Lord. *Childe Harold's Pilgrimage*: a romaunt. New York: Nims and Knight, 1892.

Manfred (poema dramático), 1817. Site: Wikisource. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/Manfred,_a_dramatic_poem, acessado em 11 de julho de 2023.

CABRAL, A. do Valle; PEIXOTO, Hilário. *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G.Leuzinger & filhos; B. L. Garnier; H. Laemmert &C; 1884. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008132&bbm/2641#page/6/mode/2up>, acessado em 31 de julho de 2020.

CANDIDO, Antonio. *Timidez do romance*: Estudo sobre a justificativa da ficção no começo do século XVII. Rio de Janeiro: Revista Alfa, n. 18 – 19, 1972 – 1973, p. 61 – 80. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3508/3281>, acessado em: 10 de abril de 2020.

Tese e antítese: ensaios. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

Os três Alencares. In: *A formação da literatura brasileira*: momentos decisivos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 6ª edição, vol. II, 2000, p. 200 - 211.

Letras e ideias no período colonial. In: *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Ed. Nacional, 1980, 6ª ed., p. 89 – 108.

CARDOSO, Lino de Almeida. *O som e o soberano: uma história da depressão musical carioca pós-abdicação (1831-1843) e de seus antecedentes*. Tese de doutorado, USP – FFLCH – Departamento de História, Orientador Istvan Jancso, 12 de agosto de 2006. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-110842/publico/TESE_LINO_ALMEIDA_CARDOSO.pdf, acessado em 11 de julho de 2023.

CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições elementares de eloquência nacional*. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1856. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=AcA9AAAAYAAJ&dq=li%C3%A7%C3%B5es%20elementares%20de%20eloquencia%20nacional%20-&hl=pt-BR&pg=PA2#v=onepage&q&f=false>, acessado em: 29 de maio de 2019.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary: costumes de província*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 9 ed., 2010.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GODOI, Rodrigo de Camargo. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809 – 1861)*. Tese de doutorado, UNICAMP: Campinas, 2014.

GOETHE, Johan Wolfgang von. *Werther*, 1991, Editora MLA, 7a edição.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. *La Fornarina*, Rafael Sanzio. História das Artes, 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/la-fornarina-rafael-sanzio/>. Acesso em 27 Aug 2021.

KRISTEVA, Júlia. *Pouvoirs de l'horreur: Essai sur l'abjection (Pulsões de Luto)*, Poetics Today, 1983, Vol.4.

KOTHE, Flávio R. A formação imperial. In: *O cânone imperial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 11 - 38.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MELO, Francisco Manuel de. *Carta de guia de casados*. Edição semidiplomática por Daniel Neto Rocha. Centro de estudos de linguística geral e aplicada (CELGA), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em: <https://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc/textosempdf/05cartadeguiadecasados>, acessado em: 31 de maio de 2019.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. *Moral e arte literária no século XIX: o romance sob suspeita*. Polifonia, Cuiabá, MT, v. 20, n. 28, p. 101 – 131, jul-dez., 2013. Disponível em: <file:///D:/Downloads/1670-4629-1-PB.pdf>, acessado em: 29 de maio de 2019.

NETTEMENT, Alfred. *Études critiques sur le feuilleton roman*. Paris: Lagny Frères Éditeurs, 1847. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k23717r>, acessado em: 29 de maio de 2019.

OLIVEIRA, Saulo Veiga. *O suicídio de escravos em Campinas e na província de São Paulo (1870 – 1888)*. Dissertação de mestrado da Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. Orientadora Ana Maria Galdini Raimundo Oda. Campinas, SP, 2007.

PINEL, Phillippe. *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale, ou la manie*. Paris: chez Richard, Caille et Ravierchez Richard, Caille et Ravier, Bibliothèque nationale de France - Collection : Les archives de la Révolution française, 1801. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k432033>, acessado em 25 de outubro de 2023.

PINHO, José Wanderley de Araújo. *Salões e damas do segundo reinado*. 2ª edição, São Paulo: Martins, 1946.

POITOU, Eugène. *Du roman et du théâtre contemporains et de leur influence sur les mœurs*. Paris: Auguste Duran Libraire Editeur, Anger: Cosnier et Laghèse, 1858. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9606838b.texteImage>, acessado em: 29 de maio de 2019.

PORTO, Jakeline Longo. *Francisco de Paula Brito: um precursor da narrativa brasileira no século XIX*. Dissertação de Mestrado, orientadora Lúcia Granja, UNESP – IBILCE “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/150059>, acessado em 11 de julho de 2023.

RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori & MARITNS FILHO, P. (orgs.) *Paula Brito: editor, poeta e artifice das Letras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com Arte, 2010.

RODRIGUES, Cláudia. *A criação dos cemitérios públicos do Rio de Janeiro enquanto “campos santos” (1798-1851)*. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 8, 2014. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e08_a15.pdf, acessado em 31 de julho de 2020.

SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. *Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865)*. Dissertação de mestrado. FAPESP. UNESP: São José do Rio Preto, 2017. Orientação de Lúcia Granja. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/148938>, acessado em 4 de junho de 2019.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, Coleção Espírito Crítico, 1977.

SERRA, Tania Rebelo Costa. Os primórdios da fama: 1844 a 1850. In: *Joaquim Manuel e Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994, p. 34 - 61.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Variedades literárias e políticas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862. Disponível em: https://archive.org/details/3371399_1/page/n5/mode/1up, acessado em: 19 de janeiro de 2022.

Jerônimo Corte Real: crônica portuguesa do século XVI. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6979/1/45000008991_Output.o.pdf, acessado em 16 de agosto de 2023.

Manuel de Moraes: crônica do século XVIII. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1866. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/29819/29819-h/29819-h.htm>, acessado em: 27 de setembro de 2017.

Memórias do meu tempo. Introdução Célio Ricardo Tasinafo. Brasília: Senado Federal, Conselho editorial, 2003. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1080/670455.pdf>, acessado em: 29 de maio de 2019.

“Uma Introdução Histórica e Biográfica Sobre a Literatura Brasileira”, 1842. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O Berço do Cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. Considerações sobre o romance do século XIX: João Manuel Pereira da Silva. In: Werkema, Andréa; Soares, Marcus Vinicius Nogueira; Araújo, Nabil. (Org.). *Variação sobre o romance*. 1ed. Rio de Janeiro: Makunaima, 2016, v. 1, p. 244 – 258. Disponível em: <http://edicoesmakunaima.com.br/images/livros/variacoes-sobre-o-romance.pdf>, acessado em 4 de junho de 2019.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

TODOROV, Tzvetan. Perrone-Moises, Leyla. A narrativa fantástica. In: *As estruturas narrativas*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970, 2ª edição, p. 147 - 166.

Introdução à Literatura Fantástica. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 2ª edição, 1981.

VASCONCELLOS, Rodolfo Smith de Vasconcellos – Barão de. *Arquivo nobiliárquico brasileiro*. Lausanne, Suíça: Imprimerie La Concorde, 1918, p. 204 - 205. Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or375242/or375242.html, acessado em 10 de julho de 2023.

VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. Prefácio de Sérgio Paulo Rouanet, Paz e Terra, 1999.

ZAMITH, Rosa Maria. *A quadrilha: da partitura aos espaços festivos: música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro: E-papers, 2011. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=e1KM_swVFcC&lpg=PA91&ots=-oFplLohO-&dq=baile%20dos%20estrangeiros%20e%20baile%20do%20catete%20seculo%20xix&hl=pt-BR&pg=PA2#v=onepage&q=baile%20dos%20estrangeiros%20e%20baile%20do%20catete%20seculo%20xix&f=false, acessado em 27 de maio de 2020

WESTIN, Ricardo; SASSE Cintia. Na época do Brasil colonial, lei permitia que marido assassinasse a própria mulher. In: *Jornal do Senado*, 04/07/2013. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/especiais/2013/07/04/na-epoca-do-brasil-colonial-lei-permitia-que-marido-assassinasse-a-propria-mulher>, acessado: 20 de novembro de 2021.

7. Anexo I: Críticas

Crítica do periódico *O Despertador* comercial e político.

Rio de janeiro, 15 de março de 1839

O Jornal do Commercio

Clama, ne cesses.

Há tempos que o *Jornal do Commercio* parecia escrito pela mão do algoz, porque de pouco mais se ocupava que de assassinatos e de suplícios; porém o n° do dia 13 de março parece escrito pela mão do diabo. De boa vontade perdoaremos ao contemporâneo as suas heresias geográficas, a sua profunda ignorância *in omni scibili*, os seus folhetins saturados de sem vergonha, a sua linguagem que, tendo começado a depurar-se desde a *suspensão* das revistas, se vai mascavando todos os dias; mas o que não podemos perdoar-lhe é que esteja insultando todos os dias a moral pública, estampando, como por acidente no tempo da quaresma, *história de ressurreições d'amores*, e de frades que namoram damas, e mais que tudo isto, que leve o desaforo até atacar a única coisa sagrada, que *ainda não tinha acometido em frente* a fé de nossos pais, a religião do país, escudada pela constituição do Império e defendida pelas disposições mais terminantes do código criminal.

Por desacautela, sem dúvida, havia transcrito o *Diário do Rio* de 8 de janeiro um artigo doutrina calvinista, que encontrará no *Diário do Governo* de Lisboa, copiado do *Espanhol* de Madrid; mas, reconhecendo prontamente o erro em que caíra, combateu logo aquela infeliz produção com tal força de verdade, e com tal cópia de argumentos, que bem poderia dizer-se neste caso: Oh! feliz erro, que a tal reparação deste lugar!

Pouco antes (em 11 de janeiro) havia o *Despertador* combatido com argumentos sem replica as miseráveis argúcias do *Espanhol*; e no n° de 4 de março corrente havia tirado aos apóstolos da heresia toda a possibilidade de resposta satisfatória; o resto dos jornais dessa Corte havia seguido o mesmo caminho sem hesitar; e até o mesmo *Diário do Governo* de Lisboa, reconhecendo, ainda que tarde, o precipício em que se deixara cair, arrepiará pouco depois a carreira, dando

ao público uma estrondosa satisfação do escândalo que com aquele desgraçado escrito havia causado a toda a nação *fidelíssima*. Finalmente, nunca a opinião pública se tinha pronunciado de uma maneira tão decisiva como no caso de que se trata.

Não obstante isto, é o *Jornal do Commercio* que, insultando a opinião pública, tão claramente manifestada – sufocando a vez da consciência religiosa, se é que a tem – calcando aos pés a Constituição de estado – resistindo a lei do país, que não ignora porque a apontamos, ousa reproduzir muito de caso pensado aquele artigo herético, não por ignorar o que nele existe de condenável, mas *porque o pediram*; isto é, porque lhe pagaram por cada linha quatro vinténs!! Que nome daremos a este procedimento? Que diremos dos jornalistas franceses?

Que o nome cristianíssimo quisera,
Não para defende-lo, nem honra-lo,
Mas para ser contra ele e derriba-lo.

(Camões)

Bibliografia

Obras nacionais

Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, *Curso elementar de literatura nacional*, 1 grosso volume in 4º, Paris, 1862.

Dr. J. M. Pereira da Silva, *As variedades políticas e literárias*, 2 volumes in 4º, Paris, 1862.

A literatura nacional tem ganho nestes últimos anos maior animação; novas obras têm-lhe sido aditadas por muitos nomes já conhecidos e caros as letras pátrias e por outros que surgem apenas do berço da publicidade e que prometem durar muito, honrando ao seu país.

Aos senhores cônego doutor J. C. Fernandes Pinheiro e doutor J. M. Pereira da Silva, prestimosos e incansáveis literatos, se devem novas publicações, que, sustentando a reputação de que já gozão, os tornam mais e mais merecedores da estima pública. Sacerdotes da inteligência, jamais se olvidam de sacrificar nas aras das letras nacionais, trazendo ao país as suas oferendas.

Os laços de amizade que me prendem a esses ilustres cavalheiros, e sobretudo ao primeiro, poderiam de algum modo influir sobre a benignidade do meu juízo, se a franqueza com que o autor do *Curso de literatura nacional* se houve a meu respeito, até combatendo as minhas opiniões acerca da nacionalidade da literatura brasileira, não fosse bastante para me dar o exemplo de expor também livremente as minhas ideias acerca da sua obra; e, ainda que tenha de agradecer ao segundo a citação de meu nome, tão mal cabido no lugar de honra que lhe deu a sua benevolência, saberei me conter na arena da imparcialidade.

O Sr. cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro deu a sua obra o título de *Curso elementar de literatura nacional*, o que talvez a muitos parecerá que trata unicamente da literatura brasileira, que é o que deve exprimir o adjetivo nacional, quando melhor lhe fora generalizado a todas as literaturas da língua portuguesa; porquanto, a literatura, sendo uma, se subdivide, segundo os tempos, em antiga e

moderna; ou, conforme o espírito que as anima, em clássica, romântica e realista; ou aos povos a que pertencem, como latina, grega, inglesa, americana, etc.

Abrangendo o curso elementar as literaturas da língua portuguesa, o autor cometeu por certo uma empresa árdua e difícil, e pode-se lhe dar os parabéns pelo complemento de sua obra, que é indubitavelmente a mais completa que temos. Além do que se encontra nas memórias de literatura portuguesa publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa e os trabalhos resumidos do Visconde de Almeida Garrett, Freire de Carvalho, Costa e Silva e Lopes de Mendonça, nada mais existe na língua portuguesa sobre a sua literatura! Os que a quiserem estudar nessas obras, algumas raras e de alto preço, só poderão possuir noções destacadas, informes, incompletas, com perda de tempo e paciência. Reunindo os materiais dispersos, juntando ao seu juízo o juízo dos críticos que o precederam, o autor andou bem; não impôs a sua opinião com a ênfase do *magister dixit*; mostrou antes que havia apelação para outros juízos mais autorizados pelo tempo; e, conhecendo a pouca vulgaridade das obras clássicas da língua portuguesa, o custo dos livros, a dificuldade que teriam os seus alunos em consultar todas as obras de que trata, juntou alguns excertos, dando a sua obra um triplicado valor.

O autor dividiu o seu curso em quarenta e três lições, que abrangem seis épocas distintas. Em cada uma dessas épocas trata das escolas que mais se assinalaram, expõe os gêneros das composições mais em voga e suas espécies, e fala de cada autor como seu representante. A biografia figura a par da bibliografia; o retrato do autor acompanha a exposição das suas obras; o aluno adquire conhecimento tanto de um como de outras, sem necessidade de recorrer a outros livros e jornais, tão vários e tão custoso.

Na divisão das matérias fora talvez mais conveniente tratar dos séculos do que de épocas, ainda mal discriminadas e apenas indicadas; é pelo menos a divisão geralmente adotada pelos historiógrafos literários, e presta-se melhor a comparação de umas com outras literaturas em um mesmo curso de anos. Todavia o que conviria a uma história literária cabe mal a um curso de literatura, e nesse caso o autor deveria subornar as épocas aos gêneros e suas espécies, dividindo a sua obra em duas partes – prosadores e poetas – e cada uma dessas partes nos

diferentes gêneros e espécie de composições, assinalando então os autores que mais se distinguiram segundo as suas épocas. Assim, a uma simples vista de olhos, como numa sinopse, o aluno distinguiria em dois quadros os prosadores e os poetas; estudando cada uma de per si, veria, por exemplo, entre os primeiros todos os historiadores, ou entre os segundos todos os épicos; escrevendo ou compondo debaixo da influência do seu século, sob o estilo de sua escola, e examinaria as suas obras e compararia melhor umas com outras. É tão fácil esta divisão que apenas da separação dos capítulos e de nova classificação, sendo, porém, necessário precede-los de uma introdução, que apresente a história literária ligeiramente esboçada.

Na apreciação dos poetas e prosadores contemporâneos o autor incorre no esquecimento de muitos que se tornam dignos de menção. Para se não expor a esse inconveniente, facilmente perdoável quanto aos antigos, deveria ter parado ante os túmulos e não vir até ao arraial dos vivos; daí talvez algumas censuras menos prudentes e ainda menos generosas, e até pueris, que lhe tem sido feitas mui apaixonadamente pelos jornais.

O estilo é geralmente bom e algumas vezes muito bom, e, se chega a ter seus laivos (noções, vestígios) de guindado (alçado, promovido), nasce isso de querer o autor ir adiante.

Não é, pois, a sua obra escoimada (livrar, limpar) de defeitos; mas quem não os terá? Necessita a linguagem de retoques em alguns lugares em que o autor contentou-se com a frase fundida de um jato, sem que se desse ao trabalho de limá-la; mas não é ele o mais habilitado para reconhecer essas faltas e emenda-las? Não será por certo por tão insignificantes defeitos e tão diminutos, a vista das seiscentas páginas do seu livro, que se deverá condenar a sua obra. Convém antes anima-lo para que a amplie, para que a corrija, para que lhe dê a última de mão, e essas correções e amplificações fazem-se todos os dias, não em uma mas em muitas e repetidas edições. Balzac escrevia revendo as provas! Nem ao gênio é dado produzir obras primas, que não necessitem do tempo e da lima, que recomenda Horácio, e da paciência, que preconiza Buffon. Hoje, século da navegação a vapor, das viagens por caminhos de ferro, das comunicações por telégrafos elétricos, já se

não guardam os livros nas gavetas para se corrigir vagarosamente; imprimem-se; as gavetas são as diversas edições, e por isso veja-se que as melhores obras são as que tem tido repetidas impressões ainda em vida de seus autores, e que as últimas edições são as melhores.

É, pois, o *Curso elementar de literatura nacional* do cônego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro digno de todo o acolhimento; e até ao presente os prelos ainda não deram em nossa língua coisa mais completa neste gênero e que, por um esforço digno de seu autor, reúne as subdivisões dadas geralmente ao curso a escolha própria das seletas, a notícia das obras e seus autores e a crítica dos literatos abalizados. É uma obra que dispensa, com economia de tempo e despesa, o trabalho de haver, de juntar, de consultar muitas obras, podendo o autor dizer como Camões:

“..... Aqui vereis presente

“Coisas que juntas se acham raramente!”

O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva já é conhecido pelas suas obras literárias; a imprensa nacional e estrangeira as tem aquilatado, dando ao autor proeminente lugar entre os literatos da língua vernácula. O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva distingue-se pela vivacidade da imaginação, pelo colorido do estilo, pela pureza da dicção, e uma das suas mais belas e sublimes qualidades é por certo o espírito de nacionalidade que em tão alto grau o anima, e que algumas vezes o torna como Rocha Pitta, exagerado para com os homens e as coisas da pátria; defeito este que se não condena, mas que se desculpa facilmente; é a única lisonja que agrada. Dirão que é apaixonado; mas a paixão do amor da pátria é uma virtude que o cosmopolitismo jamais fará desaparecer do coração humano; é como um instinto, que se arreiga com os anos e cria raízes profundas. A civilização, por mais refinada que venha a ser, não poderá condena-lo sem passar-lhe em revista as suas grandes ações e as grandes ações do amor da pátria hão de entusiasmar sempre.

O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva divide as suas *Obras literárias e políticas* em duas partes. O 1º tomo contém as *Variedades literárias* e logo no começo figura a *Viagem pela Alemanha* em 1837, onde o aspecto triste e sombrio do país impressiona o viajante americano.

“Que diferença de nossa pátria, diz ele, onde é tão risonha a natureza, majestosa as florestas e bosques, pitorescos os rios, e erguem-se a cada passo da terra verdes montanhas, que elevam seus cumes aos ares, apresentando lindas perspectivas, declividades engraçadas e as mais pitorescas formas!”

Vê-se que é o poeta que viaja, que é o homem que durante os estudos escolásticos identificara-se com essa literatura que surgiu como por encanto no século décimo oitavo, contra os protestos de Frederico o Grande, esse filho que até desdenhava da língua materna por inarmônica e bárbara. Assim, o Sr. Dr. Pereira da Silva entusiasma-se, e como que arranca um grito de alegria quando a pequena cidade de Weimar lhe surge com todas as reminiscências poéticas legadas por esses homens que se chamaram Schiller, Goethe, Heder e Wieland, e que são a glória de um grande povo. O leitor, guiado pelo poeta, para a ouvir as batalhas de Schiller, revestidas das harmonias da nossa língua, e é pena que o livro a esse respeito não seja mais rico nesses cantos sublimes, e que a viagem se acabe quando maior interesse se vai prendendo ao leitor e incitando-lhe a curiosidade.

As Impressões de viagem são de mais recente data; abrangem os anos de 1851 e 1852, e estão escritas em doze cartas. O autor adota a fórmula epistolar, mas o seu estilo poético nem sempre se sujeita a musa de Madame de Sevigné, mormente quando o entusiasmo da pátria lhe move a inspiração. Ele sai do Rio de Janeiro, descansa na Bahia e em Pernambuco, e depois afasta-se da pátria, cujas reminiscências históricas lhe ocuparão a imaginação. Visita depois as ilhas de cabo Verde e vai surgir defronte de Lisboa, onde a história vive com as suas glórias, reminiscências e tradições, e onde a ideia da pátria o acompanha em todas as suas incursões.

Enfim o autor viaja pela Inglaterra, onde admira a moderna Babilônia, capital da indústria, das artes e do comércio, durante a famosa exposição de 1851; pela França, onde Paris se ostenta como a capital do mundo político, e onde assiste a celeberrima mutação, que os políticos denominam *coup d'état*, do dia 2 de dezembro; pela Bélgica, pela Alemanha e pela Holanda, e regressa depois a pátria.

Uma paixão de artista é um pequeno romance, escrito em 1838 como um devaneio da imaginação.

Religião, amor e pátria é outro romance, escrito no ano seguinte (1839) e muito melhor no seu desenvolvimento.

Um banho russo é um artigo humorístico, em que o autor narra uma das aventuras de sua vida parisiense.

Reminiscências em 1858 são lembranças das poéticas cidades da Itália, que o autor visitou com a alma de artista.

Jorge Gordon e Byron e Junqueira Freire são sobre a literatura inglesa e brasileira, em que brilha a juízo do autor levando as suas vistas muito além dos objetos do seu assunto.

A prosa poética do Sr. Dr. Pereira da Silva já tinha denunciado um poeta. O autor não quis por mais tempo ocultar-se como tal aos olhos de seus contemporâneos. O seu 1º volume contém uma epístola a De Lamartine e uma bonita poesia a Cristóvão Colombo, ambos descobridores de um novo mundo, aquele para as inspirações da poesia, já gastas, este para o comércio e a navegação, que pedia novos elementos de grandeza e permutação.

O 2º volume que tem por título *Escritos políticos e discursos parlamentares*, contém as suas orações recitadas na câmara dos deputados desde 1850 até 1861 e um trabalho importante sobre o *Brasil no reinado do Sr. D. Pedro II*, publicado primeiramente em francês na *Revue des Deux Mondes*.

Como literato ocupa o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva proeminente lugar na literatura nacional, e é com prazer que sei que tem entre mãos a *História da independência do Brasil*, precedida de uma vista de olhos sobre os acontecimentos precursores dessa grande peripécia por que passou a colônia americana dos antigos portugueses; e que além desse trabalho revê e corrige os seus Varões ilustre a vista de novos e interessantes documentos que se acabam de descobrir; sendo para estimar que na verificação das datas e na apreciação de certos fatos históricos, ainda que insignificantes, haja todo o cuidado, afim de que uma vez para sempre desapareçam de suas obras alguns senões, que lhe não perdoam os mais severos críticos. O gênio vem mais da paciência do que das grandes inspirações momentâneas.

Como político pertence o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva ao partido conservador; e uma de suas melhores qualidades é se ter sabido manter firmemente nas fileiras de seus aliados; a leitura, porém, de suas obras mostra que no Brasil os partidos se mesclam por suas ideias e que apenas os homens descriminam os grupos; e quem quiser provar que o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva não passa de um liberal, não tem mais do que destacar alguns dos seus brilhantes e sublimes pensamentos políticos. Em geral, todos nós somos assim; liberais por dentro, e quanto ao externo pedimos ao Iris da política uma das cores que mais nos convém na sociedade brasileira:

“E isso nos basta a nós e ao nosso mundo”

(Basílio da Gama)

E tanto é assim que o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva foi um dos melhores presidentes que teve a província do Rio de Janeiro; sua administração patenteou um verdadeiro progresso; as suas vistas eram largas e liberais, mas o Governo arreceou-se de seus voos, e reteve-o nas fileiras dos conservadores!

Os seus discursos parlamentares mostram o pensador inteligente e o observador constante, enfim – o homem político; a sua dicção é genuína, o seu estilo polido e brilhante; ele tem a facilidade de expressão, e o seu pensamento não lhe retém os voos oratórios; faltam-lhe, sim, alguns predicados para ser um verdadeiro orador, mas essas qualidades singulares não se alcançam da natureza com todos os seus dotes e em toda a sua magnificência e brilhantismo.

E porque homem tão talentoso, tão entregue ao estudo das coisas da pátria, e que tem a sua disposição tanto tempo de seu, pois a sua posição é uma das mais excelentes, se não há de entregar com mais fervor a composição literárias? O autor não deveria ser tão parco em nos dar a ler as suas produções; não nos deveria fazer esperar por muitos anos pelas suas publicações. Ao Marquês de Maricá perguntaram-lhe um dia porque pensava tanto, e ele respondeu: “E o querem que eu faça?”

Tanto o *Curso de literatura nacional* como as *Obras literárias e políticas* estão nitidamente impressos; saíram dos famosos prelos de Paris, e deve-se a sua publicação ao Sr. B. L. Garnier, digno livreiro editor desta Corte, empreendedor ativo

e afoito animador dos literatos brasileiros, e que nos largos horizontes do futuro não vê unicamente calculados interesses, visa também a glória.

Estrangeiros assim não são unicamente a si; auxiliares inteligentes, promovem o engrandecimento da nação e tornam-se dignos da consideração que a hospitalidade nacional deve consagrar em alto grau a seus tão bons hóspedes.

J. Norberto de S. S.

8. Anexo II: Imagens das narrativas



Luisa. Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca – *Jornal dos Debates*, 1838, n. 51,

Shakspeare, igualam tão rara belleza.

E a donzella era devorada por um amor sem esperança, um primeiro amor que exalta e endoucece.... Um joven de vinte e quatro annos, por nome Carlos, caracterisado por todos os vícios, ainda que descendente de uma honrada familia, era o objecto dos disvelos de Luiza. Não sabemos achar a razão deste phenomeno: a mais virtuosa moça amar o mais perverso dos homens!.. Mas, tal era o facto; e elle tambem a amava, e o seu amor lhe fazia bem, porque o impedia ás vezes de commetter alguma acção má que tencionasse....

Estava neste tempo D. João VI no Rio de Janeiro: o neto dos Affonsos, deixando a metropole do reino, fugindo á furia do leão do século decimo nono, estremecia á menor noticia, á mais insignificante nova que da Europa viesse: educado no meio de uma corte corrompida e immoral, entregue cedo aos caprichos da mocidade e do mando, D. João VI, ainda que talvez possuindo um excellentes coração, não merecia succeder a tão gloriosos monarchas, assentar-se em um

antigo throno, outr' ora de tanto esplendor, de tanto poderio.

Carlos era, como já dissemos, um extravagante e dissipado mancebo: os desgostos, que elle a seu pai dera, conduzirão o infeliz velho á sepultura.... O filho, em vez de se corrigir com esta desgraça, causada por seu má comportamento, continuou a trilhar sempre a estrada dos vícios, e até dos crimes.... A justiça perseguio-o por fim, e elle, para escapar ás suas pesquisas, embarcou-se em um navio portuguez que seguia viagem para a India...

E a infeliz amante, longe d'aquelle que máo grado seu ella tão apaixonadamente amava, murchava como flor aos ardentes raios do sol. Pouco a pouco desapparecia das suas faces aquella rosca côr que tão bella a fasia; pouco a pouco sobre seus olhos que sempre humidos cabiam, imprimiam-se dous lividos e esbranquiçados circulos, que depontavam internos soffrimentos...

E o velho Fernando com ella chorava, e de quando em quando destillava-lhe n'alma algumas gotas de consolação, esforçando-se em extirpar-lhe do coração o mortal veneno

que a carcomia.... Um primeiro amor pode-se acaso arrancar com insinuações, conselhos, ou força? Ignorava o velho que essa paixão, tão entranhada em um joven e bra-sileiro coração, continuamente perseguiria sua victima, te que por fim a conduzisse á sepultura.....

Entretanto eram já passados tres annos, e nem uma noticia tinham elles recebido de Carlos; ignoravam completamente o seu destino, e isto ainda mais os magoava. Um irmão de Carlos, de nome Alberto, joven bem feito, dotado de sentimentos de honra e de probidade, e que tambem já á muito tempo adorava Luiza, pede n'este momento sua mão ao velho Fernando, que aceita a offerta, sob a condição do consentimento de sua filha. Seis mezes se passaram ainda, no meio das supplicas do pai e do amante, e das negativas da filha. Entretanto a infeliz, recebendo a infesta noticia da morte de Carlos, para obedecer a seu pai, ainda que não amasse Alberto, consente nas nupcias.

A igreja de N. S. da Piedade do Iguassú está situada no meio de um triste e feio campo, entrecortado por valas e correntes

d'agua, e exhalando infectos vapores, por isso que n'elle se enterram os mortos. Meia duzia de velhas e pequenas casas de sapê, entre as quaes brilha a do vigario, collocada defronte da porta da igreja com uma especie de sotação, forma a grande praça da Matriz, distando um quatro de legua pouco mais ou menos da nova villa. Na igreja celebraram-se, com praser e contentamento de todos, as nupcias de Luisa e de Alberto. Depois do sagrado ministerio, um excellente banquete, como pede o uso, adubado por perus e leitões assados, segundo a moda das roças, alegra os convidados, que eram as principaes personagens do paiz, entre as quaes brilha a sabia, e gorda cabeça do vigario, o magro esqueleto do sachristão, a face comprida do boticario, e a elegante e amarella physionomia do commissario de policia. Todos se entregam ás delicias da mesa, todos se precipitam sobre os copos, todos zombão, riem-se, só Luisa, a infeliz Luisa soffria e chorava....

Sentio a donzella um pequeno incommodo, e pediu licença para retirar-se para seu quarto, tanto para alivio seu, como tambem

para com sua presença não perturbar a alegria que em todos os semblantes se divisava: mas ah!.. em quanto os gritos de praser, as gargalhadas ressoavam na sala do banheiro, ella se deslisava em lagrimas no seu leito, que coberto de flores e de fitas presagiava uma noite de delicias....

De repente abre-se a janella, que estava cerrada; um homem salta dentro do quarto, esse homem se aproxima do leito, e quando o avista Luisa, e quer gritar, já elle lhe embargou a voz com esta palavra — Sou Carlos — Carlos! Oh? meo Deos! Pois tu, que eu julgava morto! — Sim, eu mesmo, eu que agora te venho pedir contas d'aquelle amor que me promettestes, me jurastes; eu Carlos, teu antigo noivo, teu unico marido!....

Recitava o vigario n'esse tempo uma longa e fastidiosa oração de graças em honra de Baccho; seus olhos pareciam desfazer-se em alegria: suas faces um pouco mais inchadas exprimiam os seus internos pensamentos.... É os circunstantes exultavam tambem de praser, vendo a mais interessante personagem do paiz tão alegre, e tão electrificado.... Mas o velho Fernando o Alberto estavam in-

quietos por Luisa, e ainda que nada suspeitassem, aquella subita retirada para o quarto lhes dava algum cuidado. O velho deixa a sala, e vai ao quarto da filha... mas ah! em vão a procura, onde está ella? corre a casa toda, pergunta, indaga, mas nem uma resposta tem, ninguém a viu mais.... Ao espirito do esposo e do pai mil idéas sobem, mil diversos pensamentos os assaltam, e só desgraças antolham elles... Dá-se parte a todos do sucedido, uns espantam-se, outros estão occupados em carregar em uma rede o sachristão e o boticario, que tinham perdido os sentidos, e outros se lançam em todos os caminhos a procurar a donzella....

Era já noite, e o que seria feito d'ella? A desordem, o motim, a desesperação, as lagrimas, os gemidos crescem. A lua melancolicamente enluta seus palidos raios por entre as frestas da cabana, as estrellas murmurando ressumbravam no ar, e esclareciam a terra; a noite estava bella, e uma fresca viração assoprava brandamente as folhas das arvores: o ancião, cansado e abatido, cae em um deliquio, e o esposo, que algumas horas antes antolhava uma bella noite, que com o pen-

samento marcava o tempo, e que em sonhos já sorvia o perfume dos prazeres que devia gosar ao lado do objecto amado, perde-se no meio dos bosques, soluçando e tremulo, sem saber onde ia, e o que devia fazer.. Sem sentir se acha ás margens do rio, e sem sentir se precipita no seu leito: a humidade da agua o faz sahir do estado desesperado em que se acha, e reconhecer a sua posição; um gemido moribundo o faz estremecer de repente, e um objecto branco, que se balança sobre as aguas, attrae a sua curiosidade: sem poder respirar, se lança sobre esse objecto, arranca-o á força das aguas, e o descansa sobre a margem, Qual foi o grão de sua desesperação, quando reconheceu no objecto, que havia salvado, um cadaver, e n'este cadaver a sua infeliz esposa !....

Como succedeu este caso, ignora-se ainda: mas nossa tia nos affirmou, que Luisa, desesperada por haver faltado a sua promessa, ao seu juramento, com o remorso que lhe pesava sobre a consciencia, de não poder amar o seu esposo, se tinha lançado ao rio de mutuo concerto com Carlos, e se affogára.... O cadaver de Carlos encontrou-se tambem no rio alguns dias depois.

Fernando e Alberto pouco tempo sobreviveram á bella e desgraçada Luisa.....

No lugar em que se depositou o cadaver da donzella nasceram as arvores, e a roseira, de que acima fallamos: á meia noite, affirma a gente do paiz, costumam apparecer quatro almas do outro mundo n'aquelle sombrio e misterioso bosque, ouvem-se gemidos e ais, e por isso ninguem se atreve a passara essas horas por aquelle sitio. P. S.

Por pedido de alguns dos nossos amigos, e subscriptores, transcrevemos no Jornal esta legenda, que haviamos composto e impresso no *Gabinete de Leitura*. Fizemos aquellas correções, que julgámos necessarias.

ropa, fui visitar as catacumbas de S. Francisco de Paula, onde se acham depositados os preciosos ossos de meu pai e de minha mãe; ideias religiosas e funebres então me acompanharam; a cada passo eu estremecia... um surdo rumor me rodeava, semelhante às ondas do mar, que se precipitam sobre os rochedos... eu ia beijar os restos d'aquelles, que me haviam dado ao mundo, e para que?... Talvez o ignore. Um velho preto me acompanhou ao lugar, onde se encerram as urnas, e não tardei a conhecer a que eu procurava. Depois de haver cumprido com os deveres de um filho agradecido, depois de haver derramado algumas lágrimas sobre a solitária urna, exforei-me em dar trejeitos à minha dor, passeando por entre aquelles tumulos, e à vista de tantos mortos, infundindo na alma algumas gotas de consolação. Um triste espectáculo offereceu-se à meus olhos; o meu guia estava de joelhos, banhado em lágrimas, em cima de uma loisa, absorvido em mysticos pensamentos. A minha voz se levantou o infeliz, e aproximando-se de mim, me disse: — Vm. chora por seus pais, eu choro por uma Sr. moça, que aqui se acha enterrada. —

Umás quasi que apagadas letras estavam gravadas na loisa, e com difficuldade pude lêr: este era o epitáfio: — *Aqui jaz Mathilde da Anunciação, morta na idade de 18 annos; repouso pelo descanso de sua alma.* —

Depois de muitos rogos, e supplicas minhas, pai João, (assim se chamava o velho preto) sentou-se comigo em cima de um tumulo, e entre soluços e lágrimas, contou-me a historia, que ora publico.

Alberto da Anunciação, morava nas Laranjeiras, em companhia de uma filha por nome Mathilde, que elle muito amava, e que era digna de toda a estima e veneração, por que, além d'um physico divino, tinha uma alma candida, innocente e virtuosa. Alberto tinha sido negociante, porém grandes moléstias, de que padecia, o obrigaram a deixar o commercio, e a retirar-se à uma chácara situada nas Laranjeiras, perto das aguas ferreas: vivia de dar dinheiros a premio, e era conhecido como um homem muito honrado. Perto de sua chácara havia outra habitada por um desembargador já idoso, e seu intimo amigo. O Desembargador tinha um filho, moço de gosto e de instrucção, que havia viajado quasi toda a Europa, e que ora se achava no gremio paterno: elle se chamava Eustaquio.

Este joven, ainda que somente tinha de idade 25 annos, havia já corrido até a ultima gota na taça das delicias e prazeres mundanos; sentia uma sensação de dor, nem de prazer tinha entrada em sua alma, toda absorvida em um desesperado scepticismo... a leitura de Lord Byron e de Goethe, e uma propensão natural à melancholia, corroborada por a influencia da litteratura do nosso seculo, fazia que elle só gostasse de reconstituir-se sobre tumulos, de zombar das felicidades humanas, e até seguindo-as com um sorriso sardonico e infernal.

Entretanto os dous pais tencionáram

unir seus filhos por uma eterna e inextinguivel cadeia, vulgarmente chamada *syminia*: a innocente Mathilde passou aos braços do sceptico Eustaquio.

O primeiro mez do matrimonio sempre tem delicias e encantos, porém depois?... Depois é que os casados vão-se conhecendo aprofundam o genio um do outro, perseguem todos os symptomas da consciencia, e levantam o véo, que encobria o mais íntimo sentimento... então a felicidade ou a dor são eternas.

Eram já passados quarenta dias, e a melancholia de Eustaquio não tinha deapparecido com o hymen: seu genio o forçava a desamparar os carinhos de sua esposa, e a occultar-se no meio das arvores, fugindo aos olhos dos homens... o seu mesmo estado e desesperava, elle se via preso para sempre, e esta só ideia, este só pensamento o atormentava durante o dia, e durante a noite... algumas vezes mesmo lágrimas se desprendiam de seus olhos, sem que seus labios publicassem já mais o motivo d'ellas: este comportamento causava uma profunda e dolorosa sensação em Mathilde, ella também chorava!...

Em uma bella noite, d'esses noites invejadas pelos Europeus em nosso holo paiz, quando a lua prateava a terra, e rodeada de brilhantes estrellas, que, como anjinhos, parecem saltar e brincar em torno d'ella, esgotava todos os seus raios, espargindo-os desoladamente, Eustaquio deixou a sua Mathilde, e veio-se assentar debaixo de umas grandes arvores, que estão à direita da fonte das aguas ferreas. Dex heros tinham já soado... Uma folha somente não balançava nas arvores... o ar, ainda que perfumado pelas aromas, que exhalava a terra, não se movia por nem uma viração... uma vaga somente não enrugava a superficie crystallina da corrente, que mollemente desliza seu nectar por entre pequenas pedrinhas... O silencio o rodeava, e um pensamento o agitava de tal maneira, que seu peito batia com uma força desusada.

«Curvar-me eu estupidamente ao jogo das usanças e costumes!», Restre minhas faces d'um sorriso hypocrita, gesticular amorosamente para Mathilde, como si eu n'isso atreduasse!... Trégua à mentira, já basta de mimica!... E eu dei-te unir este coração duro e insensivel, como um cadaver, á um joven coração ansioso de prazeres e de amor?... Amor!... Quando era tolo e criança, acreditei n'elle, mas a Europa me patencou toda a sua falsidade, a Europa rasgou-me as entranhas do coração humano; a par do encanto sensual deu-me o fel do veneno: mostrou-me a engano do mundo, e a illusão da terra!... Oh! eu também ouvi vozes, que diziam — eu te amo, — eu também senti um d'esses olhares de fogo, que as mulheres tem sempre promptos para a occasião, e também me deixei enganar! Porém hoje em nada creio, nem mesmo na eternidade.

E n'este instante a lua desenhava a seus olhos um fenebre objecto, que estava a seu lado em pé, branco, e immovel... parecia uma estatua em cima de um se-

APPENDICE.

AS CATACUMBAS DE S. FRANCISCO DE PAULA.

Romance.

Logo depois de minha chegada da Eu-

pulso, ou uma visão nocturna!... Um gemido exhalou de repente esse objecto, e este gemido arrancou Eustaquio a seus pensamentos...

— Quem és, que assim te atreves a escutar-me, a espiar-me, a ver, a ouvir, o que é prohibido ao mundo, inteiro...

— Eu! — respondeu o objecto, aproximando-se de Eustaquio... Este estremeceu, e quasi que cahiu sem sentidos, a ouvir aquella voz. — Era Mathilde.

— Pois tu cuidavas, lhe disse amorosa e docemente a infeliz esposa, pegando-lhe nas mãos, e as aquentando com o calor das suas, pois cuidavas, que tuas dores e teus soffrimentos não seriam partilhados por aquella, que se ligou ao teu destino, á face dos céos! Oh! Eu também soffri! eu também chorei, e tudo por tua causa!... Julguei encontrar a felicidade no hymeneu, e só achei affeições, e pezares!...

— Infeliz! E não me conhecias, para que te ligaste a mim!... Oh! aborrecido mundo! Não seria melhor quebrar essas cadenas, que premeem duas existências uma á outra, como os criminosos condemnados á galés? Para que ha de um soffrir pelo outro!... Infeliz!... Eu te lastimo.

E ambos soluçavam e choravam...

Neste momento Eustaquio assentou-se, e fez assentar á seu lado Mathilde; e mudando immediatamente de tom, com a cura e piedade lhe disse: — Eu desejaria amar-te, adorar-te, por que és digna d'isso, mas já soffri muitas emoções, e por isso hoje de nada mais sou capaz. Vou contar-te um caso de minha vida, que decidia de meu eterno destino. Escuta.

Eu tinha 20 annos, e amei desesperadamente uma dozeleta de 16 annos, chamada Amelia; era prima minha, e esta circumstancia tornava mais frequentes minhas visitas. Não te poderei discrever meu amor, por que as expressões esfriam passadas pelos labios; era uma paixão do joven, uma paixão de fogo, que continuamente me atormentava; no meio das minhas leituras, no meio dos meus sonhos vinha intrometer-se a imagem de Amelia, eu nada podia fazer, nada obrar, em nada cuidar, sem pensar n'ella; era ella minha existencia, minha vida. Na verdade era lindissima, e mereceria a adoração dos anjos, si por acaso elles baixassem a terra... Eu não podia estar sinão á seu lado, sorvendo o perfume de suas palavras; oh! o que eu não daria, por apertar-lhe a mão!... Ainda me lembra quando seus dedos gyrovam tão graciosamente por cima das theclas do piano!... Quando se exhalavam os sons melancolicos da Norma de Bellini, que ella tocava, somente por acceder ao meu pedido!... E quando sua voz se elevava harmoniosamente, echando a celebre cavatina da Sacerdotisa dos Gaulos! Eu estava extasiado, imóvel; sem ousar fazer o menor movimento, com medo de perturbar uma scena tão cheia de amor e de melancolia. E seu velho pai, sua mãe, e seus irmãos estavam á roda de mim, sem darem attenção ao que eu interiormente sentia!...

Entretanto eu não sabia si ella me amava, e eu a adorava; porem no fim de alguns mezes comeccei a notar, que meu amor lhe não era indifferente, e quando nossos olhos se encontravam, um rubor lhe subia ás faces, que pareciam mais bellas, mais divinas, assim coloridas. O primeiro aperto de mão, que lhe dei, tremendo, e no que ella também tremula me correspondeu, foi a prova da intensidade de nossos sentimentos!...

Mas ah! a natureza ou Deus tinha-me destinado á infelicidade; relações commerciaes fizera com que o pai de Amelia a forcasse a casar com um individuo, que ella desprezava.

Tentei no principio matar-me, porem a lembrança de um pai, que com isso faria eternamente infeliz, me deteve no horrroso passo; tencionei então fazer-me frade, e desaparecer do mundo... Mas meu pai me arrancou ainda esta ideia; e me propoz uma viagem á Europa. Parti, e visitei Londres, a metropole do commercio do mundo, a divertida Pariz, a infeliz Roma, e a engraçada Florença, a debochada Vienna, a voluptuosa Veneza, e algumas cidades da Alemanha, e dos Paizes Baixos. Eu tudo admirava na Europa, o progresso das artes, os melhoramentos materiaes, as carruagens de vapor, os caminhos de ferro, e depois aquella polidez, aquelle ar agasalhador, que é o caracteristico dos Europeos civilizados.

Porem a ideia da perda da minha amada me não podia deixar; um peso horrivel me opprimia, esse peso parecia jamais desamparar-me... o nome de Amelia, de minha patria, contra minha vontade me escapava dos labios; si via uma bella moça, eu a comparava immediatamente com Amelia, e a Brasileira ganhava no parallelo. Então veio-me um pensamento, e era o de me precipitar no turbilhão dos prazeres, com o pretexto de apagar da minha memoria o quadro de um mal irremediavel, que minha saude continuamente me dispartava.

Venham as alegres reuniões, os cafés, as orgias, os theatros, o vinho, e as mulheres!... Venham todas essas ideias extremas, até mesmo o San-Simonismo, e a republica!... Venha toda a embriaguez de ideias extravagantes, até mesmo o Pessimismo! Eu tudo aceitei, tudo sorvi!

No fim de um anno me achei inteiramente curado; a continua metamorphose de prazeres, e de mulheres me arrancou com effeito esse objecto, que me acompanhava... Uma viagem pela Europa é o melhor antidoto contra identicos males; sobre tudo uma pequena excursão em Veneza, Vienna, Pariz, Roma, e Strasburgo. Ouve-se continuamente fallar em amor, em paixão, em delirio, porem o muito uso d'estas palavras tent-lhe tirou o credito, que tinham. Veneza sobre tudo é excellente para isso. As gondolas, os bailes mascarados, os passeios do Lido, e as bellas moças encantam em demasia os viajores; conheci então que tudo no mundo era facticio, e por isso em nada mais acreditei; e até as minhas crenças metaphisicas, a minha fé religiosa, e a minha convicção politica desapareceram. Nada mais achei em mim, excepto um secco,

arido e desesperado scepticismo. Não dei mais credito a bens, nem a males, e reputo o mundo uma verdadeira maquina movida pela ignorancia. O remorso foi considerado como vilesa, e a consciencia, como uma macaqueice visionaria. Os crimes são accões ordinarias, e tão tranquillamente dormo o homem com as mãos humidas de sangue humano, como o que sempre trilhara a vereda da virtude... Com estas ideias regresssei ao Rio de Janeiro.

Chegando aos lares patrios, em vez de ter o prazer, que costuma assaltar os viajores, no momento de rever seus pais, parentes e amigos, conservei-me da mesma maneira. Abracei meu pai sem emoção, nem de prazer nem de dor. Minha alma estava bem petrificada.

Desde então vou a toda a parte, aos bailes e theatros, com os mesmos sentimentos. Pensei, quando me casei contigo, mudar as minhas tristes ideias, infelizmente vejo que recado nos lugubres pensamentos, que comengo da Europa viam. Procurei dar vida á lembrança de Amelia, e de applicar o amor que lhe consagrava, á esposa, que recabi de meu pai, porem essa lembrança inteiramente apagou-se; e nem si quer existe o objecto d'ella, pois consta-me que Amelia poucos dias viveu depois da minha partida. Agora vê qual é mais infeliz, si tu não sendo amada, obrigada entretanto á apertar-me em teus braços, si eu, que nada sinto, nada conservo n'alma, a não ser uma ideia de destruição e de morte, que unica me sustenta!

— Herivel como! exclamou Mathilde!... E ella tremia e ficava sobre Eustaquio seus olhos petrificados, como sobre um fantasma... — Si tens-me horror, e não te compadeças da minha infelicidade, separa-te de mim, Mathilde; e escamento da Ajuda é o remédio de dor. Mas si minhas misérias te causam compaixão, si te quero resignar, por um acto amável e angelico, á dar-me a quem nada tem para dar-te, á oferecer teu amor, como uma esmola, á quem nem si quer amigado tem para pagar-te, faz-o, Mathilde, faz-o, que si ha um Deus, elle te recompensará!...

Depois de uma tal conversação ambos se retiraram para casa, sem ousar fallar um ao outro.

No dia seguinte Mathilde ergueu-se do leito pallida e com febre. Chamou-se aos médicos, e a acciada luctos com a moléstia dos dias; ella conservou sempre durante este intervalo um olhar admoestado e magno, e uma voz grave e melancolica. Uma noite ella chamou para perto do leito seu marido, e lha disse, que depois de ter-lhe dito, todas as culpas a condemnava não sendo horrivel; que se julgava morta e sepultada, e que em cima da sua sepulchro estava acotado um homem, que se ria e lambura do seu cadaver; que este homem se metamorphosava em serpente, farrava a terra, que a cobria, e a moléstia toda... Eustaquio apertou-lhe a mão, e imprimiu-lhe um beijo, mas ella já não vivia...

Elle seguiu o seu corpo ás catacumbas, chorando dia inteiro, e depois de novo entregou-se aos prazeres.

APPENDICE.

UM PRIMEIRO AMOR NO BAILE DO CATETE.

Romance.

Pela primeira vez se encontraram Emilio e Carolina no baile do Catete. Uma contradança pedida e accetada deu motivos a que se encetasse a conversação, e que de quando em quando se olhassem, como às furtadellas. Carolina eclipsava com sua belleza a formosura das outras donzelas; tinha uma tez fina e delicada, ornada de uma côr rosea; seus cabellos inda queleiros, peateados com arte, e atados por uma fita preta que lhe atravessava a fronte, davam muita graça á sua esbelta e regular phisionomia. Seus olhos tinham alguma cousa de oriental, e trahiam a sua origem brasileira, pela vivacidade e velocidade, com que giravam por toda a sala do baile: um espirito penetrante salpicava-lhe os labios, e a fasia a mais amavel e jovial companheira. E Emilio, apesar de ser homem, tambem não era feio; e depois quando mesmo o fosse, como se vestia muito bem, tinha uma casaca parda muito bem feita, obra de um homem de genio, como tinha tambem bastante espirito, e quando mesmo o não tivesse, como era bacharel formado, todas essas qualidades eram fortes rasões, para ser, procurado, e amado na sociedade. Uma pequena leitura, que elle tinha dos usos europeus, lhe dava certo ar de importancia e de sciencia, que encantava. Ora á vista de tantos prestigios, o que podia fazer Carolina? Gostar d'elle. É a primeira parte do amor. E o que devia fazer o Dr. Emilio? Tambem gostar d'ella. Eis o começo do drama; um apertão de mãos no meio da — *Trenis* — fez ainda mais palpar os corações; um elogio *ad rem* encantou a nossa namorada, que da sua parte desfez-se em agradecimentos.

Um convite para a primeira contradança no baile dos estrangeiros, e a troca de nomes, finalizou o primeiro acto da entrevista, e abriu um delirante futuro á dous miúdos corações.

Toda a noite Carolina levou a pensar no seu doutor; sua alegre imaginação lhe presagiava um brilhantissimo futuro, unida áquelle, que primeiro se apoderou de sua alma. As sensações de praser augmentaram com as horas; á pouco o via Juiz Municipal, logo depois Juiz de Direito, depois Deputado Provincial, e Deputado geral, Dezembargador, Ministro &c. E ella já se acreditava recebendo as felicitações dos lisonheiros, que enchem as camaras dos grandes, cercada de diplomatas, &c. e o que é mais, já ouvindo o *ai doloroso* dos empenhos, e dos favores que fervem no tempo das venturas. Eis como pouco mais ou menos decorreram as horas da primeira noite.

E Emilio tambem se aprazia com a lembrança d'aquella belleza, e segundo o que lhe certificaram, pertencia ella a uma boa e preponderante familia, e portanto como a ambigão o elevava já nas suas azas, o amor augmentou-se-lhe, notando, que de tal união, embora se sacrificasse a paz e tranquillidade domestica, muito ganharia pelas relações, que lhe sobreviriam. Eis a consequencia de um apertão de mãos em um baile do Catete!

Ora Carolina morava no Botafogo, e como donzella sem experiencia, tudo acreditava; e foi para si pensamento, que todos os cumprimentos, e elogios de Emilio eram verdadeiros, e que ella era a mais feliz das mulheres, por ser adorada por aquelle, que tambem era — seu primeiro amor. —

E Emilio morava na rua Direita, ainda que nascido em uma Villa muito distante do Rio de Janeiro, contudo se achava n'esta cidade estabelecido com escriptorio aberto para os embargos e contrariedades das tennes causas, que caem nas mãos dos jovens advogados. Porém como tambem ia por vezes ao Tribunal do Jury, habituou-se a bem cumprir com o seu ministerio, e applicava as rasões do fóro aos builes, onde é mais facil convencer os ouvintes; e por isso fazia a côrte a muitas donzellas, a todas protestava seu amor, e todas se fiavam, coitadinhas, nas suas promessas, nos seus juramentos, e nos seus suspiros.

Os bailes entretanto continuavam todos os mezes, e os nossos namorados tambem continuaram á sorver o perfume exhalado pelo amor, e o goso interno de delicias futuras, que devem encantar... No principio quando dançavam, e conversavam, ainda de quando em quando os dous semblantes coravam, com o temor de serem descobertos por certos olhos escuradores, que vão aos bailes só-

mente para notarem as escapulidellas, e depois fallarem e intrigarem. Porém já para o fim elles se não importavam com os ditos dos compaheiros, e davam em resposta um—façam o mesmo—aos que os interrogavam.

Tão grande já era o amor, que consagrava Carolina a Emilio, que se negou em casamento a um Deputado, rico da Província de Minas Geraes, que a pediu a seu pai. Verdade é que ella tinha suas razões, porquanto corria por certo, que o tal Deputado, que ainda se ignora como podesse ser nomeado por uma provincia, contava já seus quarenta e seis annos, e alem d'isso era dos que, quando iam á camara se sentavam no banco, e não se levantavam sinão para a votação, fazendo voto de castidade de lingua, excepto nos momentos dos monosyllabos, que necessitavam o — appoiado — para dar idea a seus constituintes, do que elle se não esquecia dos seus interesses, sendo d'este modo grande e eloquente orador, pois que a verdadeira eloquencia consiste em dizer muito em poucas palavras, e um appoiado *in tempore* eleva-se algumas vezes ao sublime da oratoria.

Entretanto a Emilio não succedeu o mesmo; tendo-se-lhe offerecido um partido vantajoso, elle immediatamente aceitou, antevendo realisados por este meio os planos de ambição, que á tanto tempo formava.

Arranjou-se com tanta celeridade e segredo o casamento de Emilio com a viuva de um desembargador de nome Leocadia, que ninguém antes o tinha suspeitado, e a infeliz Carolina só o soube oito dias depois.

Como não soffreria a donzella? Ella amava verdadeiramente, e acreditava que o seu amor era retribuido!... Pobre creatura! Como são desgraçadas as donzellas, que se fiam nas promessas de um moço de bailes! O coração partia-se-lhe de dôr; as lagrimas precipitaram-se em jorros d'aquelles tão vivos e interessantes olhos, os soluços embargaram-lhe a voz; e só então conheceu o pae o lamentavel estado de sua filha! Um *primeiro amor* jámais se apaga da lembrança, a primeira sensação, que soffremos, com difficuldade se risca da memoria. E' a vida inteira, que consagramos, quando sentimos palpar o coração com tal paixão; é a existencia n'este mundo, e a eternidade no outro, que então se perde!...

Quando se retirou para o seu quarto de dormir, sentia desfallecer completamente suas forças, e um si funebre, como si fosse arrancado de um tumulto, escapou de seu peito, que com força batia. Sentou-se na cama,

e tendo os olhos pregados em uma lamparina accesa, que então ardia, e que com seus palidos reflexos tristemente esclarecia a camara, começou a chorar... Chora, filha de illusao, chora, paga á terra o tributo, que lhe deves, paga á existencia o teu contingente. Cuidavas que o caminho da vida desliza no meio de um campo matizado de flores e perfumado dos mais exquisitos odores; cuidavas que um só espinho te não embaracaria a marcha!... Chora, que todos n'esta vida choram, desde o verme rasteiro, desde a tenra planta, que durante toda a manhã espargue as lagrimas, que a noite encrustára nos olhos!...

No meio dos soluços e suspiros estes dolorosos accentos echavam na camara. — Enganou-me o barbaro... o perverso! E que farei agora meu Deus! Impossivel me é riscar o do coração, d'este maldadado coração, que tantas vezes por elle batem!...

Então uma sombria reminiscencia subia-lhe ao espirito: os bellos e innocentes tempos de seus amores se apresentaram á sua imaginação; as promessas do ingrato, que a tinha despedido ainda pareciam ecoar á seus ouvidos; cada quarto de hora, que o relógio soava, era uma punhalada, que se entranhava no seu peito, e lhe rasgava as entranhas... As lagrimas, que de seus olhos pendiam, como fios de neve, que cobrem os galhos das arvores na Europa durante o inverno, se assemelhavam tambem á perolas engastadas em botões, e melancolicamente reflectindo por toda a sala. Meia noite soou, e a infeliz ainda se achava sentada na cama, com uma mão repousada sobre o travesseiro sustentando a cabeça, com a imaginação assombrada de dores e soffrimentos, e depois o mais leve sopro de sono não vinha consolal-a, não vinha arrancal-a á exaltação de seus sentidos...

— Agora, dizia ella, é o instante da sexta contradança no Catete: eu dançava sempre com elle, e n'esse momento eu me extasiava, me perdia toda, ouvindo a bella voz do ingrato!... Era o instante, em que todos se achavam occupados, e que nós nós liamos no semblante um do outro o prazer, que interiormente palpitava!... Suas palavras tinham uma doçura, uma força, que encantava, e dirigia nossas vontades! Ai... infeliz, tudo perdi!...

A lamparina ia então morrendo; a ultima gotta de azeite, que lhe restava, se ia exgotando: os raios da luz alem de negros e merencorios se assemelhavam ao ultimo dia da vida... e a existencia de Carolina parecia li-

gada á existencia da luz; ambas pareciam caminhar tristemente para o sepulchro, ambas tinham encetado a carreira das dôres...

Um gemido como que escapou á luz, que morria, e ella desapareceu; Carolina viu-se ás escuras, recahi também sobre o leito, esforçou-se por cerrar as palpebras, porem em vão; ellas estavam iachadas com o peso das lagrimas, que derramára, e o sono não veio mitigar-lhe os soffrimentos. A vigilia porem lhe foi favoravel, por quanto communicou-lhe uma certa força, coragem, e resignação...

No dia seguinte ella avista á toda a sua familia, que ia desaparecer da terra, e entrar para o convento de Santa Thereza...

No convento, entre os jejuns, e as preces conservou-se dois annos, dedicando os instantes de repouso á lançar os olhos sobre a bahia do Rio de Janeiro, sobre a cidade, que como um gigante roncava á seus pés, e tambem olhava a infeliz para o lado do Catete...

Os prazeres do mundo foram cedendo pouco a pouco o logar ás exhortações religiosas e espirituas, entretanto a imagem de Emilio jamais se apagou de sua alma, mas estava coberta com um véo, e separada dos gózos terrestres...

Dois annos depois da sua profissão, cahiu de repente perigosamente doente; e esta molestia foi julgada effeito dos seus internos soffrimentos. Encostava-se todos os dias a uma janella, que dava sobre o Botafogo, e ali suspirava, vendo o largo do Valdetario, lugar do seu *primeiro amor*; uma lagrima cahia-lhe ainda, e regava o quarto; felizmente penou poucos dias suas dôres, e a eternidade breve reclamou-a....

N'esta mesma tarde Emilio ricamente vestido subia as escadas de uma portestade da epocha a levar-lhe um requerimento.

P. S.

UMA PAIXÃO DE ARTISTA.

Romance.

Dansava-se na sala grande. Uma multidão immensa abalroava-se por toda a parte. O som da musica, o sussurro desigual dos passos, o echo de algumas palavras perdidas, formavam um espectáculo encantador. Entre a multidão figuravam certas pessoas, sempre risonhas e alegres, que não tomam parte no divertimento, e que entretanto melhor o disfructam. Esses egoistas davam-se o braço, passeavam de um lado para outro, tudo viam, e tudo criticavam; gente inutil, que melhor fora abster-se de bailes.

Eu dansava tambem; era meu par a mais formosa, e folgasona donzella, que ali se achava! Em torno de nós formou-se um circulo de curiosos, que nada faziam senão admirar a ligeireza, e graça, com que ella dansava. Cada um se esforçava em diser-lhe uma finese, em mere-

cer-lhe um sorriso, em arrancar-lhe uma palavra. Era mal feito, eu o confesso, mas que querem? Quem pode furtar-se ao prazer de ver, de ouvir, e de admirar uma bella donzella?... E eu estava possuido de um certo orgulho, de uma tal vangloria, que á nada prestava attenção.

E de repente vem-me arrancar á essa doce illusão um maldito suspiro, que parecia escapar-se de um peito profundamente magoado. Eu daria então minha vida, para que se não quebrasse o meu encanto!... Tal impressão causou-me aquelle suspiro que olhei para traz de mim, e procurei descobrir quem o havia soltado. Era um mancebo, de bella estatura, elegantemente vestido; sua phisionomia denotava um certo sofrimento interno, exprimia tanta melancholia que desde aquelle momento lhe ganhou a minha sympathia.

Enquanto o observava, esqueci-me da dança; mas o meu par teve tanta bondade, que me accordou do letargo, em que parecia ter cahido.

— E algum apaixonado dizia commigo, algum amante desditoso, que lamenta a sua sorte: porem ella é tão bella, deve ter tantos adoradores, que será impossivel que aquelle infeliz mereça a mais leve attenção. — E ainda que temerario, foi verdadeiro o meu juizo, porque elle a amava com uma paixão de doudo....

— Acabou-se enfim, que pena? — Exclama um gordo Deputado do Norte, que pertencia ao grupo, que nos cercava, e que progressivamente se havia augmentado. — Como é feliz aquelle Doutor, grita do canto um velho militar, ainda apreciador das bellas cousas. — E começamos á passear pela sala, sem prestar attenção á essas e outras fineseas. E á nosso lado estava sempre o tal mancebo; não nos deixava, não nos perdia de vista: que força de paixão!... E eu não deixava de desejar a sua prosperidade, pois que já sympathisava com elle... mas isso não estava em mim.

Verdade é que ella tinha um corpo de anjo; que bem feito de corpo!... Ingenuamente o confesso, nunca vi tanta perfeição. Eram os pés lindos, pequeninos... tinham as mãos mais finas, mais delicadas, do que as de Venus de Canova... uma phisionomia alegre, expressiva, animada, espirituosa... estava desenhada no seu rosto tanta candura, tanta graça!... Os olhos mais brilhavam do que duas estrellas no meio de um Ceo azulado... eram de cor azul celeste, e tinham entretanto a força de abrasar todos os corações... com que velocidade giravam elles pela sala!... Seus labios se assemelhavam á uma rosa apenas desa-

brochando, e já com seu aroma perfumando a athmosphera... Seus cabellos loiro-castanhos estavam arranjados com uma rara simplicidade, cahindo em largas tranças sobre as duas fontes, e isso mesmo realçava sua formosura, adornava-a com novos encantos. Emfim não posso crêr, que haja objecto mais perfeito, mais formoso, mais sublime sobre a terra.

Era Fluminense, e chamava-se Fortunata.

Passaram-se alguns mezes; e durante esse tempo eu travei conhecimento com aquelle mancebo, que no baile do Catette tão ternamente olhára para Fortunata. Elle chamava-se Egidio; pertencia á uma familia honrada, tinha boas amizades. Não se podia dizer que fosse uma perfeição em belleza; era homem, e os homens são todos iguaes; tinha excellentes maneiras, bom modo, comportamento exemplar; mas era artista, e pobre.

Sabeis vós o que é um ARTISTA? Eu vou descrever-vos esse ente, tão mal apreciado no nosso paiz, e que entretanto pertence á gloria, e á immortalidade. O artista é aquelle, que dotado de uma scintella divina, revela em todas as suas produções uma justa admiração por tudo quanto é bello, por tudo o que é grande; foi no berço privilegiado com o dom do genio, que o eterno com poucos partilha; sua vida é o enthusiasmo, seus sonhos são de amor, suas esperanças são de gloria. Nasce, vive, e morre n'essa athmosphera de encantos, e de illusões.... um sentimento nobre, profundo pelo Creador do Universo, o animo, o vivifica e o sustenta no meio d'esses combattes mesquinhos, d'essas luctas despreziveis, que move o mundo contra elle. O artista é o homem da natureza, do progresso, e da posteridade. Vede Raphael; notai Miguel Angelo, Corregio, David; foram todos artistas; e eis o que era o meu amigo Egidio.

Um dia vou visita-lo; recebe-me affavelmente, e faz-me entrar para o seu gabinete de trabalho. Era uma especie de Salla muito clara, com frestas pela parede, para deixar penetrar a luz; em torno estavam muitos quadros de sua composição. Não pude sustenter-me, e pedi-lhe licença para percorre-los: annuo á isso, e até deu-se ao trabalho de tudo explicar-me. Qual foi o meu espanto, quando em um d'elles vi o retrato do meu par, da bella Fortunata!... — Pois deveras a amas? lhe perguntei — Si a amo!.. me responde elle, oh! meu amigo, si a amo!.. Pois pensas que uma paixão de artista seja leviana, e mudavel, como a de

qualquer homem? Eu a amo como o mais perfeito modelo de belleza, eu a adoro, como si fôra uma divindade. Minha vida por ella é pouca cousa, dava-lhe a gloria, a immortalidade, que me pudessem prover de minhas obras. — Reparei no retrato, e fiquei como que extasiado diante d'elle. Eram aquellas mesmas feições delicadas, aquelle mesmo sorriso angelico, aquelle olhar de fogo da formosa donzella: conservava até no peito um ramo de flores, que ella trouxera no baile. Estava á seus pés plantado um jacinto; perguntei-lhe a razão; respondeu-me o meu amigo, que na Europa sobre o tumulto das donzellas se costumava lançar aquellas flores; e que sua esperança sendo bella como uma donzella, e triste como um jacinto, elle o collocára aos pés d'aquella, á quem o ligára a adoração.

Que feliz donzella era Fortunata!.. Seu nome passaria á posteridade, a fama de sua belleza sobreviveria á ella..... O retrato havia sido tirado por mão de mestre, esboçado pelo genio, maravilhosamente executado; era digno de um anjo, e ella o merecia, pois que era um Anjo!!..

E todos os dias aquelle infeliz artista ajoelhava-se diante do retrato, admirava-o, corrigia-lhe o menor defeito, que por acaso encontrasse. Si elle era a sua vida, segundo elle mesmo confessava!.. Já não tinha Pai, nem Mãe; apenas restavam-lhe duas irmãs casadas, á quem elle até então applicara todos os seus cuidados, todos os seus disvellos; e o amor, que nutria seu peito, tornava-se a consolação, a alegria de seus dias: entregou-se portanto á elle todo inteiro....

Era pobre, vivia portanto com uma estricte economia; mas guardava certa somma, que despedia com o seu accio, para apparecer nos bailes.... parece mal sem duvida, que elle assim obrasse.... mas que podia o meu amigo fazer, si elle só encontrava um instante da ventura, quando via Fortunata?... Por ella ia elle aos bailes, e não por gostar de taes divertimentos! Como pois não será desculpado? E ainda mais, como, á vista de uma tal paixão, de seus dolorosos effeitos, de seus soffrimentos internos, não será elle digno de piedade, e talvez mesmo de amor?

Vivia pois com a lembrança d'ella.

Eu não sei, si ella o amava; o meu amigo Egydio tambem o ignorava, por que... coitado! nunca ousou fallar-lhe. Approximou-se mil vezes d'ella, esforçava-se em dizer-lhe uma fínese, mas essa fínese morria-lhe nos labios; elle temia que se

quebrasse o seu encanto, estremecia ao pensar que não fosse correspondido, e essa idéa o fazia recuar. —

— Esperemos, dizia elle consigo, e algum dia, quando ella tiver notado a minha adoração, então ousemos fallar-lhe... no entanto o amor fumeja no meu coração, ainda resta-lhe uma esperança.... talvez se não realize.... paciencia.... mas não a murchemos já. —

Uma vez.... foi no baile dos Extrangeiros; estava commigo Fortunata; eu a havia collocado em posição, que podesse ser bem vista, bem admirada por meu amigo... e elle... nem um dos seus movimentos perdia... tinha os olhos n'ella pregados.. não respirava.. por que temia que lhe escapasse a menor palavra, o mais ligeiro movimento.... Eu tive pena d'elle, e uma lagrima desprendeuse de meus olhos.... ella percebeu-a, e perguntou-me por quem chorava.. eu não lhe pude responder, promettendo-lhe entretanto que lh'o confessaria em outra occasião, mas pedi-lhe que me cedesse uma das rosas, que tinha nas mãos, e que tão bello aroma exhalavam... deu-ma... Egydio conheceu tudo, e estremeceu... a rosa era para elle.... como me devia ser obrigado!

Essa rosa ainda que marcha, e já seu perfume, foi entretanto por elle conservada, como um filho guarda o presente de sua Mãe....

Suas irmãs, ignorando o motivo d'esse estado desgraçado, em que estava Egydio, duramente se queixavam; elle lhes parecia desconhecido, inteiramente mudado; já não as procurava, não as visitava, quasi que não lhes fallava.... onde havia elle deixado aquella alegria da mocidade, aquelle espirito, que tanto o fazia estimar nas sociedades?... Si me não affirmassem, que o meu amigo Egydio tinha sido muito jovial, brincador, e divertido, decerto que eu não o crêra, por que bem methamorphoseado estava então!..

De repente corge uma noticia; dizia-se que Fortunata devia breve casar-se com um mancebo rico, pertencente á uma família nobre; que os futuros esposos muito bem se combinavam nos seus sentimentos, nos seus desejos, e nas suas esperanças. Todos felicitavam-se com tal noticia, elogiavam os noivos, accrescentando, que união mais perfeita se não podia formar!..

E eu, pensando que si avisasse ao meu amigo, si lhe desse tal noticia, lhe faria grande serviço, apenas fui d'ella informado, dirigi-me á sua casa, e encontrei-o á beijar aquella rosa, á aperta-la sobre o peito, á admirá-la, e de quando em quando

ajoelhando-se diante do retrato da bella donzella.... as lagrimas humedeciam-lhe as faces; o pranto, cahido em jorro, causava tanto dó!..

— Coragem, amigo, lhe disse eu, coragem e resignação!.. A vida foi-nos dada como sacrificio, em outra parte receberemos a recompensa de nossos trabalhos!.. Coragem, Egydio; tenho uma triste nova á dar-te, espero que saibas resignar-te á tua sorte, que saibas ser homem!.. — E contei-lhe tudo.

Oh! Como empallideceu elle!.. Seus olhos pareciam querer sahir fóra das suas orbitas; estremeceu por vezes, quasi que desmaiou. Depois de alguns momentos de silencio, em que eu o observava, e elle tremia... disse-me com um socego concentrado... dando folgas ao pranto.. entre soluços e suspiros — Eu saberei ter coragem.... já me havia preparado... o remedio eu o tenho.... — E aqui um riso sardonico salpicou-lhe os labios, e cahio por terra sem sentidos....

Eu bem vos disse que era uma paixão de doudo.

Decorreram alguns dias, e o meu amigo, desde aquelle momento, não se levantou do leito; uma febre perniciosa o havia atacado. Um dia achava-se melhor, recobrou até a alegria; e eu o admirei... Quiz por força saber noticias de Fortunata, e um impudente ousou contar-lhe que no dia seguinte se casava. — Receben a noticia com socego; conversou todo o dia, e passou uma excellente noite.

Levantou-se com effeito na manhã seguinte. — Vamos gosar, dizia elle, do fresco da madrugada, vamos ver quem sabe si pela ultima vez, esse brilhante bairro do Gaiette, essas arvores frondosas das Larangeiras, a praia elegante do Bottafogo, o Ceo magestoso da minha Patria. — Eu o acompanhei.

Mostrou-se alegre, e jovial; passámos pela casa de Fortunata; um grande numero de carruagens entopiu a passagem; eram sem duvida os convidados, que vinham assistir ao seu casamento. Egydio não se mostrou sentido, nem penalizado. Chegamos ao Bottafogo, eahi nos demorámos toda a manhã.

— Como é bello este paiz! Me dizia elle; recorda-te amigo do golfo de Baía, dos ricos arredores de Naples, ha accaso lá tanto brilhantismo, tanta magnificencia?... Brasil, Brasil, a tua natureza, o teu Céu, a tua posição te prestagiam o mais brilhante futuro!.. E eu não te verei á frente d'essas Nações, dar-lhes as Leys, impor-lhes tuas ordens? Amigo, sabes tu que idéa me vem agora? Lem-

bro-me do suicídio — Do suicídio, clamei eu meio horrorizado? — Sim, continuou elle, eu não tenho as tuas opiniões; penso que o homem tem o direito, e deve livrar-se da carga que lhe pesa sobre os hombros; em vez de crime, intitularci essa acção, acto de valentia. A vida é soffrimento, é dôr continua, pois bem, deixa o homem a vida. Que mal faz elle aos outros, para que elles se opponham? Faz um bem á si, livra-se da vida, que tão curta é de espinhos. Faz um serviço á Deos, por que em vez de o amaldiçoar, e o praguejar, por esse meio se entrega á elle inteiro.... Chatterton não se matou na idade de 17 annos? Corregio não se deixou morrer de dôr? Catão e Bruto não forão en-deosados pela posteridade, por esse feito de heroicidade?

E eu estremecia á cada palavra sua; quizeria interrompe-lo, e não sabia quem me embargava a voz.... Elle assim continuou.

— Vês esta flor, esta rosa já secca; é aquella mesma, que recebeste d'esse Anjo de modestia, e de candura... ainda a guardo, e peço-te de ma collocares, tal qual está, sobre o coração, quando me depositares no sepulcro; eia pois, nós todos somos como esta rosa, o tempo nos secca, e murcha também. — Hoje á mira, e amanhã á ti. —

Eutretanto não posso crêr que Fortunata seja mortal; não me é possível acreditar, que tanta belleza se evapore, tanta formosura se eclipse; lá, á vista do Creador, todos nos reuniremos; assim o espero, porque os Artistas são religiosos e crentes.

— Oh! deixa-me respirar a ultima manhã de minha vida, deixa-me saborear o perfume, que exalam esta terra abençoada, estas flores tão lindas, estas arvores tão frondosas! Adeos oh! natureza!.. Adeos oh! minha amada Patria!.. Quem tal diria!.. A' tres annos ainda eu via o Sena, e o Tíbre roncár a meus pés, e então só sonhava longa vida de prazeres, e de delicias!.. —

Depois de tão melancolicos pensamentos, reganhou pouco á pouco o sossego, e a tranquillidade, e voltámos para sua casa: Egridio deitou-se, e dormio tranquillamente até ás 4 horas da tarde; apenas acordou, pediu uns livros para lêr; e percorreu adrede algumas paginas, principalmente as ultimas: esses livros eram Werther, Nava He ois, René, Lélia, e as cartas de Oris. Depois chamou-me para perto do leito: e assim me fallou.

— Eu agradeço á Deos por me facultar ainda calor, e força nos meus derradeiros momentos. Recebo meu ultimo suspiro, amigo. Eu morro, pensando n'ella.... Fortunata hoje entregou-se á outro homem; eu não posso mais existir no mundo. Si lhe fallares, não lhe contes o que viste, não lhe descubras meu nome, não lhe digas nada á meu respeito. Que ella não saiba que houve no universo uma creatura, que se alimentava com seu alito, que se nutria com sua vista, que vivia com sus lembrança.... A gloria me estava prometida, eu não pude alcança-la: o amor foi

minha perdição... morro sem deixar meu nome, ignorado, desconhecido, e entretanto eu sentia em mim uma voz, que me dizia — Tens genio, serás immortal —... Adeos amigo... Fortunata!... Fortunata!...

E expirou com o nome d'ella nos labios.

FOLHETIM.

RELIGIÃO, AMOR E PÁTRIA.

ROMANCE HISTÓRICO.

PORTE PRIMEIRA. — Coimbra.

I.

O admirável orgão do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra recheava variados e harmoniosos sons, para acompanhar a luctuosa do galo. Estava a igreja magnificamente preparada.

Grupos de luzes brilhavam sobre todos os altares, como se fossem as mil estrelas do firmamento, engastadas na escura e esbelta. O incenso se esparzava das vasos do altar e ouro, e se dirigia directamente ao céu, como hum solenne testemunho da grandeza do homem, como hum manifestação sincera de seu respeito e amor áquella que tudo cria. Hum povo immenso, recheia o templo, e alludia ás sagradas cere-

mónias daquella acto religioso.

Uva nesse espectáculo, que offerecia o templo em tal momento, como que hum alicia divina, que possuía toda

as obras do homem, fragos como elle.

Os olhos de todos levantados para o céu, os joelhos baixados o pé da terra, o pensamento applicado inteiramente em Deus, diz-se-lhe que elles se deixavam guiar por esse sentimento de estupefaccão e de exaltação por tudo quanto he grande, harmonico e misterioso; diz-se-lhe que elles contemplavam aquelle instante toda a grandeza do creador e a sua (regra mude na terra.

E os seus dizes homens, que breve esperavão semelhante espectáculo, que breve se precipitavão ao occupar immenso dos interesses mundanos, outros haviaes que dedicavão sua vida ao serviço do senhor, que dirigia seus pensamentos

á gloria e á vida; homens que, pela gloria e adoração de Deus, não deixavão, desamparados familia, patria, parentes e filhos; encerravão-se entre os muros de hum prisão, e noite e dia, e a todos os horas, e a todos os instantes, com sua imagem se alimentavão, vivão e pretendião morrer. — Eram os monges, habillados de Santa Cruz.

Como devia ser magestosa essa cerimonia, consagrada toda ao anniversario de Jeŕu-Christo, daquella que, com seus martirios, seu sangue e sua vida salvou as dividas dos homems? O povo reunido, a suave e melancolica harmonia do orgão, a missa, as predicas e os cantos dos religiosos, tudo concorria a augmentar sua pompa e magnificencia. E a isto, que já por si era grande, uni a idea de ter sido aquelle mosteiro allucado por Affonso Henriques, e o coro da monarchia portugueza, e que todo o espectáculo se passava em cima dos humulos dos seus primeiros monarchas lusitanos: nessa mesma igreja, a primeira do reino, que guarda nos seus archivos e no seu sancuário os mais preciosos monumentos e as mais santas reliquias de Portugal.

Não dizes que a grande alma de Affonso Henriques presidia a toda essa cerimonia, animava essas physionomias, possedias todas do mesmo pensamento, da mesma idea? — Não dizes que do sepulchro do fundador do reino se levantava a solenne magestade do herde, que vinha agradecer e abençoar seu povo?

Entre os sonhadores, que se preparavão para merecer hum dia o título de conegos regentes de Santa Agnelinha, e que do céu assistio á missa, havia hum jovem, que parecia insensivel ao encanto deste espectáculo. Hum outro Deus, muito diverso daquelle para quem se elevavão os votos de todos, absorvia o seu pensamento: seus olhos não prezavão o céu, preferião em divida ao erador alguma creatura...

Navegavão, nos belos dias da vossa mocidade, huma vaga inspiração, que domina os secullos, e faz desaparecer da reminiscencia aquelles perfumados sonhos d'ouro, que tanto nos apezavão? Não imaginavão nunca hum ente, estijo ou mulher, que atrahia a compulsa, e cerra a seu jogo a vontade e o coração... A tojo p's quattras lica es solido huma eternidade luctiva, de quem sublevaria humu aquina, hum supero, hum olhar... De cuja luctiva

esperanças a terrivel sentença, que deveria decider de vosso futuro — de dores ou prazeres, de esforcimentos ou de viciosa? Ilum deses vices displazares, fracos de vossa imaginação esculhida, que imprime no coração hum traço indelével, que reviva huma quaziada preciosa d'alma, o amor?

Pois bem: isso mesmo sentia, isso mesmo pensava Eu- genio, o servo de que vos faltei. Debaixo do habito de religioso, elle abijava hum coração proprio para amar. — E essa successão de horas e dias, de noites e annos, sempre iguaes e sempre os mesmos: esse silencio de tumulos, essas praticas religiosas, cujo fim e utilidade elle não podia comprehender, esse son mudo e luctivo, que continha e compassadamente vibrava, não haviam conseguindo soffrer no seu peito a paixão que o devorava.

Quando o orgão emudeceu, e cessou o sacrificio divino, o povo todo deu-se ao templo, as lizes se apozelto e os monges se retiravão para suas cellas.

Eugenio, sem poder encontrar o veneno que lhe allucava as magas do coração, e lhe allucava as dores e padecimentos d'alma, viu decorrer instantaneamente a noite, e succeder-lhe o dia, sem que hum só momento de repouso, hum só instante de seccao o vissem acalmar.

II.

— Como está escuro o céu! Como são pallidas estas arvores! Como triste murmura este lago!... E condemnado a ver sempre o mesmo repellido d'agua que se desliza, a mesma sacata que chora, a mesma lucta que suspira, as mesmas arvores que murcheia!... Ferecido a ouvir o som do mullido das lizes, para mim, não tem occasiao, o que, entre tanto, me clama e me gremia! Adeos, oh! passavos que saudavão tão docemente a morte, despedindo-vos asas á liberdade! Adeos, oh! findas murgens do Mondego, bellas flores do bosque! Nunca mais vos verei deslindrocar aos raios da madrugada! Caeis do alto como a alta espuma das mares brancas, brancas como lago... São vossos filhos do que es!

Amim luctiva Eugenio, revolvendo a hum dos seculos do passio, que perto lica do lago da quinta dos Crualos. Ali di- nha elle tinha com outros jovens, seus compatriotas, repa-

das pelo merito dos sonhadores. E, entre ellas, Deos sabe quantos foram os violentados por seus pais e familias, para virem se esforcavão naquella monstrosidade! Deos sabe quantos pensavão como Eugenio; quantos, como elle, profunda e intencionalmente se compo!

He a quinta ou cerca dos Crualos hum das mais bellas e vastas da Europa não só pelo esplendido jardim todo coberto de flores as suas primorosas, senão tambem pelas tribulacoes que dentro guarda, comprehendendo-se neste numero hum lucto vivo de passavos. No fundo da quinta, em hum terreno hum pouco mais elevado, e cercado de hum fagão muro de ruina de cetro, espalhada, junta e cortada, imitando a muralla de hum castello antigo, com arcadas, está o magnifico lago, que rochia huma pequena, mas muito pittoresca illa, onde se erguia huma bellissima luctaveira, asomelhando-se a hum rico lucto no centro de hum mar de ouro. Perto do lago, ao sul de hum pequeno lago de alguns deccas, ha duas lindas terreiras, proprias para ali se requirir livremente o se perfumado das flores e das arvores, e sentir o fresco das vibrações do vento. Esses terreiros são pintados a fresco, e representando as acoes memoravies de Affonso Henriques, e os mais notavies acontecimentos do mosteiro. Entre as pinturas, se hesitava, como mais bella e mais perfeita, a entrada, em Santa Cruz, do fundador da monarchia portugueza, recebido pelo principe D. Prior S. Theonicio.

Estreitando, immensas bellas suas poeiras agudas a luctaveira, cuja inscricao tanto se havia callado, cuja moldura tanto crescia e se augmentava, e que, tendo no coração hum amor em que se cifravão todos os seus desejos e esperanças, só elle podia encontrar illa e ventura, si nelle se prezava e gloria!...

E, quando elle mais se perdia nas suas tristes meditações, acordou o som do mosteiro, chamando a presença dos seus nobres ao estudo e á pratica religiosa. Ao ouvir-lhe, não pôde Eugenio resistir hum suspiro que do mais intimo d'alma partia... Elle emudeceu mil vezes os seus olhos, cujo vis lucto desgradavel luctava sempre, e agora mais que nunca.

Oh! que differença não havia entre esse monumento, e os seus templos passados: entre este sem muros e tribulações, e a que que mais era, em jardins de dor e de miseria, o re-

cantava por tal modo com sua melodia, com suas dozes modulações, que o sofrimento se lhe esvacia, e a tranquillidade e o sossego o procuravam! Voz fresca e pura que fazia vibrar todas as cordas d'alma, harmonica e suave, como o suspiro de hum espirito retesado!

Como lhe bateu o coração naquelle momento! Como desappareceu-lhe do pensamento toda a vida que podia ligar-lo á vida, que podia offereir-lhe esperanças consoladoras!... Para que veio aquelle sino augmentar-lhe seus martírios, já tão grandes e profundos?

A branda viragoão affogava mollemente as folhas dos carvalhos, e ellas, como que querendo acompanhá-lo na sua dor, precipitavão-se dos galhos, e formavam com sua queda hum triste murmuro, que se assemelhava ao gemitto de algum ente infeliz em transe arrastado...

Os outros novinhos passeavam...

O bom mestre, entretanto, homem de virtudes austeras e de puras intenções, descobrio que alguma dor padecia Eugenio, e aproximou-se d'elle.

Eugenio tinha abalizado a cabeça, e a ecclimasia entre suas mãos, para recluir os olhos de seus companheiros o espectáculo de suas lagrimas, que a jorras se despendiam.

O velho contemplou-o silenciosamente e por alguns momentos, e, de oit, com a franqueza e a cordialidade que são o apuramento das almas grandes, assim lhe fallou, batendo-lhe no hombro, como para acordá-lo do letargo em que se achava.

— Tu choras, filho? Qual tua dor?

— Eu! respondo-lhe o joven, balbuciando, tremendo e engasgando: eu não sei, mestre.

— Tens saudades dos prazeres mundanos? continuou o velho; via, conta-me tudo, nada me encubras. Se tua vocação te não chama para o serviço do Senhor, se lacos terrestres te prendem... diz o... procurarei consolar-te!

Tanta cordialidade da parte do mestre dos novinhos fez calar a seus pés o infeliz Eugenio.

— Vossa bondade, disse-lhe o joven todo banhado em lagrimas, vossa bondade me mata! Como conseguirei nunca comtente-me o que sinto e o que soffro?

O mestre prestou-lhe então todas aquellas consolações de

que elle parecia necessitar; animou-o com o exemplo de suas virtudes, e o induziu a confundir-lhe suas dores.

Eugenio, ganhando alguma coragem, e, entristecido, meio envergonhado, disse-lhe, abaixando os olhos á terra:

— Meu mal provém de que não nasci para o convento, e que fui forçado por meus pais a entrar para elle. Meu mal provém de que aqui dentro — perdido, mestre — neste coração, em sinto humma força que me impelle para o mundo... — Amor, talvez! — interrompeu-o o velho, com hum sorriso melancólico.

— Oh! Sim... amor... continuou o joven... Semelhante paixão he minha desventura... A não ser ella — eu me curvava á vontade de meus pais, tudo veneria, tudo conseguia fazer calar, mas o meu amor he tão forte, tão profundo, que eu já não tenho pensamentos, que sejo meus; alma, que seja minha; vida, que me pertença... Não posso resistir-lhe, antes a morte!...

— Se assim he, degraçado! — torna-lhe o bom mestre — deixa o serviço de Deus, não profanas nossa nobre missão. Deus he grande, e não quer sacrificios acima de nossas forças. Deixa esse habito!

As im como, no meio de humma tempestade, arma-se repentinamente hum influxo de ventos contrarios, que se desentendia de todos os lados, combatem-lhe contra os outros, tudo assolado e estragado, assim sentiu Eugenio lutar com força seu peito, e com a violencia da paixão quasi quebrar-se...

— Eu amo: em amo: sim, amo, e desesperadamente! — exclamou-lhe elle: — este amor me levará ao humilde... He já muito tarde, porém, para seguir vosso conselho!

E estas palavras foram pronunciadas com hum dor tão profunda, com tal desesperação, com auras tão duras e agudas, que, para sustentar o joven, que he caído, foi mister que o velho o deixasse em seus braços.

— Como muito tarde! — docemente lhe disse o mestre: — pois, não és ainda novinho?

— Sim, eu o sou ainda hoje, mas minha dor arde de si-lo! E precipitouse nos braços do mestre, balbuciando estas palavras.

— Mancebo! mancebo! — disse consigo o velho. — como vos fazeis a vós mesmos desgraçados!

III.

Desde as primeiras horas do dia que doberião a defunctos os sinos do mosteiro de Santa Cruz. O eco funebre e sóto repercutia ao longe pelas campinas que rodeião a cidade, e que lambião as aguas crystallinas do Mondego. Os camponeses deixavão suas troupas, os habitantes da cidade, suas casas, e como que humma indelével atracção a todos levava, para assistirem ao espectáculo da profusão de hum novinho, que preparavão os conegos regantes de Santo Agostinho. A manhã era alegre, e o dia allucava mui-la.

O valle encantador que em torno do Mondego se desliza, desde as portas de Coimbra, até ir morrer nas praias da Figueira, mudava-se com flores, que unido ao mais perfêllo aroma as cores as mais deliciosas. Dir-se-ia que a natureza quizerá alli realisar todas as inspirações da poesia, todos os vãos da imaginação, os sonhos do espirito, as mil maravilhas de humma simpliciterna primavera. Os lírios agitavão suas brandas flores, tão contêntes, como as ondas do mar, quando se debrição pelas praias, brancas, salias, e, depois de imprimirem na areia hum beijo de amor, retrocedem, murmurando de prazer. A acacia balanceava suas flores coloridas, tão livres, como o vento que sopra, tão bellas, como a aurora da esperança e da ventura. Xil outras flores alegres e folgasas brincavão no valle, e sorriso á brisa que docemente as allugava; e, como hum pensamento profundo da sciencia, comovendo todas as facilidades do prazer, se erguia, por entre as flores, por entre as arvores, o magistoso cypreste, elevando seus gallos acima de tudo.

O Mondego, immortalizado pelo mais suave e melancolico dos vãos modernos, deitado em hum leito de areia fina, límpida e purissima, correndo suas aguas através de tão magosa campina, até ir entregar-las nos braços do oceano, parecia hum chito suspirado, que, por acaso, balbuciando, tivesse aludido sobre hum rio lapide do oriente a mais bella das odaliscas do serrallho.

No centro, e em cima de humma collina elevada, está situada a antiga capital da Lusitania, mostrando nos olhos do viajor estrangeiro innumeráveis conventos, mil annos depois humma sobre as cinzas, e como em amplexos. O

grande edificio da universidade, antiga residencia dos monarchas portuguezes, furando os ares com suas torres gigantes, parece coroar a cidade, ou, para melhor dizer, assemella-se á aureola do genio da sciencia, que immortalisa Coimbra, ao apio da guarda que vigia a planície, a humma amorosa que inspira o Mondego.

E, no dia 6 de julho de 1827, como hum povo immenso atravessava a campina, e passava a celebre ponte do rio, edificada, principalmente, por Alfonso Henriques, e reedificada, depois, por D. Manuel o afortunado; como as ruas da cidade, e principalmente a de Santa Sophia, estavão apinhoadas de gente, que toda se dirigia para o mosteiro de Santa Cruz, milagres bellezas offerevia o paiz, encantos maiores sobresalho...

Os dúbres fimbres dos sinos denunciavão humma cerimonia que, pela sua pompa e magnificencia, pelas variadas circumstancias que a acompanhavão, em extremo exaltava a curiosidade de todos os habitantes de Coimbra e dos seus arredores, e os atraia ao templo.

Quando, nos tempos do heroismo grego, para applicar os deuses avidos de sangue, se conduzia ante os altares os mais formosos jovens, ornados com fias perfumados todos, queas suas e puras ocellas, e ali, no meio das ceremonias o orações religiosas, os sacrificavão, ainda que esse dogma religioso fosse por todos approvado, adoptado e praticado; ainda que as crengas e opiniões livresse favoráveis, contudo, coração refulum materno havia que se não sensibilisasse profundamente, honnem nenhum deixava de sentir apertado de dor sua alma, e as doncellas as mais castas, entre soluços e suspiros secretos, deslizião lagrimas fortissimas, dizendo consigo todos: como são barbaros estes deuses!

E, nos tempos luminosos do christianismo, quando humma religião pura e santa rege as nossas acções, dirige nossos pensamentos e proclama o amor entre os humanos, como o apogeo da gloria, custa a crer que homens bairão, que não tirão a vida, não, mas que murclão todas as folhas de suas arvores, todos os seus prazeres, todas as suas dhas. — Hum vez de arrastar-nos a existencia, arrancão-nos ao mundo; e o que he a vida sem mundo? O que he a existencia sem este variado espectáculo do universo?

P. B.
(Continuar-se-ha.)

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

227702222.

Eugenio, sustido por dous monges, e avançando para o altar com hum passo tremulo e mal seguro, parecia huma victima da antiguidade, levada para o terrivel sacrificio, em honra dos deuses, ou hum criminoso que marcha para o cadafalso.

Apenas chegou ao lugar, aonde de joelhos devia proferir, o movimento que fez para curvar-se pareceu mais instinctivo, e talvez forçado, do que natural e de mouto proprio.

O povo, que no templo reunido se achava, notou este movimento, e deu logo indícios de tambem soffrer. Todos não, por effeito, sem duvida, dessa secreta sympathia que inspira sempre a desdite, todos pôs facilmente percebermos o que de extraordinario se passa na alma de algum infeliz... todos nós partilhámos suas dores, e quereíamos faz-las desaparecer.

Os religiosos cantavam em côro alguns psalmos em honra do creador: e Eugenio, com os olhos em terra, postas as mãos e o peito fortemente comprimido entre seus braços, mais insinuado parecia do que as estatuas de marmore que adornam o templo. Solemne immobildade! Terrivel e engasgador sopro do vultado, que breve despejará lavas de fogo!

Chegou o instante fatal. O sacerdote aproxima-se de Eugenio, trazendo todas as insignias que, apenas o revelarem, não lhe permitirão dizer mais, tenho hum coração e huma vontade, seguem-se as supplicas e as rezas do costume, a que todos attendem com essa calma precursora de algum acontecimento extraordinario, com o vago presentimento de alguma coisa que deva acontecer. O órgão repousa então com vozes dolorosas e sentimentaes. O órgão clama a religião aos peitos de todos, infundindo-lhes n' alma o respeito e a melancolia.

(*) Vê-se Jornal do Commercio de 13 de março.

—Mancebo, diz-lhe o sacerdote, com voz forte e sonora, queres ser tão pobre como aquelle, que não teve se quer hum pequeno canio, onde posar a cabeça? Queres ser tão obediente como aquelle, que com tanta resignação obedeceu, que com a cruz foi infamado? Queres ser tão casto como aquelle, que concebeu sem peccado?

Esta pergunta foi tres vezes repetida.

O novito levantou-se então, fazendo hum ultimo esforço, e orgulhosamente olhou para todos os lados do templo, como para dissilar o mundo a olha-lo, como para mostrar-lhe que elle contente lhe preferia Deos.

Mas, de repente seus olhos escurteceram-se, seus joelhos tremberam, seu espirito perdeu-se, e pallido, no accesso do delirio, deixou escapar de seu peito, que com força batia, hum sonoro e terrivel — não — ás perguntas do sacerdote...

E cahio sem sentidos...

Tertio seus olhos encontrado algum?

IV.

Ao occidente da cidade de Coimbra, e á margem esquerda do Mondego, existem perdidas e espalhadas humas velhas e grandiosas ruínas que restão do famoso convento de Santa Clara. Perto dellas está a quinta da Lagrima, celebre pela morte que ali deitou os perversos conselheiros de Alfonso IV á infeliz Ifigenia de Castro. Que homens serão esses, a quem as supplicas da mais formosa senhora, as vozes de huma mãe que pede por seus filhos, os gritos de huma esposa auctue daquelle que a devia proteger, não poderão desarmar o braço que sustinha o terrivel punhal com que lhe atravessaria o mimoso peito?

Nessa quinta, Pedro, o justieiro, passava seus instantes de amargura e de saudade, lembrando-se, no uicio do esplendor da purpura, da morte cruel de sua amante. D'allí foi elle a Alcobaca com seus nobres e povo, para render ao cadaver já carcomido de Ifigenia as honras devidas á rainha de Portugal. D'allí foi elle ver arrancar os corações dos assassinos de sua esposa, e trancá-los com seus proprios dentes! — Vinhara terrivel, digna porém da grandeza de tars amores!

Que idéas grandes que revela essa quinta!... O acontecimento mais triste e romantico da historia dos nossos antepassados succedeu naquella lugar. A historia proclamou a sua veracidade, e o causor das Lusiadas, o infeliz Luis de Camões, deu-lhe a gloria e a immortalidade!...

Perto de hum círculo de cedros, tão antigos como a monarchia portugueza, e que existem ao lado da quinta das Lagrimas, se deitava, como hum mundo de azul, a effumada (ante

dos amores. Em hum marmore ali collocado pelo general inglis Trani, lê-se os seguintes versos das Lusiadas:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo, chorando, memorário;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformára.
O nome lhe pôzêro, que ainda dura
Dous amores de Ifigenia, que ali passára,
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, e o nome amores.

Nessa fonte nasceu huma especie de musgo encarnado, que floresce e medra, humedecido pelas suas aguas, que sobre elle murmurando se precipita; huma amiga tradição, que ainda hoje dura, conta que he o sangue da bella Ifigenia de Castro, que, selpicando aquelle lugar, envermelecceu o musgo, e lhe deu eternamente sua cor.

Por ali passava Eugenio, huma tarde, depois da sua saída do mosteiro de Santa Cruz. E, em vez de alegrar-se, por ver de novo aquellos lugares tão agradaveis, que, por espaço de hum anno que durou o seu noviciado, foram prohibidos a seus olhos; em vez de respirar, livre e contente, a aura da liberdade, seu semblante indicava huma dor profunda.

Elle estava só. Seu pai, desesperado pela sua requingancia em pertencer ao mosteiro, o havia lançado para fora de sua casa, e, o que mais sentiu hum homem de bem, o tinha amaldiçoado!

Elle se encaminhou para a fonte dos amores, ali sentou-se e deu liberdade a seus pensamentos.

Enfado, como hum destes genios das florestas, como hum anjo escapado do paraizo e perdido na terra, veio para elle aproximando hum donzella, linda e formosa como hum sonho de poeta, como huma inspiração de artista.

— Anjo do céu, clamou-lhe Eugenio, levantando-se precipadamente e lido a seu encontro. Só tu... oh! só tu não vivo senão por ti, eu não vejo senão a ti no mundo... Meu horizonte além não va...
E ella o encutava com amor...

— Só tu te lembraste de mim, continou elle, e hum pai habuero amaldiçoou-me! Vós bem!... Se queres viver, eu viverêi, se queres morrer, eu morrerêi, porque meu corpo não he mais que a sombra do teu, minha vida o re-

flecto da tua!... Palácio, choupana, umulo, que me importa!... Tudo na terra será para mim côo e paraizo, se consentes que tua voz resde sempre perto da minha, que meus olhos se perçao sempre na presença dos teus!...

Os dous amantes procurário, então, nos braços hum do outro, milgar-se mutuamente as dôres. Seus pais os quizerão separar, mas, essa mesma dura vontade havia ainda mais estreitado os laços que ja os prendião, havia dado novas forças á sua paixão, coragem e resignação ao amor que ambos nutrião. Hum parente de Isabel, que desesperadamente a amava, e que em troca de carinhos recebia desprezos, havia muito cooperado para marcar huma linha de ferro entre o amor della e o de Eugenio. Elle pretendia que nenhuma união era entre elles possivel, porque Eugenio, desmentindo todas as esperanças de sua familia, desobedecendo as ordens paternas, havia recusado professar, e o mundo dava como causa deste acontecimento a paixão que o excoviço de Santa Cruz consagrava a Isabel; e o escandalo do acto da profusão consultava huma nodos indelevel, de que nunca conseguia lavar-se toda a sua familia. Além disso, o estado presente de Eugenio, longe de seus parentes, que o não querião ver, entregue a si e á sua incperencia de joven, amaldiçoado por seu pai, sem bens, sem fortuna, tudo era muito ponderoso para reforçar sua opinião. E os pais de Isabel, que tinham por dogmas do Evangelho as palavras desse homem, e com quem a pretendido unir, adoplário os meios, por elle lumbreados, para obstar a progressão do seu amor.

Que importa! A paixão era mais forte que o dever. Isabel desaliendeu as palavras de seu pai, e deixou-se guiar por essa embriaguez dos sentidos e d' alma, que clama — amor! — embriaguez profunda, em que, a hum tempo e de hum na vez, mergulho e perdem-se todas as reminiscencias, dôres, desejos e razão. Elle tudo daria por ella, sangue, dôres, parentis, mundo... não viu senão hum objecto, elle, não pensou senão em hum ente, sempre elle.

Que importa a elles, quando se entregam a livre expansão de seu amor, que nuvens cobriem o horizonte, negras e furiosas, como phantasmas perseguidos pela colera divina, alegres e tranquillias, como os navios que mansamente seguem o seu rumo? Nem essas mesmas bellizas da terra valião como alguma para elles, a não reflectirem a imagem de hum e de outro, o esboço de seus amores.

P. B.

(Continuar-se-ha.)

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANUS UNIVERSITY,

— Se não fora o fogo que por ti me abraça, dizia-lhe elle, apertando-a em seus braços, de certo que a vida me seria de pero insupportavel . . . de certo que o suicidio della me livraria! . . .

E na sua exaltação amorosa, e em despeito das paixões diversas que germinado em sua alma, viver com ella incorpito, no seio das floresas e pueiros, seria o apogeo da felicidade. Já, em presença de todas as maravilhas de humia natureza rica, abundante e primorosa, elle querevia passar inalteradamente sua vida, como hum hymno eterno, hum holo-custo infantil!

Então puras ilusões da mocidade, e o mundo e a experiência que *o* digo! Variável, como o universo, he a criação sujeita a mil diversas mudanças, a infinitas modificações.

A tarde ia morrendo, e já a lua subia no firmamento, porém, ainda tão pallida, como a lampada sequestral que allumia o cadáver...

— Aqui, disse Eugênio, aqui mesmo, no lugar em que estamos sentados, entre dois sujeitos, escaparão dos lábios de Ivo de Castro estas duas palavras do céu e do inferno: —
em te amo!

E as mãos da donzella correrão a cobrir seu rosto, que envermelhiera ao ouvir estas palavras. Nesse momento, a expressão do seu poder eclipsou tudo quanto possa admirar-se no mundo...

(*) Vide Jornal do Commercio de 12 e 13 de março.

O murmúrio da fonte, o canto de hum rouxinol que perto estava pensado, e o movimento das folhas que balauçavam com o vento, foi tudo o que se ouviu naquella instante!...

A

A guerra civil tinha rebentado em Portugal. D. Miguel, o Nero moderno, havia calcado aos pés a carta constitucional, dada por seu augusto irmão aos Portuguezes, e se declarara rei absoluto. Ainda fresca e presente a todos era a reminiscência do assassinato do Marquez de Loulé, e do envenenamento de D. João VI, e entretanto, o resco de lums de ficar Portugal colonia do Brasil, se reconhecessem como rainha a filha do imperador; a esperança de outros, de que D. D. Miguel, apenas rei, lançaria lums espesso vico sobre seu generoso e sanguinario passado, e, recordando-se da gloria de seus antepassados, da virtude de seus avós de Bragança, de luma vez se corrigiria; e enfim, a ambicao daquelles Portuguezes, sem fi, sem honra, sem poder, sem esse trono, que repuladrecta com luma gloria, a cluigr esse diadema, ou circuncidado se achavio os lousos gub-ernos da Asia, a descoberta da America, e as victorias obtidas contra os Mouros e Caselhanos. Prostruicao do espirito humano! Vergonha eterna a esses que se liao peijarao em pular pelo governo de luma fillo assassino de seu pai, do luum monarca assassino de seu povo! Maldicao eterna sobre aquellos que, com as armas ou com a pena, o abduciendo e sustenitendo! . . .

Formou-se em Coimbra uma sociedade de portugueses sonhadores, amigos de sua pátria e da liberdade. Elles declarão guerra ao Avesso, oão ao despotismo, e organisão hum bathão sagrado, como o de Thelmas antiga. Os estudantes, jovens cheios de entusiasmo e de amor, esperança da pátria, das sciencias e das artes, retribuição e quotidianamente, para fazer parte dos defensores da pátria, para unirem seus destinos ao della, por ella lutarão até a última gota de sangue, com ella vencerão ou cairão.

Erguei-vos, vós, manueiros, já que os velhos dormem o sono da indiferença pelos destinos da pátria! Erguei-vos, valentes e bravos, empunhai a espada, combated pelo liberdade, já que em vossa veia gira o mais nobre sangue, já que em vossos peitos late a mais sagrada paixão, já que em vossos cerebros germina a mais bella idea! Erguei-vos, outros que se deixam garrotar em suas casas, assenar em seus leitos! . . . Vós tendes entusiasmo por tudo quanto he grande, e o entusiasmo he força, he valor. Vós tendes coragem para bem cumprir huma missão, e a vossa he a de salvar a pátria, de defender a liberdade, os direitos, os fofos e as garantias de hum povo!

Erguei-vos, mancebos!

O partido do infante organizou-se também; nelle figurava toda a baixa classe da sociedade que, não tendo que perder, admirava com ciúme as riquezas alheias, e se preparava para hum dia chamar-las suas.

Antonio Gonçalves, o parente de Isabel, de que já vos falei, entrelinha relações de amizade com o chefe do partido usurpador. Ambos, nutrido as mesmas paixões, alimentando os mesmos vícios, possuído da mesma sede de sangue e de riquezas, alisando-se debaixo das mesmas bandeiras políticas.

Eugênio, porém, ao princípio, não quis ligar-se a partido algum. Contente de amar e de ver correr seus dias doce e alegremente nos braços daquela que lhe prendeu o coração, desprezando como que não fuisse parte de sua família, embora compreendido vivesse de seu pai, o amor bastava para espargir flores sobre sua existência, perfumar a estrada que ele devia percorrer, e dar-lhe a mão e ventura que ambicionava.

Mas, assim como amor vence a religião, a pátria venceu ele. Que carvão haveria no mundo, cuja sua tão pouco logo patriótico abrança que, em presença da luz que se levanta em Portugal, não olvidasse seu sentimento apátrida, sua alma de amor, tão diversa de parte considerada das manipulações, do certo egoísmo, e corrente à arma? Que homem seria esse a quem pouco importassem o destino da pátria, sua revolução, o seu futuro, o seu destino?

nascera? Eugénio correu a pertencer à sociedade dos Jardineiros de Coimbra.

Os partidos deira começaram as hostilidades. As associações cometi-se todos os dias, à luz do sol, à vista dos homens. A anarquia celava as mais respeitáveis cabeças; a desordem era geral em Coimbra e em algumas cidades mais do reino. Como que humna verigem cobria esses homens, que assim se sacrificavam sem interesse seu e do país.

Era o partido dos constitucionais que quotidianamente perdia seus melhores atletas aos punhas dos salteadores, que se intitulavam — defensores do trono e do altar.

A's noites, bandos de assassinos percorrião as ruas, andando em choro o hynno do seu rei.

A'vante, Miguel,
Não ha que temer ;
Os braços são nossos,
He vosso o poder.

Por vós, por a patria,
O sangue daremos;
Por gloria so temos
Vencer ou morrer.

E aqueles que não queriam unir suas vozes ao grito desentreado de seus homens — infelizes — o magne lhes não perdoava por muito tempo nas veias!...

Chegou, enfim, o momento da luta geral... Cruzado-se os ferros em campo...

A's armas, ó Lusos!
O ferro empunhemos;
Mas lá c'ò a carta
Ao trono elevemos.

Combater e sofrer por uma tão bela e santa causa não era acaso a maior das glórias? Victórios, que renome! Vendido, que lágrimas a seus infortúnios! Vencedor ou vencido, sempre havia alguma coisa digna das almas generosas, o prazer do triunfo ou as delícias do martírio!

P. B.
(Continued on back.)

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANÇO DE

VI.

Era noite. Isabel estava no seu apertado, triste e pensativa. A sorte dos combatentes ainda se não havia decidido; a luta foi remida. Ela ajoelhou-se diante de hum imagem da Santíssima Virgem, e pediu-lhe, com respeito e devoção, que do alto de sua morada celeste lançasse os olhos de misericórdia sobre o seu amante, que a guerra lhe arrancara dos braços. Nove horas soava.

Hum homem pallido, com os olhos espantados e hum pistola na mão, entra de repente. Era Eugénio. Ella reconheceu-o, e gritou-lhe, atraindo-se nos seus braços:

— Edás salvo?

— Não.

— Mas vives?

— Vencido.

— A vitória?

— He delle.

— E agora?

— Só me resta a morte ou o exílio.

— O ultimo, so tuas, salva tua vida.

— So a quero salvar, vem comigo.

(*) *Vide Jornal do Commercio de 13, 14 e 15 de março,*

— Não posso.

Elle sorrio sardonicamente. Ella começou a chorar. Espetaculo terrivel, onde o coração do homem não pôde conservar-se impassivel!

— Pois morrerei, disse-lhe elle desesperadamente.

— E me queres tambem ver morta? perguntou-lhe Isabel.

— Tu morrer?... Oh! nunca! nunca!... Por piedade, assim me não mates!

— Então, fuge.

— Eu fugir sem ti? Ir menegar a estranhos lares, longe do unico ente no mundo que eu amo? Oh! não! Vem comigo, Isabel! Partamos para o Brazil, para esse imperio nascente que tantos recursos offerta aos infelizes!... Deixemos esta terra regada com o sangue dos martyres da liberdade; terra profanada por sicarios e bandidos!... Deixemos Portugal entregue a D. Miguel e a seus infames satellites; vamos respirar a atmosfera da liberdade.

— Eu!... Como és injusto!... Pózo, acaso, deixar minha familia, meu velho pai, minha boa e leal mãe, para seguir-te, quando se que, de desgostos, elles morrerão!... E, seguindo-te assim, não perderei eu mesmo parte da tua estirpe, e poderás sobreviver-lhe o amor?

Eugénio conheceu então toda a enormidade de sua situação... Entre o catástrofe e a fuga, elle balanceava até então, porque pensava que esta seria seguida de todas as venturas do presente, guardando-se apenas a reminiscencia de hum fustebre passado... E, agora, a justa decisão de sua amante o fez estremecer todo... a emigração longe de sua patria, a saudade que o devia carcomir por aquelle solo de seus primeiros praezos, de seus primeiros dias e dos seus amores, ligava-o a vida da ausencia de Isabel, da unica creatura que delle livra piedade em criticas circumstancias...

— Congem! lhe disse ella para socorrer-lo; coragem e esperança, Eugénio!... Deos he todo piedoso!... Elle se lembrou de nós!... Parte, ama me sempre, e conta que hum dia, voltando á patria, mais feliz do que agora, mais con-

cente e alegre, de novo me revejas e conheças!... No entanto, posso-te alcançar huma fidelidade eterna!

— Juras-me?

— Eu fo juço.

— Concohes tu toda a força, toda a grandura do juramento que acabas de prestar, Isabel? Sabes tu que, quando cessares de amar-me, eu cessarei de viver?

— Sei.

— Pois então, Isabel, adeos!... E que o Senhor nos ajude a ambos!

— E os dois amantes se separarão.

VII.

Ha perto de Coimbra hum pequena planície, toda plantada de oliveas, e rodeada de muitas quintas pittorescas, donde os pastores fazem pascor seus rebanhos, e os poetas só receber inspirações. De hum lado se eleva huma alta collina de pedra, chamada pelos Coimbraes o *Penho da saudade*.

Eugénio, depois de deixar sua amante, encaminhou-se para aquelle penho, subiu a seu cume e lançou os olhos sobre o valle dos oliveas. A luz brilhava no céu, e esclarecia a terra. O espectáculo melancolico daquelles oliveas, que tanto se assemelhão aos chorões, que se converterão ao lado dos tumulos; o nome do penho em que se achava; a sua presente situação, prestes a desaparecer sua patria, para salvar sua vida, e vendo, quem sabe se pela ultima vez, silios de sua infancia, despertado nello idéas tão dolorosas, que não pôde reter suas lagrimas.

A victoria coube a D. Miguel e a seus sicarios... so o exílio restava a aquelles que haviam pugnado pelo bem de seu país!...

Suados aquelles silios, banhado em hum pranto copioso, disse-lhes hum adeos tão lesto, que bem parecia dever ser o derradeiro.

VIII.

Na igreja de Santa Cruz se rendião graças ao Todo Poderoso pela victoria alcançada pelos migueiistas. O rei e os frades se lavião dado as mãos, para unidos dominarem o mundo. O altar e o trono combináram-se para mergulhar em hum pelago de males aquelle desdido paiz. Acaso o Deos, para quem parecia subir os votos desses hypocritas e malvados, de bom grado os acciaria? Acaso aquelle incenso profanado e impuro, que exhalava o libribulo sagrado, não se perdia nos miasmas putridos dos ares, antes de chegar aos pés do eterno creador do universo? Como poderia o supremo arbitro dos mundos receber homenagens offerecidas por mãos ainda tintas de sangue humano, dedicadas por corações garrados de vícios e crimes?

Oh! Porque não cabio o raio vingador sobre as cabeças daquelles sicarios, que no templo risibol se reunião, capitaneados pelo mais vil de todos os homens.

Eugénio dirigio-se ao *Callegio da Sapiencia*. Parece que hum idéa triste o dominava, que elle nunca mais vicia aquelles lugares, e por isso o queria saudar hum por hum, antes de partir. Pelo subterraneo, que communica o collegio com o mosteiro de Santa Cruz, que nessa noite de desolção, de guerra, de fogo e de sangue, estava aberto para todos, elle encaminhou-se para o lugar, onde depositadas se achão as cinzas de Alfonso Henriques. Elle pretendia derramar algumas lagrimas sobre o tumulo do grande homem, que abriu a estrada da gloria para a nação portugueza, que a fez independente, valerosa e grande. Elle queria saudar ao heroe a monarquia, já que a havia saudado no tumulo, porque, em sua opinião, a patria dos Camões, Castros, Camões e Albuquerque tinha exhalado o ultimo suspiro de vida, com a elevação de D. Miguel ao trono. Aqueilão perto desse tumulo, que em 1502 devia ver arrasado e destruido pelo usurpador do trono de Maria II, porque nelle sua cobiza esperava encontrar ouro e riquezas, fugião disse-lhe o derradeiro adeos, reclinando

aquele bello soneto, que o marechal Luiz Paulino, poeta brasileiro, ali mesmo improvisára, quando os Franceses, senhores de Portugal, mandáram desamarrar a frota lusitana:

A teu pé, fundador da monarquia,
Vai ser a tua gente desarmada;
Reinde hoje a tração a fúte espada
Que jamais se rendeu a violência.

Oh! rei se minha dor, minha agonia
Poderá pôde sepulchral murada,
Arouba a cunha, e com a mão mirrada
Corre a viúva a affronta deste dia.

Ea, fêi, qual te foi — Muiz — teu pagem,
Fiel sempre serêi; grata esperança
Me supra o fogo de immortal coragem.

E o pranto que a teus pés minha dor lança
Reclama, grande rei, por vassalagem
Aciloso, em protesto da vingança.

e insistentemente partio de Coimbra... Na Figueira embarcou-se para o Rio de Janeiro.

— Na terra vaga errante o infeliz exilado. Sallust, tendo piedade delle! —

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

PARTÉ II. — Rio de Janeiro.

I.

Aquelles que hum dia, longe dos pálios lares, longe da casa paterna, voltáram seus pensamentos para remota tempo da infância, em que tudo em torno lhes parecia sorrir

desde a planta até o homem, em que tudo revelava amor, e exortava a viver... podem formar hum idéa, senão exacta, ao menos approximada, do estado de hum emigrado, só, e isolado em hum mundo que lhe não falla, que não o entende, nem o ouve...

Embora fosse bello o paiz, civilisado e hospitaleiro seus habitantes, pittorescas suas montanhas, magesas suas arvôres, ha entretanto no homem huma idéa fixa — *inutilidade* — que, rasgando o painel de hum passado que lhe fora agradável, mais ainda o afformosça, com encantos maiores o desentia no espirito... e então a dura saudade, esse terrivel e doce espinho que tortura, mas que alimenta, que envenena os instantes da existencia, doando-a entretanto, salve impri-mir a alma huma dor, hum sentimento indelével, que nada poderá vencer e dominar....

Os medos acháram hum nome tecnico para exprimir essa idéa, tão familiar aos infelizes que amão sinceramente o seu paiz natal. Ella produz huma moléstia incurável que, pouco a pouco, vai debilitando o corpo, e approximando o homem do sepulchro... Chamão-lhe *sadage*.

Eugenio admirava o bello paiz que lhe offerecia hum asylo seguro... mil vezes se extasiava diante de bellas lambeas, que seus olhos nunca encontráram na Europa. Entretanto, elle dizia consigo: — He sublime esta natureza, são bellas estas arvôres, são lindas estas flores; mas, não são a natureza, as arvôres, as flores do meu paiz natal.

E que lagrimas, que pranto copioso lhe escapavam dos olhos e lhe inundáram a face, quando, com seu pensamento, elle media a distancia que o separava de sua amada e de sua patria; quando elle via, como huma barreira invencível, esse oceano immenso que se collocára no meio para alternar as imaginações, separar honras que se procuravam e se encontráram... certo sem principio nem fim; immovel hoje, enlurcido amanhã; risinho agora, lambeas logo...

Quantas vezes, passando elle pelo mouro do Candelão, e, oh!, esperando a vista pela vasta bahia de Rio de Janeiro,

vento entrar e sair tranquillamente navios para todas as partes do mundo; ao alvir de cada vela que se levava, ao menor movimento que fâz a embarcação quando ergue a ancora e se dirige ao mar, sentia seu coração despedaçar-se-lhe, e huma voz interna como que convidá-lo a enviar pelos ventos á patria as tristes saudações de hum exilado que, com o pensamento nella, de dor definhava longe.

A felicidade, dizia elle consigo, não he mais que huma irritação terrivel... Embora no berço mil brados de alegria nos saudassem, embora nossa infancia se embalsamasse com perfumes e amor; hum aijo, hum aijo embora descesse do céu para adotar nossos dias, encantar nossas horas, alegrar nossos instantes, nem assim poderíamos dizer — *Somos ditos*! — porque a felicidade he huma especie de sonho sem sentido, do locura de momento! A felicidade he palavra sem significação, sem objecto que exprima!

En tinha huma má que amava; trocava de continuo com ella sorriso por sorriso, caricias por caricias. Ella morreu, no entanto... Feliz! oh! que não!... Meu pai a torturava!...

« Faltava-me huma amada... Oh! Isabel! Isabel! Quando pronuncio este nome, elle queima-me o coração como huma lava do Vesúvio... »

« Tinha huma patria; que he feito della? Homens indigenos lhe sorvem a ultima gota de sangue!... So o infeliz emigrado pôde comprehender o que seja huma patria!... »

« Huma má, huma amante, huma patria, não se peço mais nada, oh! meu Deus!... »

II.

No Brazil, violentas commoções reinavam todos os dias; a guerra civil parecia imminente, porque os partidos estavam exasperados, as paixões irritadas, e o governo impotente e fraco. Huma luta terrivel se preparava; luta desastrosa para o paiz, porque della resultou a sahida do homem que des-

prezava sceptro, corôa, reino, familia e paiz natal, para unir seu destino á sorte de hum povo nascente; partilhar seus trabalhos, suas fadigas e sua gloria... luta não marchada no seu principio com o sangue de irmãos, mas que, relaxando no futuro todos os laços da sociabilidade e unido, preparou as sanguinarias rebeliões do Pará, Bahia e Rio Grande.

D. Pedro I, o heroe da independencia do Brazil, abdicou a corôa em favor de seu filho; deu-se o seu paiz de adopção e partio, para de novo empunhar as armas e combater pela liberdade de outro povo...

Seu nome inscreveu-se na pagina a mais gloriosa dos annos de duas nações, huma que na hora da decadência pretendia regenerar-se, e a outra encetando apenas a sua carreira.

Eugenio correu com enthusiasmo a alistar-se nas fileiras dos bravos que devião salvar Portugal dos garras do despotismo atroz que sobre elle pesava... Novamente sacrificava-se pela liberdade... mas agora com prazer maior, com mais sublime enthusiasmo. Elle ia rever aquelles lugares onde se desistáram seus primeiros annos; rever Isabel: que lhe importava o resto?

Liberdade! liberdade! És tu hum sonho vão, hum raro passageiro, que passas e desapareces? Rios de sangue immediatamente ten berço; queres ainda mais pranto, mais lagrimas, mais dores e mais sangue?

FIM DA SEGUNDA PARTE.

P. 8.

(Continuar-se-há.)

FOLHETIM.

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANÇO DE J. J. V. DE ALMEIDA.

PARTE III. — Porto. (1832)

I.

Estamos no Porto, leitor, na cidade mais nobre e mais bela do reino de nossos avós. É-lhe cercada de hum exercito immenso, capitaneado por hum general estrangeiro, que acreditou vencer homens livres, como venceu os escravos do Bay de Argel! — É o povo que guardava e defendia seus muros, era pouco, mas bravo, mas escolhido, que aprendeu a morrer, mas não a entregar-se... Eáo estes poucos homens, que ajudaram as frotas do infante nas aguas da Ilha Terceira: os poucos que resistiram ás balas e ao júbilo, á morte no campo da batalha, e á morte nos caules e lugares ermos; eáo os poucos que se bateram como cães desesperados, que destruíram e derrotaram as mais bellas tropas do surpado...

E, o seu valor, e o seu entusiasmo communicava-se a todos que os vião e os rudiávão. O bello sexo partilhava também tamanha gloria; homens e mulheres lutavam em esforços, em descanço, em resignação... Homens e mulheres sacrificavam-se alogres e contritos pelo bem e liberdade de sua patria.

(*) Folh. Jornal do Commercio de 15, 16, 17 e 18 de março,

— Como vai elle? perguntou hum mulher, coberta com hum manto preto, entrando para o hospital dos officiaes, ao medico que delle sabia.

— Melhor, respondeu-lhe o Doutor. — He preciso socoço. E ella se encaminhou com outras mais do seu seo, que se applicavam a curar e tratar dos feridos; para hum sala, onde se achavão muitos leitos. Sentou-se perto de hum, e, lema e melancolicamente, começou a olhar para quem nelle tranquillamente dormia.

Quem a visse naquella posição, de certo que se admiraria de encontrar humm tão bella senhora empregada em semelhante mister.

Tinha a prisioneira melancolica e romantica das formosas Venezianas, as mais bellas filhas do Adriatico; hum corpo delicado de Franceza, humm graça e doçura de Brasileira, e hums olhos fogosos de Hespanhola. Os cabellos ondevião-lhe sobre os hombros, tão pretos como o diamante. — Isabel, disse-lhe o doutor, acordando e ganhando vida com o aroma virginal que em torno delle se evaporava; já aqui tão cedo? Como pagar-te tantas fmezas?

— Se por tí dei-me meus pais, minha familia, que mais poderei fazer, que exceda aquelle sacrificio?

Eugenio, que era o doutor, encinou-lhe a mão de mil beijos, e admittiu com toda a liberdade humm tão grande devocio, tão sublime amor da parte de humm donzella...

Apenas chegou ao Porto com a heroica expedição que acompanhava o duque de Bragança, elle soube que ali se achava a familia de sua amada, cuja lembrança e amor mais ainda havia exaltado a auencia de alguns annos; pousou-a immediatamente, humm minuto mais que tardasse, adeus, voltee-se sobre os pais de infancia, adeus, ventura da vida!... porque os pais de Isabel partira no mesmo dia para Coimbra, e deixava o Porto, que achava de ser humm e occupado pelo ex imperador do Brazil.

Isabel não pôde resistir a vida de seu amante, ella estava

prestes a entrar para hum convento, agulhar no segredo e no mysterio das praticas religiosas humm vida, que ella recusava dedicar a outrem, que não fosse aquelle que sua alma escolheira, que seu coração dominava.

Deitou familia, e, em despeito dos desejos e esperanças de seus pais, ficou no Porto, e esperava a todo o instante que Eugenio se restabelecesse de humas feridas que havia recebido no primeiro combate que teve lugar entre as tropas do usurpador e o exercito constitucional, logo que este se fortificou na cidade.

Eugenio considerava-se o homem mais feliz do mundo, por ter conseguido reinar sobre aquelle coração como em hum tempo; elle não cessava de admirar, a par de seus entes physicos, ao lado dessa belleza que eclipsava tudo, aquella candura d'alma, aquelles nobres sentimentos de heroína, que batião no peito de Isabel.

Cada vez mais amoroso, mais apaixonado, elle dividia seus pensamentos entre os cuidados que reclamava o seu posto e o amor, e os carinhos que dedicava a seu amor. Nem a patria, nem Isabel, tinham razões de queixa, porque elle soube amar a ambos, e com a mesma força; e Isabel unicamente, lembrando-se de quando em quando que humm bala do inimigo o poderia roubar á patria e ao seu amor, deixava cabir algumas lagrimas de seus bellos olhos, que se deslizião sobre seu bello rosto, como flos de perola...

II.

O dia havia sido terrivel, e quem olhasse para as aguas do Douro, que, roscando, tristemente marchavam para o oceano, pensaria que o rio se desajava ondas de sangue.

Os dois exercitos, silvas e silvas, expunhão-se á vista de tanta carnagem. Foi humm das mais terribes batalhas que tiveram lugar, durante essa epocha memoravel e glo-

riosa do cerco do Porto. Os vencedores a denominarão — 23 de setembro.

A noite que succedeu a esse dia pareceu com elle partilhar as dores. Escura em demasia, verdade he que occultava o horror do campo ensanguentado; mas, quem por ali acaso fosse, a cada passo abalroava-se com hum cadaver, ou escorregava no sangue coallado que cobria o chão...

Se dos biquetes militares escapava de instante a instante humm luz, como que amortecida, a seu rosto reflexo, como á fôrça de humm fúria, scenas se mostravão, que só o inferno poderia igualar... que Satanás unicamente poderia ver sem estremeamento e horror.

Os edificios da cidade do Porto, e principalmente a Torre dos Clerigos, donde pendia humm ou outra luz desgarrada, atravessando o negro horizonte, assemblavam-se ás ruínas de Thebas e Pámyra, onde somente rebôa a voz agoureira do moncho e o canto fúnebre da coruja. Apenas o silencio do tumulto, que reinava naquelles lugares, era interrompido pelo rumor pendo das vagarosas passadas do soldado que estava de guarda, ou pelos gritos raros e distantes de alguma senhella peribida.

Hum homem, entretanto, errava pela margem do Douro que banhava a base do convento da Serra do Pilar. Seria algum genio infernal, que, no meio de tantos horrores, se diligi-se acaso ao campo da batalha, para ric-se, combater e galopar com os mortos?

Elle aproximou-se do rio, mediu-lhe com os olhos a profundidade, e ajuizou-se no meio de suas vagas.

Ao barulho, entretanto, das aguas fúndidas por seus esforços, a senhella do Porto grison-lhe, sobresaltada — Quem vem lá?

Elle estremeceu, hum terrivel pensamento o deteve; se reuente, a senhella fará sem dúvida fogo, se conculca a stramar o rio, que resposta lhe ha de dar elle, que ignora o patio e a mella?

Pára, portento, e espera imóvel, apenas reguardo acima d'agua a cabeça. O guarda, nada mais ouvindo, attribue aquelle rumor á correnteza e choque das vagas; immediatamente, porém, de novo elle resoa, e, quem vem lá? grita o seninella.

— Amigo, responde-lhe do rio humo vóz forte.

— Chague á fúlia!

E a seninella o foi reconhecer.

— Meu bravo, disse-lhe o homem, tu não sou equivo. Toma este dinheiro. Eu te juro que aqui venho por causa de hum moço sonente.

— Aqui não se passa, recua!, responde-lhe o guarda, ide á outra seninella.

Então o homem se encaminha para a outra seninella, que estava postada na distancia de trinta passos d'aquelle lugar. Offereceu-lhe o dinheiro, a seninella recebeu-o, e enfiou na cidade.

No seguinte dia, no lugar reservado ao supplicio dos trabalhadores, hum degradado, com os olhos vendados e de joelhos, recbia vinte bels, no coração.

Era a segunda seninella que se fuzilava...

A primeira, acaso adivinhas quem seja?

O proprio duque de Bragança, ex-imperador do Brazil!

III.

— Ai! gritou Isabel, saltando do seu leito, toda tremula. Quem são vós? Que subleia aqui vo trouxe?

— Quem sou? responde-lhe hum homem alto, magro, com a physiognomia pallida e macilenta, e acompanhando esta phrase com hum riso sardnico e infernal. Quem sou? Pode assim esquecer Coimbra e seus habitantes, e tuu prosta familia?

— Antonio Gonçalves? gritou ella, reconhecendo-o...

— Não, Antonio Gonçalves! É coidava que elle te havia

desaparear no meio de humo soldadesca sem disciplina, sem fúcio; de homens sem pundonor, sem religião?

— Deí-vos, por ventura, o direito de velar sobre mim?

— Não, mas tomei-o por minhas mãos, porque te amava.

— Agradeço-vos, e no momento actual vos não posso ouvir falar assim. Sou casado.

— Sei-o.

— Então deixai-me, e para sempre.

— Oh! Eu deixai-le! Engana-te; agora que te tenho em meu poder, que te posso calar a meus pés... desamparar a minha vítima!... Isabel! estames vós!

Ao ouvir esta palavra, a infeliz Isabel deixou-se cair sobre o leito, com os olhos espantados, e como querendo sair fóra de suas orbitas. Ella comprehendeu toda a enormidade do abismo em que se achava... olhou com horror e desprazo para esse homem, que assim pretendia aliar de suas forças contra humo fraco mulher...

Elle aproximou-se do leito...

— Recua!, gritou-lhe ella, e, clegando-se para humo janella que dava sobre humo pequeno e estreito buco, onde estava a casa situada, disse-lhe, mansamente, e como fazendo efforço sobre si mesma: se dets hum passo para mim, eu me alizarei por esta janella.

— Então, responde-lhe elle furiosamente, minha virguez será ainda peor... Elle morrera!

De repente abre-se a porta do fundo, e Eugénio se apresenta dentro da camera, indague! exclamou elle, e avançou com a espada desembainhada...

Gonçalves diz precipadamente do bolso humo pistola e a dispara...

Isabel, crendendo esse movimento, afira se sobre um espomo para salvar-o... Foi ella quem recebeu o tiro, e cahiu lambada no seu sangue!...

IV.

... Hum povo immenso enche a praça das execuções militares. Hum homem, accusado de se ter introduzido na cidade eterna, como equivo do exercito de D. Miguel, e de haver assassinado a esposa de hum tenente do bravo batalhão dos voluntários constitucionaes, ia ser fuzilado...

V.

O sol appareceu, com toda a sua magestade, no dia 10 de outubro de 1832. Por cima das bellas colinas, que cercio as duas margens do Douro, gravitava elle fortemente, em hum brilhante céu azul-claro.

O Douro rolava mansamente suas aguas, fulgurando com os raios do sol, que se quebrava na sua superficie. Dir-se-ia que o rio, naquella dia, pretendia eguier acima, e mostrar a todos, as pallidas fúrias do seu leito.

Os dois exercitos, constitucional e miguelista, marchavam hum contra o outro.

Vencedores! será acaso para vós este o sol de Austria? Vencedores! que nome lhe dades? Erguei-vos, victimas de // arria!... o astro do dia, do seo do seu esplendor, vos allumia e esclarece!

Tocádo as trombetas. As tropas se collocão em linha de batalha. A quem a victoria? Oh! Senhor dos exércitos, olhai para os defensores da patria!

Hum esturdo horrroso fez-se ouvir. Todo o foror das conquistas dos raios, quando estremecem e atemorizam a terra, não poderia igualar o rumor que produziro essas milhares de armadas balas, que do exercito dos silencios partiu. No Porto lhos repórtem do mesmo modo, e, em hum momento, a cidade e as suas bellas torres e auster, e

montanhas e os seus exercitos, desaparecerão em huma nuvem de fumo, de cujo seo apenas escaparão, de quando em quando, os gritos e gemidos dos agouantes...

Os silencios dirigirão-se, então, para o convento da Serra. O forte que ali foi edificad, domina o Porto, e sua posição he optima para manobrar. Os miguelistas pareciao não ter outro fúio senão a sua tomada. Elles subirão deo-dadamente até acima; lá, porém, haviam bravos, que responderão aos silencios pelo fogo o mais energico e impetuoso. Mas, já lá se vai a tropa constitucional rendendo, e o seu estandarte sendo presa dos inimigos, quando hum joven official se afira imprudentemente á brecha, ali derroca e derruba tudo o que se lhe ante-opõe, e de novo, entre rios de sangue, ergue o real estandarte.

Este acto de heroismo dá novo vigor aos constitucionaes: em hum instante, os miguelistas mais corajosos, que subirão ao forte, são delle precipitados.

Os silencios não se batem mais como homens, mas como tigres furiosos, que dispersão e estragão tudo: nada, allegres, no sangue dos inimigos, e esse sangue horrifica os estandartes ambrancos da rainha de Portugal.

Durou tres dias o ataque do forte da Serra. Os constitucionaes ganháto a victoria. Deon he juto.

Entre os bravos, porém, cuja morte teve de chorar o exercito libertador, coubo-se o valoroso tenente que salvou o estandarte e o forte, na occasião do principal ataque.

Chamava-se Eugénio José do Souto, e era tenente do batalhão dos voluntários.